

CASA *DOS*
ESTUDANTES
DO IMPÉRIO
1944 -
1965





“A Casa foi, a despeito da sua pequenez, pouco mais do que uma esquina... um pequeno farol de juventude para um mundo novo”

L. B. Honwana, citado por Óscar Monteiro (2014)

09

Introdução

14

Cronologia CEI

16

Cronologia Portugal
e o Mundo

23

O Desmoronar dos
Impérios Coloniais

39

A Casa por dentro
A Fundação

59

A Casa por dentro
Social

67

A Casa por dentro
Sócios e Camaradagem

101

A Casa por dentro
Cultural

119

A Casa por dentro
Editorial

127

A Casa à descoberta
do mundo

143

À volta da Casa

165

A Casa vigiada

191

Para lá da Casa

234

Fontes e Bibliografia

237

Ficha técnica
da exposição

238

Ficha técnica
do catálogo

FERNANDO MEDINA

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA

O exercício da memória não é uma mera rotina. Por isso, quando recordamos a Casa dos Estudantes do Império, estamos a lembrar um passado colonial que não queremos ver repetido e estamos a valorizar a coragem daqueles que lutaram para a construção de uma identidade cosmopolita e moderna no Portugal democrático.

A Casa dos Estudantes do Império foi um farol de liberdade numa longa noite marcada pelo fascismo e pelo colonialismo. Teve um papel fundamental na formação intelectual de homens e mulheres que, em poucos anos, viriam a assumir posições destacadas no processo de descolonização, independência e construção dos países saídos do império português.

A Casa foi criada para incentivar e consolidar uma ideologia de aceitação, ou melhor, de submissão ao colonialismo por parte dos estudantes, mas teve um efeito inverso, pois cedo se transformou num centro de luta anticolonialista, onde foram tomadas posições corajosas em defesa da emancipação dos povos das colónias.

Comemorar e lembrar a história da Casa dos Estudantes do Império é visitar um Portugal agrilhado, que também soube desembaraçar-se dos tentáculos impostos pelo Estado Novo. É visitar os cenários de Lisboa onde se lutou contra a opressão e pela liberdade de todos. A história é feita por pessoas, em momentos determinados e em sítios concretos, sendo a Casa, sem dúvida, uma das instituições que deu um contributo relevante para as transformações que ocorreram após 25 de Abril de 1974.

VITOR RAMALHO

SECRETÁRIO GERAL DA UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS
LUSO-AFRO-AMERICANO-ASIÁTICAS (UCCLA)

Em outubro de 2014, pela passagem do 70º aniversário da Casa dos Estudantes do Império (CEI), criada em 1944, a UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa iniciou, em Coimbra, a homenagem que há muito era devida aos associados da CEI.

A CEI, criada para apoiar a integração desses jovens em Portugal e conceder-lhes apoios sociais com o propósito de os cativar a servirem o regime quando regressassem às colónias de onde eram naturais, acabou por se converter no oposto. Isso deveu-se ao início dos processos de descolonização em África e à generosidade da juventude, consciente do anseio irreprimível à liberdade e à independência dos povos.

Em 1961, mais de uma centena desses jovens empreende uma saída coletiva, organizada de Portugal, com muitos deles a tornarem-se dirigentes e quadros dos movimentos e partidos políticos entretanto criados nas ex-colónias.

A CEI foi um importante instrumento de formação anticolonial, mercê da solidariedade criada pelos associados, sem

distinções e com a cumplicidade dos jovens estudantes universitários portugueses, também sujeitos ao mesmo regime ditatorial. Em 1965, a CEI foi encerrada pela polícia política (PIDE).

A homenagem prosseguiu em Lisboa, com a realização de um Colóquio Internacional em 2015, passados cinquenta anos do seu encerramento.

Concluíram-se as comemorações no dia 25 de maio, coincidindo com o dia de África.

Ainda no mês de maio ocorreu a grande exposição Casa dos Estudantes do Império -Farol de Liberdade, com a cooperação da Câmara Municipal de Lisboa, refletida neste Catálogo, exposição essa que já percorreu também as cidades da Beira, Maputo, Mindelo, Porto e Praia e que circulará no futuro por muitas outras.

A homenagem foi possível mercê da participação de muitos, trabalhadores da UCCLA, da CML e de um grupo de trabalho que integrou Aida Freudenthal, Carlos Veiga Pereira, Cláudia Castelo, Luis Todo Bom, Rute Magalhães e Judite Cília.

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO – FAROL DE LIBERDADE

A criação da Casa dos Estudantes do Império (1944-1965) foi sugerida pelo ministro das Colónias e apoiada pela Mocidade Portuguesa, para reunir numa só associação os jovens “ultramarinos” a estudar na metrópole. Além da sede em Lisboa e da delegação de Coimbra, houve uma tardia e efémera delegação no Porto. A Casa cedo subverteu as expectativas oficiais de um corpo obediente e alinhado com a ideologia imperial. Se o grupo fundador tinha simpatia do e pelo regime, a maioria dos elementos das direcções eleitas que se seguiram contestou a ditadura e o colonialismo. Pela Casa (ou melhor: pelas Casas) passaram jovens de diferentes proveniências geográficas, de diferentes etnias, de diferentes origens sociais, culturais e económicas, de diferentes religiões e com diversas posições político-ideológicas. Juntos defenderam a liberdade e a independência da Casa num país fascista. Muitos deles viriam a participar nas lutas de libertação nacional, alguns dos quais em posições

de destaque como militantes e dirigentes, outros como participantes na construção dos novos países africanos independentes. Constituída por seis núcleos – O desmoronar dos impérios coloniais; A Casa por dentro; À volta da Casa; A Casa à descoberta do Mundo; A Casa vigiada; Para lá da Casa –, a Exposição, essencialmente documental, visa reconstituir o percurso da Casa dos Estudantes do Império, inserindo-o no contexto nacional, imperial e internacional mais alargado; bem como dar a conhecer o universo humano que a compunha, a natureza e impacto das suas atividades, as relações estabelecidas com o mundo exterior (a Oposição portuguesa, o movimento estudantil, redes de solidariedade anticolonial internacional, etc.), o processo de (re)descoberta dos seus territórios e culturas de origem, e a importância do seu legado histórico.

A Casa foi alvo de rusgas e apreensões e finalmente encerrada pela polícia política da ditadura. Por isso, o que resta do seu arquivo institucional encontra-se no Arquivo da PIDE na Torre do Tombo. A exposição vive dos materiais que foi possível reunir, fotografias, publicações periódicas, livros, documentos oficiais, etc., muitos dos quais na posse de antigos associados que generosamente os cederam, outros disponibilizados pela Torre do Tombo, pela Biblioteca Nacional de Portugal, pela Hemeroteca Municipal de Lisboa, pela Imagotheca da Câmara Municipal de Coimbra, pelo Centro de Informação e Desenvolvimento Amílcar Cabral - CIDAC, entre outros arquivos e bibliotecas nacionais e municipais.

Em Lisboa, Coimbra e Porto, universidades e institutos foram frequentados por jovens provenientes do então império colonial, onde tais instituições eram inexistentes. Graças ao intenso convívio diário entre os sócios, a ambiguidade identitária de

uns foi sendo clarificada, permitindo a muitos jovens reencontrar-se e projectar o seu futuro individual e colectivo.

Dois vetores da exposição merecem particular destaque: o que foca as contradições entre o projecto oficial que presidiu à criação da CEI e a dinâmica interna que conduziu ao afastamento da Casa dos propósitos enunciados pelo Estado Novo; e o que incide nos processos de consciencialização cultural e política e de crescente contestação do sistema colonial, em consonância com o movimento que emerge no rescaldo da II Guerra Mundial e se estende até aos anos 60, de afirmação dos nacionalismos asiáticos e africanos.

A Casa foi um pequeno farol de liberdade e solidariedade, um nó numa vasta rede de agentes, ideias, instituições e movimentos transnacionais de resistência ao colonialismo, uma imprevista antecâmara de independências futuras.

1940-1949

1942 dez fundação da Casa dos Estudantes de Moçambique- Coimbra

1943 nov fundação da Casa dos Estudantes de Angola - Lisboa

1944 jul fundação da Casa dos Estudantes do Império - Lisboa

nov instalação da CEI na Av. Duque d' Ávila, 23 -Lisboa

dez abertura da Delegação da CEI - Coimbra

1946 "Meridiano", Boletim da CEI - Coimbra

1948 jul "Mensagem". Circular da CEI. I série, nº 1 - Lisboa

ago "Mensagem Angolana". Nº único. Secção de Angola. Lisboa

1950-1959

1951

- "Poesia em Moçambique". Separata de "Mensagem"
- Linha do Horizonte. Aguinaldo Fonseca. CEI Lisboa
- Formação do Centro de Estudos Angolanos. R. Actor Vale 37. Lisboa

1952
mai. 30 Godido e outros Contos. João B. Dias. CEI Lisboa
nomeação da 1ª Comissão Administrativa

1953 Poesia Negra de Expressão Portuguesa. Org. de M.P. Andrade e F. Tenreiro

1954 última reunião no Centro de Estudos Africanos

1957 jan. 25

- extinção da 1ª Comissão Administrativa
- aprovação dos novos Estatutos da CEI
- "Mensagem". Boletim da CEI. 2ª Série. Lisboa

1958 criação da Secção de Estudos de Estudos Ultramarinos

1959 Antologia dos Poetas Angolanos. CEI. Lisboa

mar. 14 formação da Delegação da CEI no Porto

1960-1965

1960 nov "Mensagem ao Povo Português dos Estudantes Ultramarinos"

1961 jan encerramento pela PIDE da Delegação da CEI no Porto

1962 Auto de busca e apreensão de panfletos na CEI

1963

- corte de subsídios à CEI
- Anti-Colonial. Nº 1

1964
jul Negritude e Humanismo . Alfredo Margarido. CEI. Lisboa
jul-out - último número da "Mensagem"
- prisões e processos contra estudantes da CEI

1965 set. 2-6 Encerramento pela PIDE da CEI em Lisboa e Coimbra
dez. 12 - Espólio da CEI depositado no reduto Sul do Forte de Caxias

1940-1949

1942 ago. 8 Movimento Quit Hind. M. Gandhi

1945 maio 8 fim da II Guerra Mundial

jun. 26 Carta das Nações Unidas assinada na Conferência de S. Francisco

ago EUA lançam bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima

out. 15-18 V Congresso Pan-Africano. Manchester

1947 jan. 22 manifestação de desobediência civil em Goa

jun. 28 criação do MUD Juvenil

out. 18 criação do RDA na Cimeira de Bamako (Mali)

nov. 13 início da Guerra da Indochina

1948 Movimento cultural “Vamos Descobrir Angola”

- Candidatura de Norton de Matos à Presidência da República

- assassinato de M. Gandhi

1949 abr. 4 adesão de Portugal à NATO

out. 1 Fundação da República Popular da China

1950-1959

1950 fev. 27 Proposta de Nehru relativa à integração de Goa na União Indiana

mar Apelo de Estocolmo a favor da Paz

1951 - Movimento dos Novos Intelectuais - Angola

jun. 11 - Mensagem. Revista da Anangola. Luanda. 4 números

- revisão constitucional. Colónias passam a ser designadas “províncias ultramarinas”.

- visita de Gilberto Freire a Portugal e às Colónias

out os estudantes de Coimbra decretam o “Dia do Estudante”

1952 - revolta dos Mau-Mau no Kenya

fev. 20 - manifestação estudantil (Medicina e IST) contra a NATO

1953 fev. 4 “Guerra de Batepá”. S. Tomé

jun. 18 fundação da república egípcia

dez a União Indiana inicia o bloqueio a Goa

1954 mai. 6 tomada de Dien-Bien-Phu aos franceses

mai. 20 aprovação do Estatuto dos Indígenas portugueses da Guiné, Angola e Moçambique

jun. 24 ocupação de Dadrá e Nagar Haveli

jul. 21 fim da Guerra da Indochina

nov. 1 início da Guerra da Argélia

1955

abr. 18-24

Conferência de Bandung

dez. 14

entrada de Portugal na ONU

1956 ago

I Congresso de Escritores e Artistas Negros. Paris. Sorbonne

set. 18

- fundação do PAIGC

- independência de Marrocos e Tunísia

dez. 10

Manifesto “Um Amplo Movimento”

dez. 12

Decº. 40900 seguido de protestos dos estudantes

1957 mar. 3

independência do Ghana

jun

juízo no Tribunal Plenário do Porto de 50 jovens do MUDJ

set. 8-15

V Congresso do PCP

nov. 15-18

criação do Movimento Anti-Colonial em Paris

dez. 16

Conferência Afro-Asiática (Cairo) sobre o direito dos povos à autodeterminação, à soberania e à independência

1958 mai

candidatura de H. Delgado à presidência da República

out. 2

independência da Guiné- Conacry

out

Conferência de Escritores Afro-Asiáticos (Tashkent)

1959 jan. 1

Fidel Castro derruba o regime de F. Batista. Cuba

ago. 3

Massacre de Pidgiguiti. Bissau

1960 jan. 1

Manifesto do Movimento Anti-Colonialista

jan. 28

constituição da FRAIN

jun. 16

massacre de Mueda (Moçambique)

jun. 30

- Manifesto do MPLA ao Povo Português

- independência do Congo ex-belga

dez. 15

Assembleia Geral da ONU condena o colonialismo português

1961 jan

assassinato de P. Lumumba no Congo

jan-fev

revolta na Baixa de Kassanje. Angola

jan. 4-7

Conferência dos Chefes de Estado Africanos. Casablanca

jan. 21

Operação Dulcineia” - assalto ao Santa Maria

fev. 4

início da guerra de libertação em Angola

mar. 15

ataques da UPA no Uije. Angola

abr. 18-20

I Reunião da CONCP. Casablanca

set. 22-26

Congresso da UGEAN. Rabat

out. 30

Nehru convoca Seminário sobre colonialismo português. Delhi

dez. 18-19

ocupação de Goa, Damão e Diu pela União Indiana

1962 mar. 18

fim da Guerra da Argélia

mar. 24

proibição do Dia do Estudante e agitação estudantil

mai. 10-11

greve de fome na Cantina Universitária de Lisboa

mai. 24

prisão de estudantes pela PIDE

jun. 25 fundação da FRELIMO
jul. 5 independência da Argélia

1963 jan.23 início da guerra de libertação na Guiné: PAIGC ataca quartel de Tite
jun 18 fundação da OUA - Adis Abeba
set. 13 Henrique Galvão discursa na ONU

1964 início da guerra de libertação em Moçambique
jul. 2 promulgação do Civil Rights Act nos EUA
ago. 5 Início da Guerra do Vietnam

1965 fev. 13 assassinato de H. Delgado
mai. 21 encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores
jul encerramento do Centro Associativo dos Negros de Moçambique e do NESAM -Núcleo dos Estudantes Africanos de Moçambique
out 3-8 II Reunião da CONCP. Dar-es-Salaam

O DESMORONAR DOS IMPÉRIOS COLONIAIS

Após a II Guerra Mundial, o mundo foi sujeito a alterações sociais e políticas decorrentes da derrota do nazismo alemão e do fascismo italiano. Invocando a luta pela liberdade contra regimes totalitários, haviam sido mobilizados nas colónias, para o esforço de guerra, centenas de milhares de soldados.

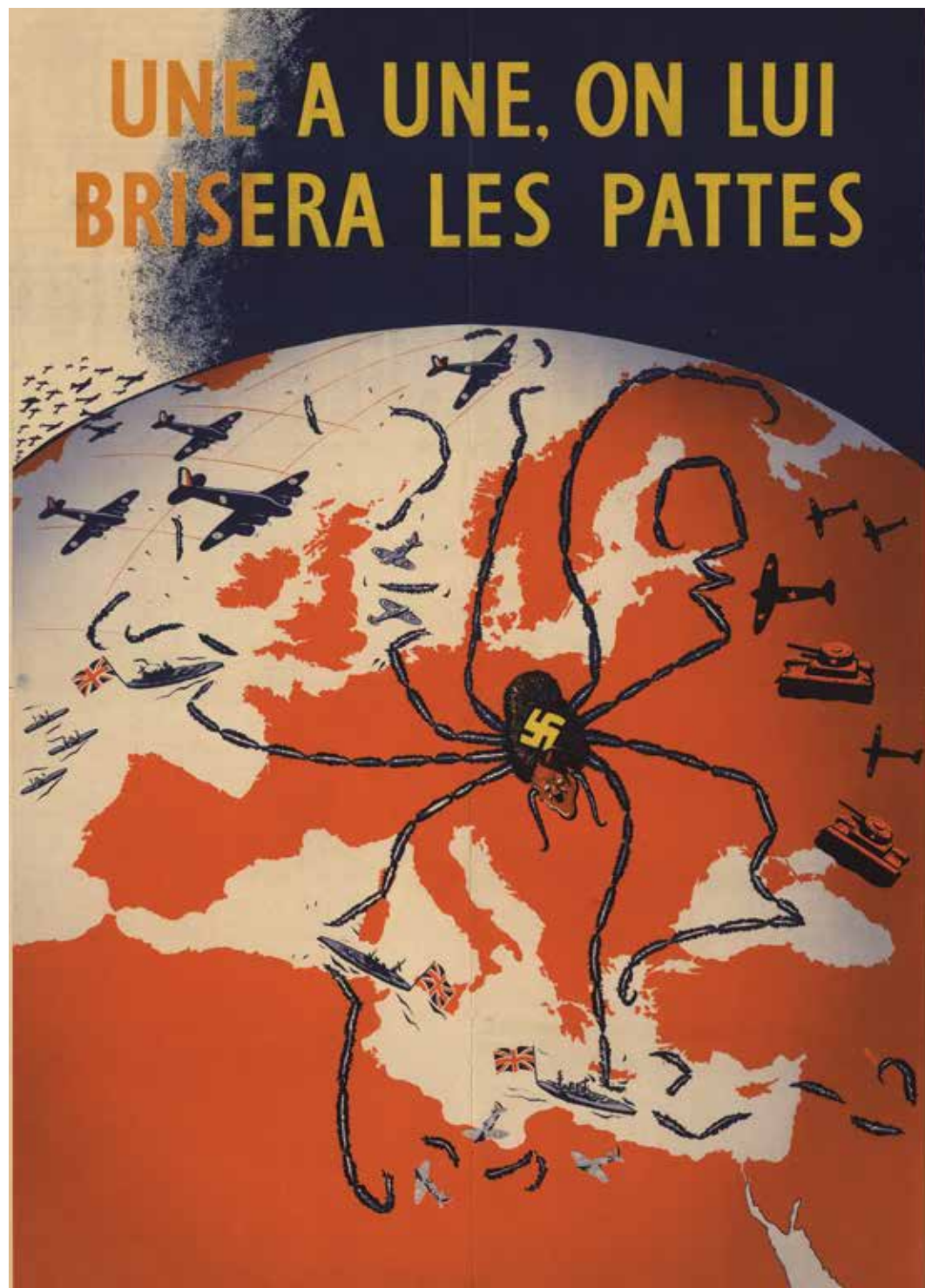
Ao abrigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela ONU em 1948, intensificaram-se os protestos contra o domínio europeu nas colónias. Num mundo bipolarizado entre capitalismo e comunismo, ocorreu o desmoronar dos impérios coloniais na Ásia e em África, ao longo das décadas de 1940 a 1960.

Contrariando os “ventos da história”, o Estado Novo reforçou o regime autocrático, realizando eleições pseudo-democráticas, identificando supostos inimigos internos e externos, reprimindo e “decapitando” a oposição. Paralelamente, nas

colónias portuguesas na Ásia e em África foi intensificado o controlo das populações através da exploração económica e de um sistema administrativo mais discriminatório e repressivo.

Face ao artº 73º da Carta das Nações Unidas, Portugal argumentou que apenas possuía “províncias ultramarinas” plenamente integradas na “Nação una e indivisível”. Perante a irrevogável condenação do colonialismo português no contexto internacional, o regime apropriou-se do luso-tropicalismo para exaltar a excecionalidade do “modo português de estar no mundo” e legitimar a manutenção do império.

Esta intransigência excluiu qualquer negociação com os nacionalistas, sumariamente identificados como “agentes do comunismo internacional”, o que tornou inevitável a luta pela libertação dos povos africanos.



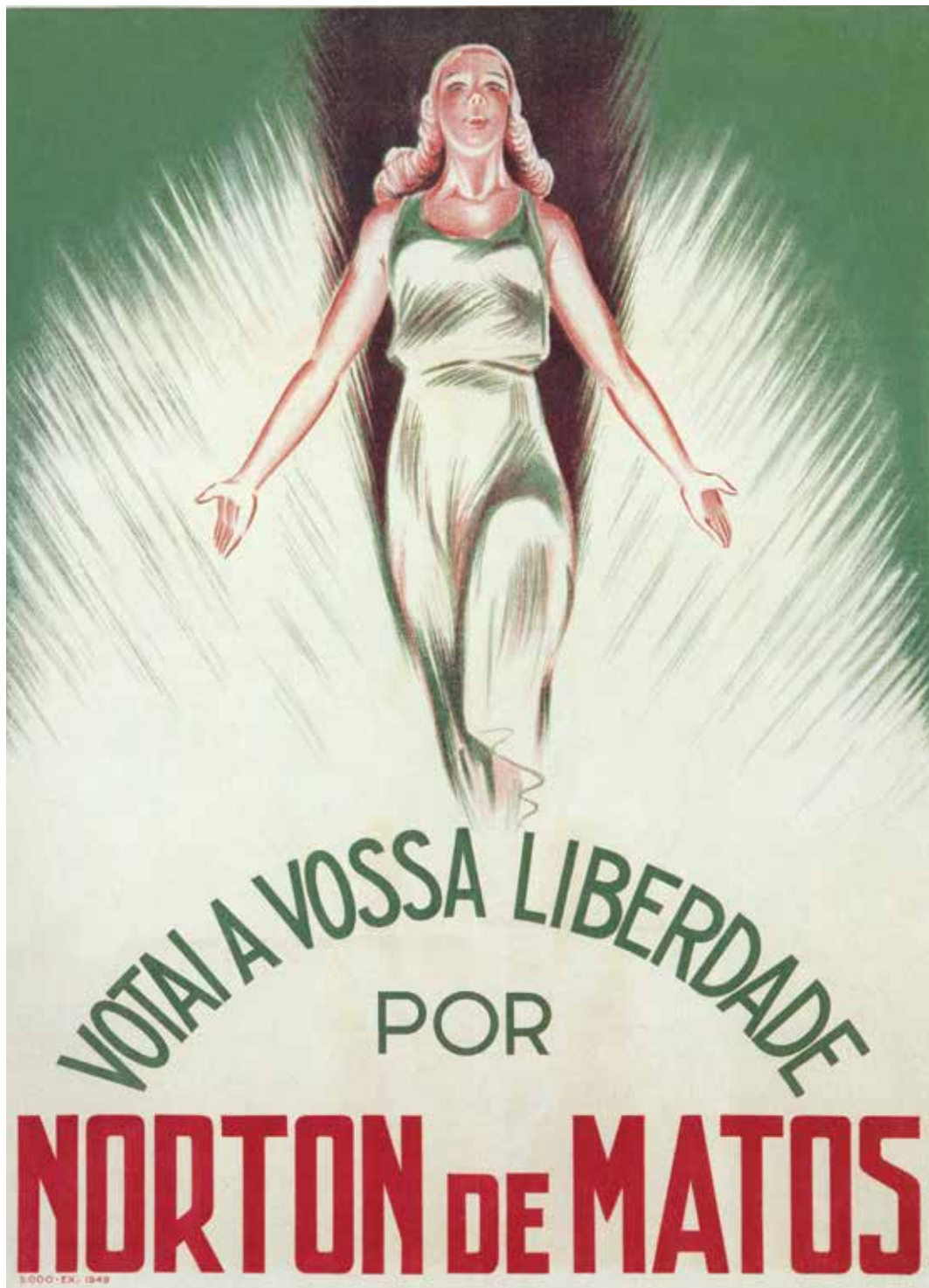
“Une à une, on lui brisera les pattes”

Cartaz. Autor: Abílio Pacheco de Carvalho (1894-1987); London, s.n., [1942], BNP. Iconografia. CT.4749 R

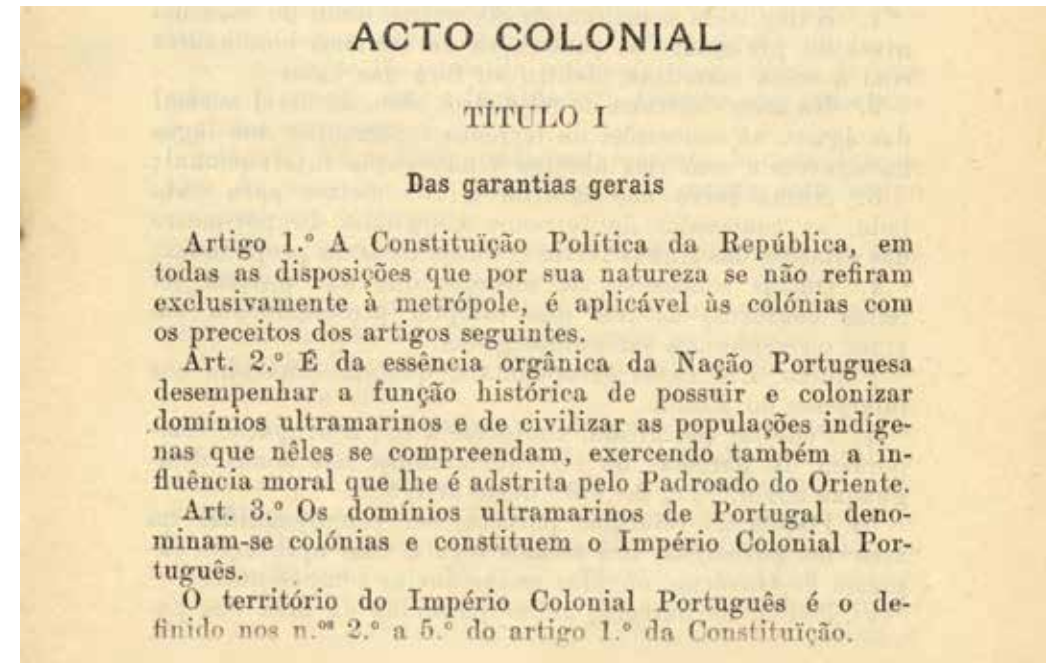


Tropas negras na II Guerra Mundial

366th Infantry Regiment. Library of Congress. USA.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/wikipedia>



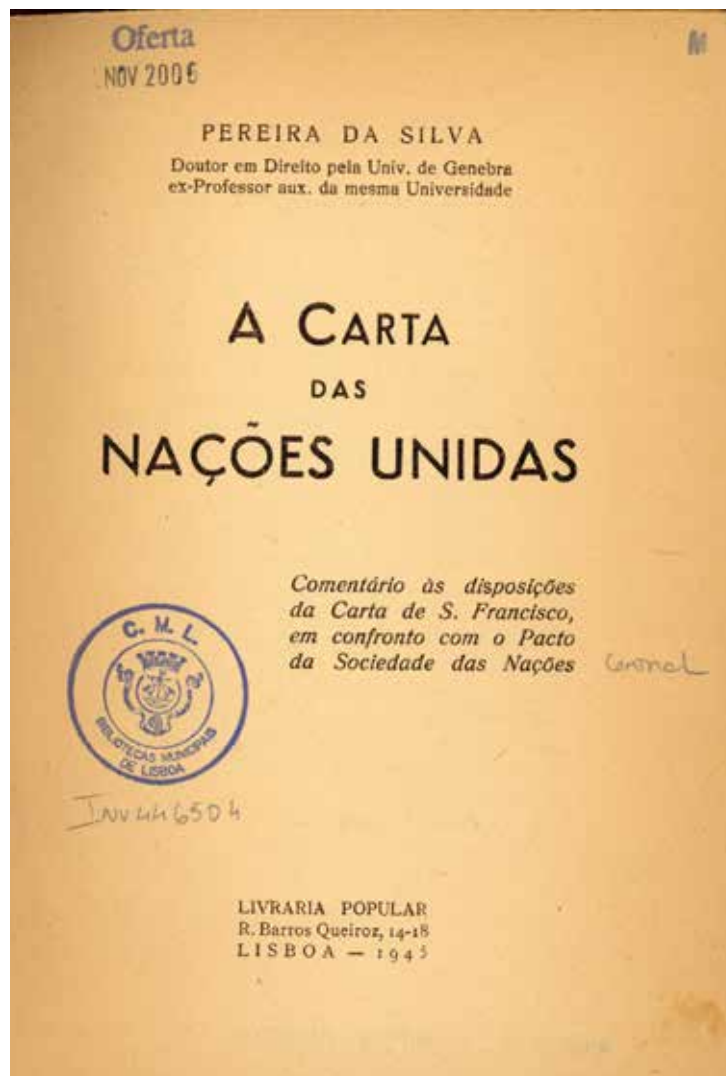
“Votai a vossa Liberdade por Norton de Matos”
Cartaz, s/a. 1949. Joaquim Vieira. Portugal no séc. XX. 1940-1950. Círculo de Leitores, Lisboa 1998:168



Acto Colonial
Título I
Dec.º 18570 de 8.7.1930.



Portugal não é um país pequeno”
Cartaz da Exposição Colonial. Porto, 1934. BNP. Iconografia- Cc-381-r



Direitos dos territórios não-autónomos defendidos no artº 73º
Carta das Nações Unidas, assinada em S. Francisco em 26.6.1945



Declaração Universal dos Direitos do Homem
10.12.1948. Resolução 217 A da Assembleia Geral das Nações Unidas.



Vitória dos Aliados festejada em Lisboa
Foto s/a. 8.5.1945.
AMS-P.06278.04971

*Nós as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem-escola a jogar bola de trapos
nos areais ao meio dia
nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafêzais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o branco e temer o rico
somos os teus filhos dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz eléctrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo de um batuque de morte*

*teus filhos
com fome
com sede*

*com vergonha de te chamarmos mãe...
...com medo dos homens...*

Poema 3
Fragmento. Agostinho Neto.
Augusto Ferreira. *Cadernos de Poesia*, 1957.
AMS-DMA. P. 0354.001.003



Inspecção de trabalhadores contratados no Dundo

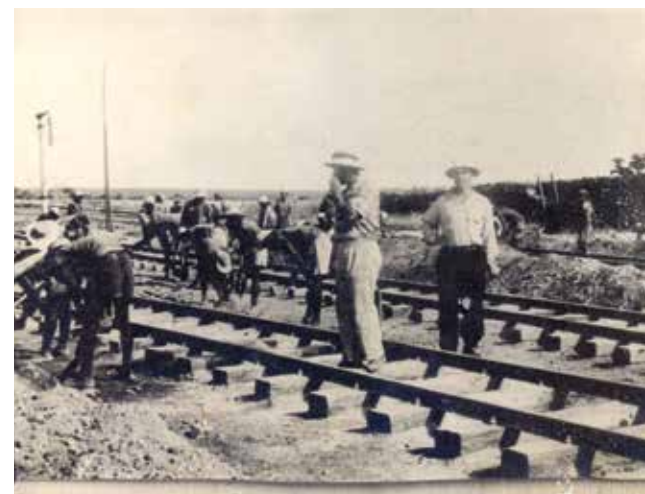
Foto. 1938
Arquivo da Diamang - MA-UC

São factos correntes dos embaraços trazidos ao problema de mão de obra pela acção dos patrões, contra ou ao abrigo das disposições oficiais, iludindo a fiscalização umas vezes e subornando outras, aproveitando a brandura ou a falta de meios da autoridade protectora, pagando influência e poderes, entre outros, os seguintes:

- 1º - A resistência por todas as formas a uma política de salários justos, económica e socialmente justos;
- 2º - O mau tratamento dado aos trabalhadores - os castigos corporais e violências físicas são ainda correntes em Moçambique; as obrigações de vestuário, alimentação e assistência sanitária iludem-se na generalidade dos casos; a ideia de que o preto é simples besta de carga perdura; a indiferença pela saúde física e moral do trabalhador, pela sua morte ou invalidez é manifesta. Uma classificação de patrões conforme o tratamento concedido aos seus serviços conduz a uma percentagem pavorosa de maus patrões;
- 3º - Os desperdícios de mão de obra. Esta utiliza-se como se fosse abundantíssima. Tudo se faz a braço de negro - desde a tracção de vagonetas até ao entagamento de plantanos;
- 4º - A qualidade e o carácter dos angariadores de mão de obra;
- 5º - Os deslocamentos de trabalhadores sem atenção às mudanças bruscas de clima - em especial os sacrifícios a que são submetidas as levas deslocadas do interior para o litoral;
- 6º - As excessões praticadas pelos comerciantes sobre os indígenas;
- 7º - O desprezo pelas condições de habitação;
- 8º - As últimas sobrevivências do espírito de extermínio verificado no fim do século passado e princípios do século actual.

“São factos correntes...”

Extractos da Carta-Relatório de Henrique Galvão. 22.01.1947.
L. Lara, *Um amplo movimento*.
I vol. 1997: p.445.



Trabalhos na via férrea sob controle da administração colonial.

Foto. 1945?. Imagem cedida pela ATD



**As Independências na Ásia
1945-1983**
Guerra Colonial. Editorial Diário
de Notícias. Lisboa, 1998:16



**Nehru (1889-1964) e Gandhi
(1869-1948).**
Foto. AMS - P.06278.04957

DIEN BIEN PHU CAIU

após cinquenta e sete dias de heroica resistência

PARIS 7. — A fortaleza francesa de Dien Bien Phu caiu perante o ataque das tropas comunistas, segundo se sabe hoje nesta cidade. O Presidente do Conselho da França, Laniel, informou que o reduto central da fortaleza no Norte da Indochina tinha caído, após 25 horas de combates ininterruptos.

O reduto oriental — disse Laniel — tinha caído embora o ponto de resistência isolado, Isabelle, ao Sul, tivesse ainda a resistir.

Hoje era o 31.º dia do cerco.

Khi Saigão, o Alto Comando francês declarou que Dien Bien Phu tinha cumprido a sua missão.

Cerca de 30.000 soldados comunistas do Vietnã lançaram ontem à noite a ofensiva final, na escuridão de um bombardeamento fustigante durante 4 horas, contra os defensores.

Os pontos de resistência da fortaleza, caíram um após outro, perante ondas de ataques comunistas.

O general De Castries, o comandante francês que se tornou herói nacional pela sua prolongada defesa do forte contra o ataque, suicidou-se quando as tropas do Vietnã avançavam.

Laniel disse na Assembleia, que se encontrava repleta, que a queda de Dien Bien Phu não modificaria a atitude da delegação francesa em Genebra. A França não aceitaria qualquer solução que não estabelecesse as devidas salvaguardas para os seus soldados e seus interesses. A França relembraria também aos seus aliados que, durante sete anos, combateram a zinha, neste centro nervoso do comunismo asiático, no interesse de todos os seus aliados.

Os deputados, acorreram das salas das comissões e corredores e permaneceram atentos enquanto o Presidente Laniel falou e sob tensão crescente, falou.

Imediatamente depois da sua curta declaração, a sessão foi suspensa durante uma hora como sinal de pesar.

Foi convocada imediatamente uma reunião de gabinete a que presidiu o Presidente René Coty. — (R.)

(CONTINUA NA ÚLTIMA PÁGINA)



«Eles já estão a poucos metros — foram as últimas palavras do general De Castries ouvidas em Hanoi»

gãdora, lançou em vão contra-ataques quando as tropas do Vietnã avançavam.

PRINCÍPIOS DA CONFERÊNCIA DE BANDUNG

- Respeito aos direitos fundamentais
- Respeito à Soberania e integridade territorial de todas as nações
- Reconhecimento da igualdade de todas as raças e nações, grandes e pequenas
- Não-intervenção e não-ingerência nos assuntos internos de outro País
- Respeito pelo direito de cada nação defender-se individual e colectivamente

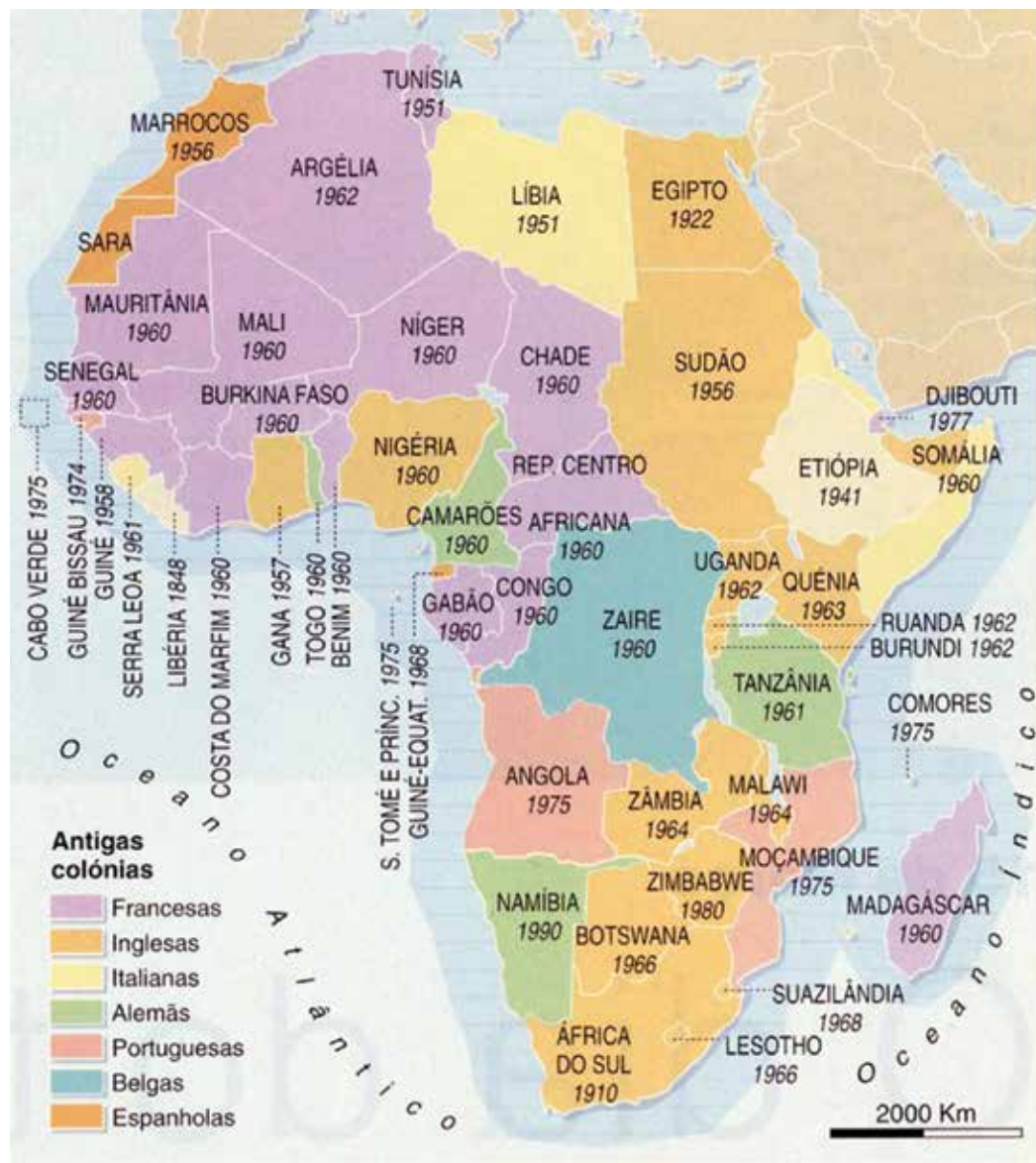
Conclusões da conferência de Bandung

1955. Manifesto de líderes asiáticos e africanos contra o colonialismo.



Chefes de Estado asiáticos e africanos na Conferência de Bandung

1955.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/wikipedia>



As independências em África 1910-1990
Guerra Colonial. Editorial Diário de Notícias, Lisboa, 1998: 17



K. Nkrumah, presidente do Ghana
 1956. L. Kesteloot, *Anthologie Negro-Africaine*. Université de Bruxelles 1961.



J. Kenyatta, presidente do KANU
 1945. L. Kesteloot, *Anthologie Negro-Africaine*. Université de Bruxelles 1961.

A CASA POR DENTRO

No início dos anos 40, foi criada, em Coimbra, a Casa dos Estudantes de Moçambique, iniciativa de universitários oriundos da colónia; em meados de 43, iniciativa semelhante deu lugar, em Lisboa, à fundação da Casa dos Estudantes de Angola, seguindo-se a criação de Casas de outras colónias.

A Mocidade Portuguesa obtém o apoio do ministro das Colónias para proceder à fusão de todas as Casas numa única Casa dos Estudantes do Império (CEI).

A sua fundação data de 1944, criando forte expectativa tanto na metrópole como nas colónias, onde os jornais dão relevo à sua utilidade social e política. Tanto os estudantes como as suas famílias desejam assegurar o bem-estar dos sócios e promover a sua integração num meio desconhecido e, por vezes, hostil. Entretanto, o regime projetara formar as futuras elites coloniais, com uma “mentalidade imperial”.

Porém, a realidade gerou uma dinâmica inesperada. Os estudantes que afluem à CEI estabelecem entre si relações de amizade, de camaradagem e de cumplicidade. A participação em atividades sociais, culturais e recreativas da associação estimulou o conhecimento, a identidade cultural e a noção de pertença aos territórios de origem. A partir de 1957, uma estrutura interna mais funcional permitiu resultados mais eficazes no sentido de uma consciência coletiva.

Demarcando-se da cultura colonial dominante e numa troca permanente com movimentos literários das colónias, a atividade editorial da CEI projetou as novas literaturas africanas em língua portuguesa, enquanto a Mensagem publicava textos que denunciavam a violência do sistema colonial, o trabalho forçado, o contrato e a falta de investimento na educação dos africanos.

A CASA POR DENTRO A FUNDAÇÃO

**Estudantes do Império
na rua Praia da Vitória, nº 6**
Foto de 3.7.1944. Col.
particular





A Comissão Organizadora da Casa dos Estudantes de Angola CEA

Sede na rua Praia da Vitória, nº 6.
3.7.1944. Col. particular



O Ministro das Colónias Vieira Machado em visita à CEA

3.7.1944. Col. Kina Monteiro

**A sede da CEI na av. Duque
d'Ávila, nº 23**
Foto de Augusto de Jesus
Fernandes. 1950.
Col. Homero Pedro/ACEI



As casas dos estudantes do Ultramar Português

DEVIAM REUNIR-SE NUMA SÓ AGREGAÇÃO

Depois da criação em Coimbra da «Casa de Moçambique» e em Lisboa, da «Casa dos Estudantes de Angola», foi constituída mais recentemente a «Casa dos Estudantes do Cabo Verde». Verifica-se que as jovens gerações do Ultramar vão constituindo os seus agrupamentos todos mais ou menos com o mesmo objectivo: confraternização e apoio mútuo no território da Mãe Pátria; auxílio aos que das colónias chegam com os mesmos objectivos; coadjuvação a pretensões ou orientação de quantos residentes no Ultramar, para a Metrópole desejem vir estudar.

Corporações assim em todo o desenvolvimento, na ordem social e espiritual, pois da sua agregação podem resultar empreendimentos variados e úteis, não só para si, como para a colectividade.

Depois dos naturais de Moçambique, de Angola e do Cabo Verde, há que admitir a constituição da «Casa dos Estudantes da Índia», visto que muitos naturais desta parte do património residem em Portugal, com a característica, muito honrosa, de uma tradicional união, frequentemente atenuada, também, por actos de colaboração e acolhimento.

E aqui temos, se esta hipótese se traduzir em realidade, mais um lar académico.

Veremos então como que uma pulverização de colectividades deste género se queriam sedimentar que os naturais destas colónias, embora com naturezas probabilidades, possam tomar deliberações idénticas; é também, por analogia, a fundação, nos dias lousos do País, em Coimbra, pelo menos de mais «Casas de Estudantes».

Por muito simpática que se afigure esta corrente, por tal forma acolhível que tem encontrado o melhor ambiente, nas entranhas afiladas e portulanas, uma razão de raciocínio ou de senso aconcheta a realidade destes esforços no sentido

de se montar uma única instituição prestigiada e utilitadamente instalada; e que seria, evidentemente, a «Casa dos Estudantes do Ultramar».

★ ★

Não vão viverem-se os paladinos dos títulos regionais, nem aqueles que, por uma proposta, federação, possuem vir os seus esforços individuais — animados pela sua escarlate — amadidos ou desviados para um bem comum.

Em bem verdade, todos são estudantes e os objectivos os mesmos. Confraternização nos grupos dos vários estabelecimentos, não haverá mal nenhum — antes pelo contrário — que esse convívio se mantenha na organização recreativa e esportiva. Talves até se ganhe com isso, sem prejuizo do espirito ultramarino que a todos anima, conceito básico do agrupamento.

A «Casa dos Estudantes do Ultramar» (esta ou outra designação não importa, pois desajustos pertencem no numero dos designados pelo «estudo»), não dispõem ao patrocínio oficial, até sobre vários aspectos, segundo aponta, que não contrariamente, a iniciativa, devria até ter partido dos actos oficiais, proporcionando aos jovens ultramarinos um apoio moral e até material, traduzido em facilidades de ordem técnica, académica, espiritual e de várias modalidades, que podia incluir a de carácter médico, hancário e acolhimento em repartições públicas, de natureza civil ou militar.

★ ★

A localização da «Casa dos Estudantes do Ultramar» é função de facto — para a sua fruição e a serviço a prestar. Não deve ser contrariada a tendência do residente em procurar o centro da cidade para os seus desígnios, nas horas de lazer. Uma instalação num bairro longínquo, ainda, evidentemente, a frequência que convém ser animada; e não evia, como até

de aconsellar, a permanência nos estudos, por tempo perto destes, os jovens estudantes (caso os estudos se acentuam) pelo ambiente agradável e sua permanência, com possibilidades de esta mesma preferência a sua «Casa», no esta reunir os atractivos suficientes.

Quantas vantagens poderiam caber dentro do funcionamento da «Casa»? Isso deverá naturalmente ser orientado, se oficialmente esta for instalada ou patrocinada. Mas só assim os estudos que lhe derem o Ministério das Colónias ou o Governo Ultramarino, em doações literárias amavelmente por seus elementos, os estudos de bases e empresas, poderão concretizar-se em condições.

Este politismo não deve, todavia, embargar os naturais estudos dos rapazes de dirigir e administrar a sua colectividade. A «Casa» poderá ter os seus corpos gerentes, assistidos, por exemplo, dum delegado do Conselho; e na sua mecânica funcional não ficará mal atendido do tanto as escolhas quanto foram as colónias, interamadas, para os agrupamentos não perderem o sentido regionalista ou o interesse especial pelas suas ultramarinas da sua origem ou residência familiar.

Comum a todos, é que poderá ser a biblioteca, certos laboratórios recreativos, serviços de secretaria e assistência. Mas tudo isto não porventura, que descom ja para um plano inferior a idea geral de proporcionar a centenas de jovens naturais do Ultramar ou com suas famílias ali residindo, permanente ou eventualmente, uma assistência e um convívio que, por iniciativa própria, foram já alguns procurar procedimento digno de todo o apoio e apoio.

Tudo quanto se faz nas jovens em formação é bem merecido e ajudado, desde que os «elementos novos da nossa colónias» que a Nação projecta Além-Mar e quanto melhor orientados, esportivados e animados, tanto mais contribuirão para o prestigio da obra em curso, digna, por muitas razões, de aplausos.

M. M.

As Casas dos Estudantes do Ultramar Português
Recorte de Imprensa de 1943-1944. Álbum de Marques Mano de Mesquita

MOCIDADE PORTUGUESA — BOLETIM

«Como Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa regozijo-me particularmente com este acto.

«Quiseram as circunstâncias que, com pequeno intervalo, seja possível confirmar, acentuar de forma inequívoca, duas directivas, orientadoras da nossa acção: A preparação social da Juventude e a sua educação para o cumprimento da missão imperial.

«Afinal, dois aspectos do mesmo problema, pois só com uma grei valorizada socialmente, resultando em grande parte de um processo educativo integral, se poderá encarar com segurança o desenvolvimento das nossas províncias ultramarinas.

«A essência da nossa história aponta-nos um caminho, revela-nos uma vocação, manifestação da vontade Divina, a indicar-nos uma empresa em que não poderemos eximir-nos sob pena de traímos a nossa missão como Nação. O Império para os portugueses é um ideal autêntico que encontramos sempre vivo a animar os nossos passos e que tem a sua última concretização no empreendimento em marcha do plano imperial africano.

«Não foi por mero acaso que as raízes do nosso ressurgimento actual as vamos descobrir no sonho magnífico, na gesta realizada pelos nossos soldados de África no século passado, gesta seguida pela obra de desvramento e civilização que no esforço nunca interrompido se está seguindo de 1890 até ao presente. Exemplo que convém ser meditado, homens que nunca deixaremos de apontar como guias à Mocidade Portuguesa!

«Mas, porque a idéia de Império está sempre entre a esperança e a realização, tomamos como imperativo da nossa acção preparar e educar a juventude para tornar em realidade viva as nossas aspirações. Decididamente, queremos desenvolver o trabalho de formação dos nossos rapazes para vida colonial.

«Como? O complexo das nossas actividades e meios de que nos servimos para a criação do novo tipo de português, são por si só, suficientes, pois do que mais se necessita para tornar o ideal em realidade, é de homens, homens bons na melhor acepção da palavra. A formação cívica dar-lhes-á a consciência dos deveres; a educação moral e física prepara-os para bem os poderem cumprir.

= 92 =

A ideia de Império
Discurso de Marcelo Caetano Boletim da Mocidade Portuguesa nº2, 1945, p. 92. Hemeroteca Municipal de Lisboa

Casa dos Estudantes do Império

Considerando o valioso auxílio que os jornais de Angola, Moçambique e Cabo Verde veem dando à Casa dos Estudantes do Império, a Direcção desta Casa resolveu nomear sócios de honra da C. E. I. os seguintes senhores:

António Correia de Freitas, director do diário de «A Província de Angola»; Guilherme Ribeiro Ferreira, director do diário «D. de Luanda»; Joaquim Faria, «Semanário Comércio de Angola»; A. Reis Lima, «O Apostolado»; Filipe Coelho, bi-semanário «Notícias de Huila»; Teuente Coronel Vitória Pereira, semanário «Huila»; Mário A. Trabulo, semanário «O Sul de Angola»; Dr. Miguel Napomuceno, bi-semanário, «A Voz do Planalto»; Dr. Carlos Mimoso Moreira, bi-semanário «O Lobito»; Gastão Vinagre, bi-semanário «O Intransigente»; Artur Cordeiro de Almeida, bi-semanário «Jornal de Benguela»; Manuel Simões Vaz, director do «Diário de Notícias» de Lourenço Marques; Dr. Francisco de Barros Mota, do diário de Lourenço Marques «Guardião»; José Gonçalves Cota, director do semanário «O Brado Africano»; Dr. Abílio Esteves de Carvalho, director do Evangelho de Lourenço Marques; Artur de Jesus Fontes, director da «União»; Belchior Fernandes, director do «Oriente»; Dr. Armando Correia, director do «Ecos dos Sports»; Dr. Manuel Francisco dos Remédios, director do «Mensário Itinerário»; Acácio Silva, director do «Mensário de Moçambique»; Vitor Gomes, director do bi-semanário «The Beira News»; José António da Trindade, director do mensário «Voz Africana»; Manuel Ribeiro de Almeida e Raul Ribeiro de Almeida, director de «Noticias de Cabo Verde».

Casa dos Estudantes do Império
Recorte de Imprensa de 1943-1944. Fonte n.i. Álbum de Marques Mano de Mesquita

Casa dos Estudantes do Império
Recorte de Imprensa de "O Brado Africano". 1944. LM. Álbum de Marques Mano de Mesquita

Casa dos Estudantes do Império

Sr. Redactor do *O Brado Africano*

Tem esta por fim participar a V. Ex.^a a extinção da Casa de Moçambique. A Casa de Moçambique foi integrada na Casa dos Estudantes do Império, que funciona actualmente, com a sua Sede em Lisboa, e uma Delegação em Coimbra.

A Casa dos Estudantes do Império, organização que merece todo o auxílio e carinho a sua Excelência o Senhor Ministro das Colónias, Senhor Doutor Marcelo Caetano, e de qual Sua Excelência o Senhor Presidente da República disse ser uma obra alevantada, patriótica e necessária, pode ser considerada como um dos mais significativos indícios da vida progressiva do Império Português.

A Casa dos Estudantes do Império trabalha pela valorização dos nossos Domínios Ultramarinos.

Cartos da compreensão de V. Ex.^a, rogamos-lhe todo o apoio, que V. Ex.^a através de um jornal como o «O Brado Africano», nos poderá dar, em prol desta obra de alto interesse nacional.

Somos respeitosamente
De V. Ex.^a, Att.^o e Obgd.^o
Pela Direcção da Delegação
a) Rogério de Carvalho
(Secretário)

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Os objectivos da Casa de Macau que acaba de constituir-se

A Casa dos Estudantes do Império ganha consistência e força. Ao apelo feito pelo presidente da Casa dos Estudantes de Angola, respondem os escolares das diferentes províncias do Ultramar que, entre nós, se encontram nos bancos das Faculdades do País.

Assim, acabam de ser constituídas duas novas casas de estudantes — as que agrupam os filhos de Cabo Verde e os de Macau.

A comissão organizadora desta última ficou assim constituída: Presidente — Gonçalo Castel-Branco da Costa de Sousa de Macedo Mesquita, da Faculdade de Direito de Lisboa; Vice-presidente — Fernando Hugo de Lima Saraiva Jorge, do I. S. C. E. F.; Secretário-Tesoureiro — Humberto Fernando Rodrigues, do I. S. T.; Vogais — José Júlio Santos Soares, do I. S. C. E. F. e Alexandrino Arménio de Freitas Gonçalves, da Faculdade de Medicina.

Acêrca dos objectivos em vista com esta Casa dos Estudantes de Macau quisemos ouvir o seu presidente, que nos diz como nasceu a ideia da constituição do novo organismo.

— Esta ideia é já bastante antiga, pois é aspiração de todos os macaenses terem na Metrópole um lar para os seus filhos que aqui vêm estudar. Só agora podemos ver realizado este desejo, graças à Casa dos Estudantes de Angola, embora nos últimos anos se tenha tentado, activamente, pôr de pé tal ideia. Por isso, quando a Casa dos Estudantes de Angola lançou o seu apelo aos restantes estudantes ultramarinos, imediatamente os estudantes de Macau começaram a organizar-se.

— Quais os objectivos que a Casa dos Estudantes de Macau se propõe realizar?

(Conclui na 2.ª pág.)

Casa dos Estudantes do Império
Recorte de Imprensa de 1943-1944. Fonte n.i. Álbum de Marques Mano de Mesquita

A "CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO"

QUE O NOSSO JORNAL PATROCINOU DESDE A PRIMEIRA HORA está prestes a tornar-se uma bela realidade

A Índia Portuguesa vai também ter a sua Casa na Metrópole

Um dia, vieram até nós meia dúzia de rapazes. Eram estudantes do Ultramar. A nostalgia do torrão distante levava-os a associar-se. Tinham a sua casa. Ali recordavam os pais e as irmãs, a flora luxuriante que lhes assistira aos primeiros passos, o clima diferente onde pela primeira vez tinham visto a luz do Sol.

Eram poucos e desamparados. Faltava-lhes tudo. E o seu sonho estava em riscos de perder-se.

Jovens como eles, compreendemos-lhes os anseios e a esperança. Nós, também, tínhamos começado a realizar uma obra, pelos chamados homens práticos classificada com paternal piedade como ingénua inconsciência de rapazes.

Caminhávamos a passos firmes e rápidos para a bela realidade que hoje somos. Porque não dar-lhes, a eles, aos estudantes das praias soalheiras da África ou das montanhas enigmáticas do Oriente, o apoio da nossa força crescente e da nossa popularidade cada vez maior?

Assim fizemos, aconselhando-os, porém, a alargar os horizontes do seu sonho. Foi, em muito, dos nossos conselhos que surgiu, das várias «casas» de estudantes ultramarinos, a ideia da «Casa dos Estudantes do Império». De aspirações dispersas, fizemos nascer um esforço doado.

Hoje, o sonho realizou-se. Outros apoios vieram ajudá-los, chamados porque a ideia era boa, chamados porque nós a tirámos do silêncio em que se estagnava e perdia, aos olhos e aos ouvidos de toda a gente. A consciência do dever cumprido nos recompensa.

Depois de Angola, Cabo Verde e Macau, depois da adesão da «Casa de Moçambique» ao movimento do qual surgiram as bases da «Casa

(Conclui na 2.ª pág.)

Casa dos Estudantes do Império
Recorte de Imprensa de 1943-1944. Fonte n.i. Álbum de Marques Mano de Mesquita



O edifício da CEI em Coimbra na rua Aires de Campos, nº 18
Foto c. 1950. Col. Homero Pedro/ACEItexto



A sede da CEI na av. Duque d'Ávila, nº 23
Foto de Augusto de Jesus Fernandes. 1961. AF-CML.

O Caminho da juventude é o Império
Jornal da Mocidade Portuguesa. Ano III. nº39 de 28.10.1944. Hemeroteca Municipal de Lisboa

ENTREVISTA

O caminho da Juventude é o IMPÉRIO

- afirmou - nos Dutra Faria

UMA entrevista é sempre uma incógnita no espírito de quem vai colher impressões de outros.

Aqui tratamos, porém, dum caso especial. O entrevistado era um dirigente da M. P. que, enviado pelo «Diário da Manhã» e pelo Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, acompanhara Sua Eminência o Cardeal Patriarca às terras portuguesas de África. Tinha a certeza de que ia ser bem recebido e cumpriria a missão com as melhores condições.

Nessa ocasião próximo à Serra de Sintra regressava o jornalista que regressara de África. Sentado no seu gabinete de trabalho em lançava um olhar por jornais, livros, revistas, quasi todos focando assuntos nacionais — e esperava. Não esperou muito.

Fêz a apresentação, em que o Inspector Dutra Faria se prontificou logo para com o que lhe pedíamos do Jornal, perguntá, mesmo com certa curiosidade particular:

— Diga-me, Dutra Faria, que viu em África da M. P.? Qual o ambiente M. P. que lá se vive?

Dutra Faria caminha com as mãos nos bolsos e fala com profundo conhecimento das coisas da Mocidade:

— Sabe a Mocidade ouvi falar a muita gente. Lamentam que não haja uma orgânica, como seria de desejar, mais adequada ao meio, ao ambiente colonial.

— Então, Inspector, se estruturarmos a Mocidade em África como uma Organização nada independente dos métodos usados na Metrópole, isto vai ao encontro dos desejos dessas pessoas interessadas na Obra da M. P.?

— Justamente, porque a Mocidade nas Províncias Ultramarinas tem que ter outras características, diversas das que tem aqui. E é absolutamente necessário cuidar da M. P. lá em África, pois que de modo algum ela pode ser inferior aos núcleos estrangeiros que, vivendo nas nossas Províncias, se apresentam em toda impecável, citando em especial os escoteiros e meteteiros chineses que vi formados no arquipélago da Beira, quando da chegada do Cardeal. E já que falo na Beira ocorrem-me que fui lá encontrar a única banda da M. P. que vi durante a viagem, banda privativa do Centro da Escola de Artes e Ofícios. Lembrando-me do Jornal da M. P. pedi uma fotografia, mas por infelicidade vias, depois de revelada, que estava clara e era impediável.

Depois de uma pequena pausa, que permite uma viagem de milhares de quilómetros, continua:

— Outro núcleo que me deixou boas impressões foi o do Centro da Escola de Pescadores em Moçambique.

Sem me deixar sequer interromper:

— A Mocidade é muito mais para lá do que para cá porque há que educar a Juventude de África e não simplesmente possível em face de influências estranhas (algumas não em todo indúzia, como para Moçambique a das Eodéias ou a da União Sul Africana); e mais ainda porque se nota entre os rapazes de certos meios (agora em Angola) o raiar das tradições da rapa

ruta e zabelo comprido, restos doentes contra que lutamos. Quasi por toda a parte vi, porém, farda da Mocidade e até as crianças das escolas que ainda não estão integradas na M. P. desfilavam fazendo a nossa saudação. A impressão que se colhe é de que há ali um ótimo campo em que se pode trabalhar a sério e com profundidade.

Lembra-se Cruzados ao Ultramar e não interrompe as suas palavras:

— É mister apertar as relações entre as Juventudes do continente e do ultramar. A nomeação do Sr. Prof. Marcello Custoso para Ministro das Colónias foi reconhecida a esperança de que se voltem a realizar os Cruzados de Férias dos estudantes continentais e dos estudantes de África.

Recordo nesta altura o carinhoso afecto com que foram recebidos, no Liceu que então frequentava, os estudantes de Moçambique em 1932-33.

O jornalista costea a seguir uma conversa tida com um professor do Liceu. Disse-me este que os rapazes que tinham vindo à metrópole não mais deixaram de ser grandes admiradores e entusiastas do Portugal da Europa.

E o jornalista Dutra Faria afirma:

— A semente que se lança à terra com os Cruzados nunca se perde.

— O Inspector vê alguma maneira de iniciar um trabalho intenso em África com probabilidades de êxito?

— Sim, será naturalmente necessário que vão até lá para esse trabalho inicial alguns instrutores chamados já ao espírito que não chamamos M. P.; instrutores que dinamizem as unidades juvenis em formação.

— Diga-me também alguma coisa do que viu sobre as Missões e a sua obra.

— As nossas Missões lutam com dificuldades e terão dificuldades talvez, mas apesar de tudo são as melhores fôrças de portuguêsismo em terras negras.

— Outras organizações missionárias não prejudicaria a acção das nossas; e refiro-me às estrangeiras, em especial às protestantes?

— A propósito de manifestar a minha admiração por quasi não haver na União Sul Africana missões protestantes, enquanto nas mesmas territorialidades existem bastantes, disse-me o Bispo Titular de Tuziga, Vigário Apostólico de Durban, homem com 40 anos de África:

«A razão é simples:

Por política.

— A vida em África em relação à daqui é fácil ou difícil?

— Depende do lugar em que se vive e de variadíssimas circunstâncias. Por exemplo, uma casa de sêda que nos «mochês» se pode adquirir por 40 escudos, custa na outra costa 150 escudos.

— Os nossos compatriotas que se dedicam à agricultura vivem obtido proveitos e vida relativamente fácil e sem fadiga?

— Sim, mas como tudo em África isso depende do meio, facilidades de adaptação, possibilidades de trabalho, qualidades de perseverança, etc.

Vi, por exemplo, no Oitavo uma bela região agrícola que tem centenas de agricultores e ali soube que, quando da visita do Sr. Ministro Vieira Machado, se apresentaram numa paradeira com 200 tractores e máquinas agrícolas.

No vale do Garué visitei uma enorme plantação de chá, que tem por sinal uma história interessante:

«Dois pedreiros e um carpinteiro juntaram as suas economias e adquiriram um certo terreno, que plantaram. Por dificuldades que surgiram não tiveram que ir para a Beira trabalhar nos seus officios e mandar para o outro lado e que iam arranjando. Assim conseguiram saltar a plantação e hoje são milionários. A sua firma, de que não digo o nome para não parecer reclame, vende toneladas de chá para a África do Sul, seu principal comprador, e também tem já plantações de «Lantanas» donde se extrai o óleo de tungue que serve para vernizes de arbores.

— Que mais o impressionou em toda a viagem?

Dutra Faria pensa um pouco e na sua memória desfilam certamente milhares de quilómetros de terras que foram o sonho de tantos heróis nacionais e que o jornalista teve a ventura de percorrer.

— Confesso que não lhe sei responder, em tantos, muitas coisas me impressionaram bem; e aspecto próspero e bem português das povoações que se estão formando ao longo do Caminho de Ferro de Beaguela, uma verdadeira província que vai nascer; na outra costa as manchas de colonização do Chibulo e do Garué. Ainda as Estações Agro-pesqueiras de Ganda e Hampata e a Estação de Sementes e Plantas do Culima, que prometem vir a prestar grandes serviços à agricultura.

— Ah...

— O CAMINHO DA JUVENTUDE É O IMPÉRIO, mas devidamente preparado, consciente da dureza dos trabalhos que se lhe vão deparar e bandido o espírito de funcionário que quasi sempre se apodera da nossa gente.

Depedi-me, a minha missão estava cumprida. Uma simples entrevista fôra afinal uma grande lição. Queira Deus que esta lição seja grande para todos os rapazes portugueses.

JAIME AL. LOUREIRO

* «Mochês» — são indobritânicos que se dedicam ao comércio.

- 7 -



O MINISTRO DAS COLONIAS
VISITANDO ONTEM
A CASA DOS ESTUDANTES DE ANGOLA
afirmou: «Queremos as Colónias
integradas num todo nacional!»

O Ministro do Ultramar Vieira Machado visita a CEA
3.7.1944. Col. ACEI



Marcelo Caetano e Vieira Machado visitam a CEA
3.7.1944. Col. ACEI



Sócias da CEI com familiares
No dia da visita do ministro
à CEA. 3.7.1944. Colecção ACEI



**Sócios da CEI no dia da
formatura de Forte Faria**
Coimbra. 1951. Col. Homero
Pedro/ACEI

“Algo acerca da CEI”
Artigo de B.R. e L.L.
Via Latina, nº 59, 1952

ALGO ACERCA DA C. E. I.

Há cerca de dez anos, em Lisboa, meia dúzia de estudantes de Angola que ali cursava, estranhos, de modo natural, o ambiente diferente daquele em que se habituara a viver. O problema da continuidade do que fora a sua vida, encontrou resposta na criação da Casa dos Estudantes de Angola, que afirmava o espírito dessa mesma vida naquele meio ainda estranho.

A realidade que era nessa altura a Casa de Moçambique, em Coimbra, poderá admitir a mesma explicação.

Mais tarde o Governo, perante a natural extensão destas realizações, optou pela fusão de todos os organismos congéneres na Casa dos Estudantes do Império. Cada um deles continuaria, porém, com existência própria sob a forma de secções, subordinadas a uma Direcção Geral, constituída pelos seus representantes.

Mantida a permanência do espírito que norteou as suas formações, cada secção, numa interpretação correcta do sentido dos seus desígnios, ampliou-os progressivamente, nos planos cultural e de assistência. Aqui tomam relevo a questão médica e financeira, na forma de subsídios, bolsas, alojamentos e alimentação gratuita ou reduzida, e ainda a criação de postos clínicos. Culturalmente, promovem-se palestras, sessões de cinema, audições de música, serões literários, etc.

O desporto, esse também não foi descuidado: classificações honrosas em hóquei em campo, futebol de amadores (Campeões de Lisboa), hóquei em patins, atletismo, voleibol, xadrez e ping-pong, atestam-no bem.

Não queremos perder esta oportunidade para nos referirmos à deturpação que o sentido do desporto, como competição, sofre por uma parte da Academia que se interessa por tais problemas: consideramos a prática desportiva dos sócios da C.E.I. integrada no desporto escolar, lamentando verdadeiramente interpretações contrárias a este significado.

A Delegação de Coimbra, particularizando, não tem cumprido satisfatoriamente a sua finalidade. A cerca de duzentos sócios não é suficiente para garantir um saldo financeiro que permita realizações mais ousadas e os subsídios recebidos da Sete apenas nos garantem um reduzido número de despesas necessárias. O problema de resto é comum aos organismos académicos e conhecido de grande número de estudantes de Coimbra.

O leitor já adivinhou como é difícil nestas condições cumprir quaisquer programas e compreende também como a pormenorização de problemas como o da Cantina (uma conquista difícil), o do Lar (o objectivo imediato) e o de uma maior frequência da C.E.I. por parte dos sócios, seria demasiado estensa, não estando, portanto, no âmbito de um apontamento breve, como este.

B. R. e L. L.



Confraternização de sócios em 1944

S. Dáskalos. *Memórias. A Casa dos Estudantes do Império. Fundação e primeiros anos.* Lisboa, CML 1994

“Sêde do Império”

Jornal da Mocidade Portuguesa, nº 44 de 20.1.1945
Hemeroteca Municipal de Lisboa

SÊDE DO IMPÉRIO

R A P A Z E S !
— só sei falar do coração.

Lá longe onde ressoam os tambores da África misteriosa, por entre a densa selva e por cima das colinas, onde correm o leão, a gazela e o búfalo, além onde o sol escaalda e o negro dança em volta da fogueira o seu batuque — além, rapazinhos, encontra-se o nosso destino.

Sabemos que há cidades, com prédios tão bons como os da metrópole, estradas alcatroadas, magníficas fábricas e, vejam lá, também cinemas onde às vezes aparecem fitas de Tarzan na selva.

Mas mais para o interior, onde a estrada acaba de repente em frente de um enorme «baobá», onde o grito do combóio já não entra, aí, meus amigos, há muito campo para vocês.

Vai ser formidável, arregaçar as mangas, o capacete colonial para a nuca e loca a desbastar mais caminho. Aqui, uma esplêndida roça, além, tu que virás a ser engenheiro, terás gosto naquela mina.

Senhei e seria colossal, piramidal, se eu pudesse atravessar a África de lés-a-lés, de Angola à contra costa, como Capelo e Irens, como Serpa Pinto... passo a passo o caminho percorrido pelos seus pés, vêr as mesmas coisas com outros olhos; aqui, onde ele atravessou um campo, já há uma estrada, mas mais além outra vez a África selvagem e misteriosa. Entrar nas mesmas aldeias em que ele entrou, ouvir dêste e daquele preto uma lenda, a lenda talvez da sua passagem por ali! Ahém, aquela montanha; porque não hei-de ser eu o primeiro a subi-la?

E há aventuras, uma caçada aqui e outra ali... E imensas fotografias, que podia tirar, de terras onde um branco ainda não pôs os pés.

E de repente, ao tirar aquêlo arbusto da frente dos meus olhos, vejo um trôço da linha férrea.

Tão perto, tão imiacuada a civilização com o selvagem. Quâzi que não há fronteiras; passo por cima das linhas do combóio e do outro lado está outra vez a selva misteriosa, com os seus mil ruidos, os seus milhares de animais. Assim é a África. Não gostavas tu de lá ir? Não sentes o sangue ferver? Não sentes uma sêde de aventuras, uma vontade irresistível de vir comigo?

Pois é assim a África. E lembra-te do que podes fazer por ela. Se tens os braços, leva os teus braços e se tens dinheiro emprega-o a explorar a África.

Tu não sentes gosto em criar, em construir, em dizer «isto foi feito por mim»?

Em África tens possibilidades disso tudo. Eu quero ir para África — e vou!

★

Tira o teu curso, aperfeiçoa-te no teu ofício — e vamos para África.

É verdade, vou descer o Zambeze de canôa, hei-de primeiro ir visitar as suas nascentes... e depois, se não queres vir comigo, se não podes vir comigo, vou-te escrever, escrever pormenorizadamente como aquilo tudo é. Aquela caçada ao leão, a lenda misteriosa que o velho preto me contou. E a selva. E a planície, o mato. E a montanha! Vai ser formidável!

Não me interessa ir viver para as belas cidades, não. Sabes o que vou fazer?

Lá para o interior há muito espaço para outra cidade. Se tu vieses comigo, e tu também! Trázi-as os teus braços, o teu saber, e a tua fortuna... E repozlada, haviam de vêr!

Para África — aquela voz da selva chama-me.

Nós não somos diferentes dos outros povos, temos até melhores qualidades colonizadoras. Os holandeses, os ingleses, mandam os seus filhos desbaratar mato, rapazes como nós, que têm o seu destino na mão.

Não há direito que nós não nos libertemos desta modesta de vida, sem fazer nada de útil, de aproveitável. Entregamos sempre o nosso destino às mãos de outros e só procuramos aquêlo fácil prazer, mais nada. Criar, construir, não é con-nôco. Mas tem de ser.

Vinde para as Colônias!

JOAO CARLOS BECKERT D'ASSUMPCAO
Caetano

NUM PAIS QUE, COMO PORTUGAL, SE EXPANDE POR QUATRO CONTINENTES E TEM A DESBRAVAR SERTÕES, A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE SÓ ATINGIRÁ A PLENITUDE DO SEU SENTIDO NACIONAL DESDE QUE TORNE AS GERAÇÕES NOVAS APTAS A DOMINAR E A COLONIZAR.

MARCELLO CAETANO — «POR AMOR DA JUVENTUDE»

A CASA
POR DENTRO
SOCIAL



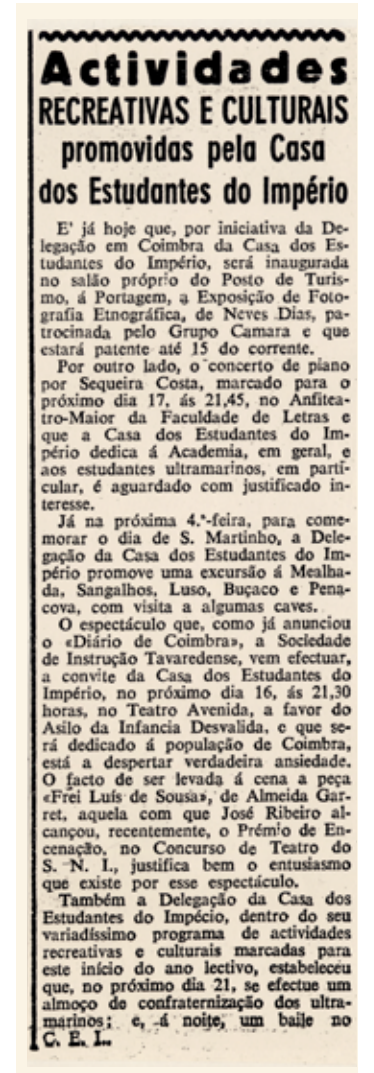
Dr. Arménio Ferreira
Médico da CEI entre 1952 e 1965. Foto Áurea. C. 1948. Col. Ana Mesquita e Carmo



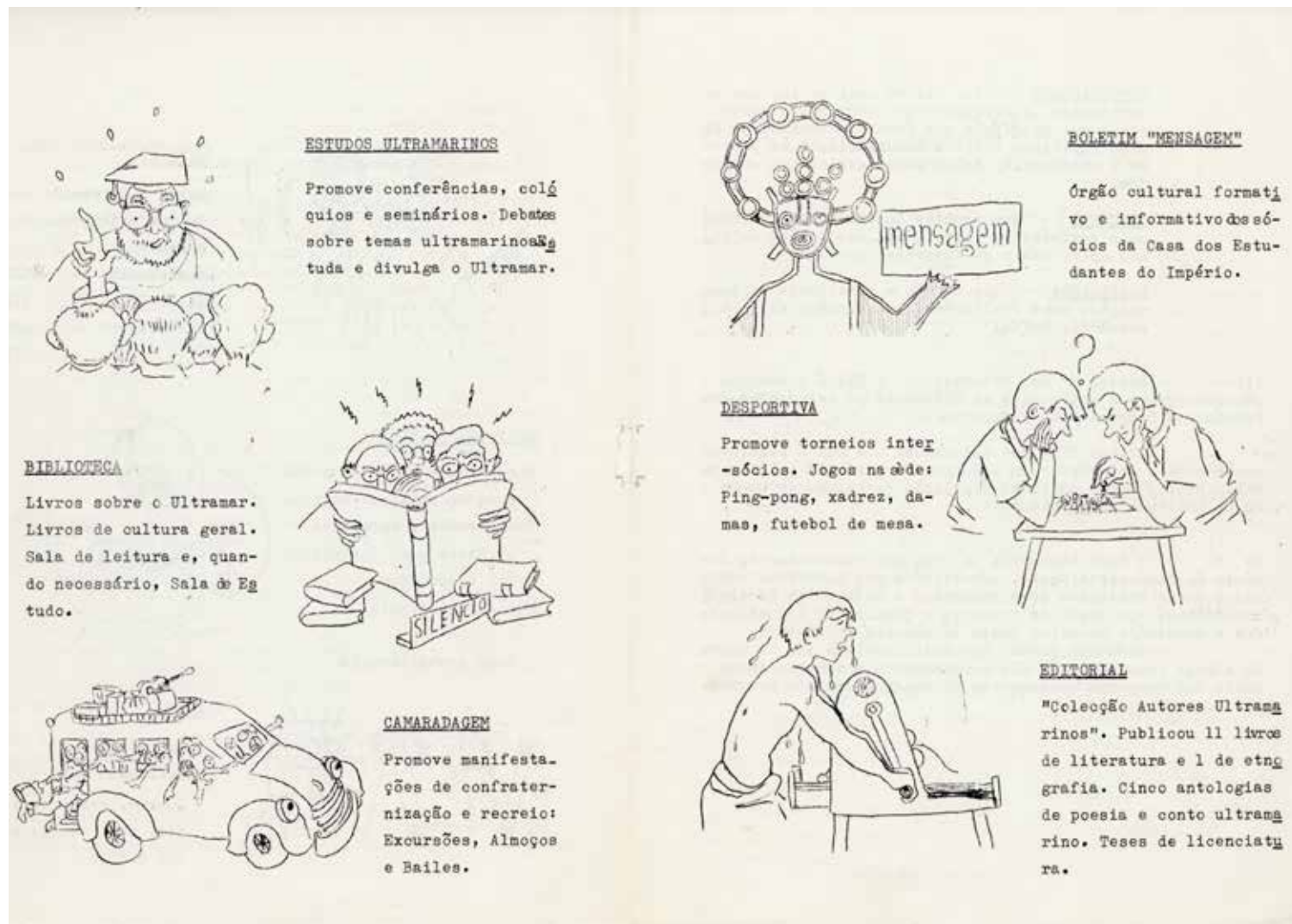
**Almoço de confraternização
pelo XVIII Aniversário da Casa**
Lisboa. 7-4-1963. Col. José Ilídio
Cruz



**“Um apelo da CEI a favor
dos estudantes goeses”**
Primeiro de Janeiro. 24.12.1961



**Exposição de fotografia
etnográfica**
CEI. Coimbra. Fonte n.i.
Álbum Marques Mano
de Mesquita



As Secções da CEI
"CEI. 18 anos ao serviço do Estudante Ultramarino". Brochura da CEI, 1962. Col. ACEI



Almoço de confraternização pelo XVIII Aniversário da Casa
Lisboa. 7-4-1963.
Col. José Ilídio Cruz

CASA DOS
ESTUDANTES DO
IMPÉRIO



E
S
T
A
T
U
T
O
S

Aprovados em Assembleia Geral de 25-1-1957
Aprovados pela O. N. Mocidade Portuguesa em 7-2-1957

Estatutos da CEI
1957. Col. ACEI

O primeiro Lar da CEI
na rua Carlos J. Barreiros nº 28.
1950. Col. Amândio Costa



A CASA
POR DENTRO
SÓCIOS E
CAMARADAGEM

...E era a dança, a farrá realçando os ritmos, os tambores porque viver com tristeza será matar o futuro da nossa alegria em que acreditávamos ali, afinal antes de sairmos a verdade só acontecia como esmola e a mentira uma imposição solene, e para ser respeitada...

O Sabor da palavras
Fragmento. 28.10.2014.
Manuel Rui

Piquenique da CEI na Arrábida
1958. Col. Carlos Ervedosa





Assistência a uma sessão na CEI
c. 1962. Col. José Ilídio Cruz



Assistência a uma sessão na CEI
c. 1962. Col. José Ilídio Cruz



**Sessão Musical com Milo
Vitória Pereira**
s.d. Foto Ávila. Col. Carlos
Ervedosa



Sessão de música caboverdiana
abril 1963. Col. Carlos Ervedosa



O grupo musical *Ngola Kizomba* com Ruy Mingas.
1962. Col. Carlos Ervedosa



Sessão de música angolana com Milo, Legot, Fontinhas e Mingas
s.d. Foto Ávila. Col. Ana Mesquita e Carmo



Actuação de Fontinhas e Legot na CEI
1964. Col. Carlos Ervedosa



Trio Musical angolano com Fontinhas e Mingas
6.4.1963. Foto Ávila. Col. Ana Mesquita e Carmo



Farra de Carnaval na CEI
1964. Col. Carlos Ervedosa



Grupo de sócios da CEI
1964. Col. Edmundo Rocha



**Equipa de futebol da CEI
no campo das Amoreiras**
c. 1953. Col. Carlos Ervedosa



Equipa de futebol da CEI
31.3.1958. Col. Ana Mesquita
e Carmo



**Equipa dos seccionistas
no campo do IST**
abril 1963. Col. Carlos Ervedosa



**Passeio a Sintra dos sócios
da CEI**
31.3.1963. Col. Carlos Ervedosa



Amilcar Cabral com amigos goeses e africanos no Jardim da Estrela (?)
 21.3.1948. casacomum.org.
 DAC.P.05221.000.002

MARAVILHOSO EXEMPLO DE FRATERNIDADE RACIAL
VÃO DANDO AO MUNDO
OS ESTUDANTES ULTRAMARINOS
QUE VIVEM E TRABALHAM
na Casa dos Estudantes do Império
— DECLAROU A ESTE JORNAL
o estudante angolano Carlos Ervedosa
que naquela associação
DIRIGE ACTUALMENTE A SECÇÃO CULTURAL

— Luanda — Terça-feira, 4 de Outubro de 1960 —

ABC
DIÁRIO de ANGOLA

TELEFONE 8872 DIRECTOR: Manuel Monterroso Carneiro Preço avulso 2\$00
 CARGO POSTAL 1248
 TELEGRAMAS: AMBER

Aproveitando a recente sessão que a esta Fraternidade — dando a conhecer — do estudante Carlos Ervedosa, que em Lisboa tem sido um dos seus esforçados dirigentes da Casa dos Estudantes do Império, procurámos ouvir-lo sobre alguns aspectos da múltipla actividade da mesma prestimosa associação. A altura em que o abordámos não era, porém, das melhores. Carlos Ervedosa estava outa e pé no estrão do portão do avião para a Metrópole, onde regressava a fim de continuar os seus estudos de mineralogia.

Optando embora por um curso de carácter técnico, de índole eminentemente pedágico, Carlos Ervedosa não pretende abandonar, todavia, ao povo da especialização que normalmente oblitera as faculdades humanas do indivíduo. Com a óscia de conhecimento que é uma característica da nossa juventude, procura Carlos Ervedosa, a par da especialidade em que está prestes a desenvolver, adquirir uma bagagem cultural tão vasta quanto humanamente lhe for possível. Nesse sentido, tem desenvolvido, de par com o seu magistério, Carlos Ervedosa, uma actividade digna de registo na página da secção cultural da Casa dos Estudantes do Império. E por isso e seu depoimento abrangente, além dos problemas de ordem geral relacionados com esta associação, os assuntos que directamente dizem respeito à referida secção.

Isto é a CEI. Dirigentes em 1960
 ABC. Diário de Angola. Luanda.
 4.10.1960. Col. Carlos Ervedosa



Diploma de mérito associativo da CEI
27.6.1963. Col. Carlos Ervedosa



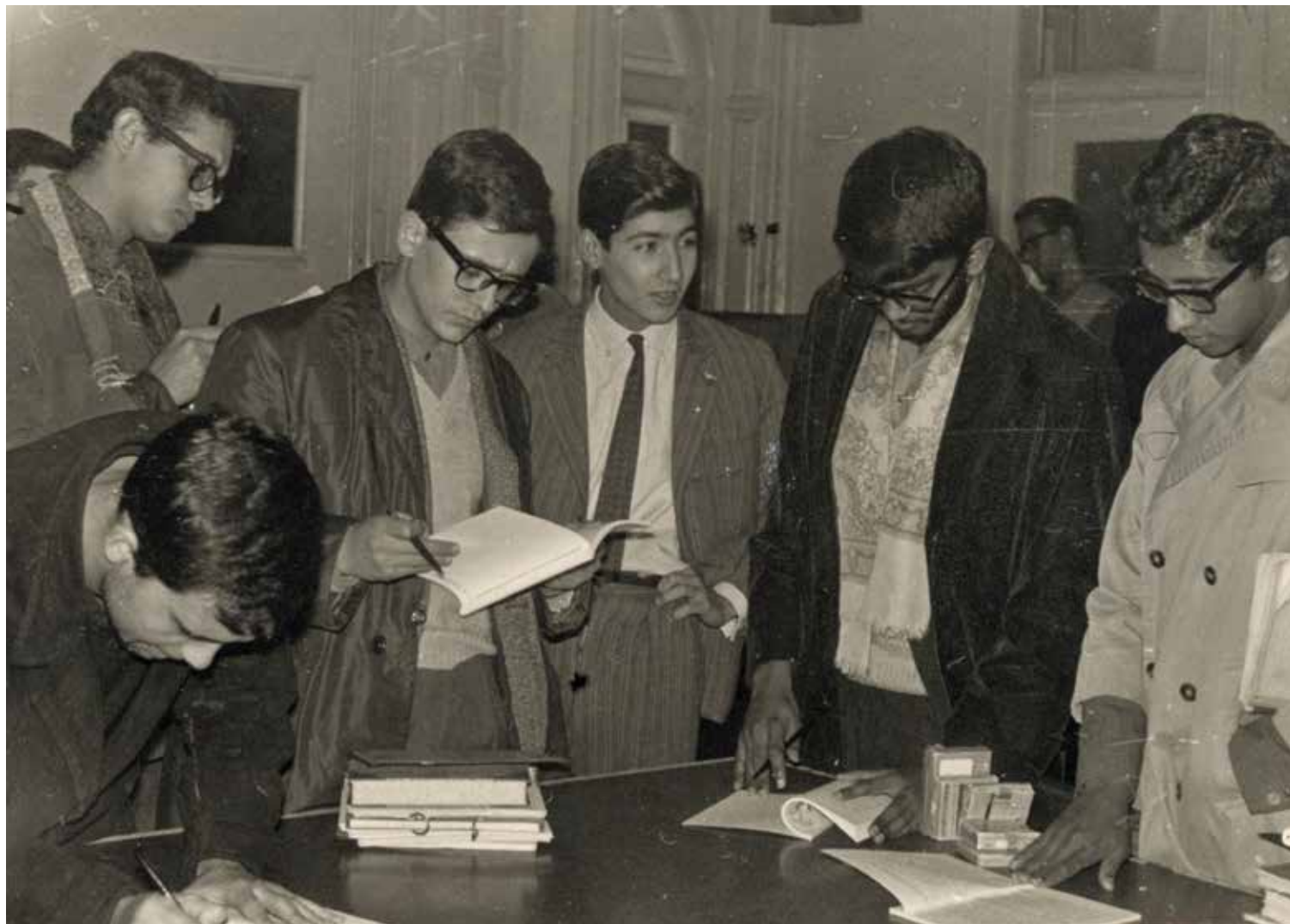
Grupo de estudantes na CEI
1959. Col. Edmundo Rocha



**Grupo de estudantes da CEI
na *Leitaria Açoreana***
1950. Col. Amândio Costa



**Jogadores da Académica
de Coimbra. Chipenda, Wilson
e Araújo**
21.12.1958. Foto de Fernando
Marques. Biblioteca da Câmara
Municipal de Coimbra. FM-00754.



Comissão eleitoral para a direcção da CEI
1962-63. Col. José Ilídio Cruz



Estudantes "Huambistas"
1964. Col. Carlos Ervedosa



Caricatura de sócios da CEI
c. 1963. José Manuel
Rodrigues dos Santos. Col.
Fernanda Santos

**Grupo de estudantes da CEI
na Feira Popular**
junho 1964. Col. José Ilídio
Cruz





Formatura do Dr. Wilson e do Dr. Delfino

1958. Foto de Fernando Marques. Biblioteca da Câmara Municipal de Coimbra. FM-00503



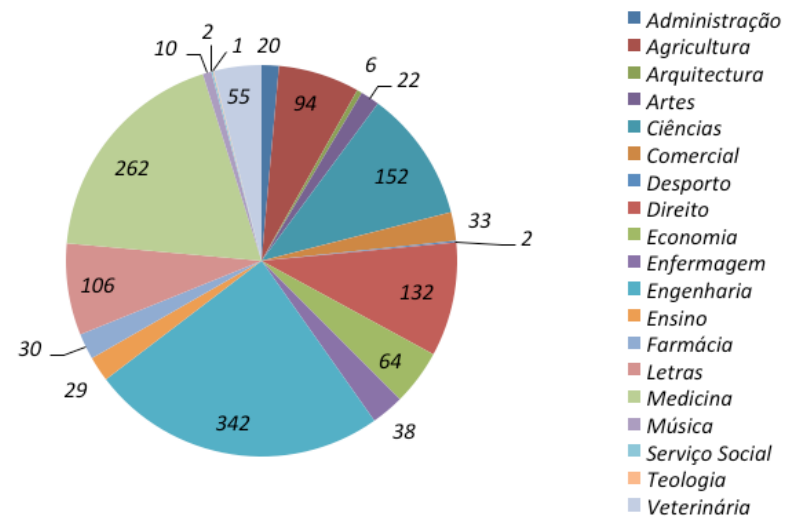
João Vieira Lopes, Presidente da CEI

1958. Col. Filomeno Vieira Lopes

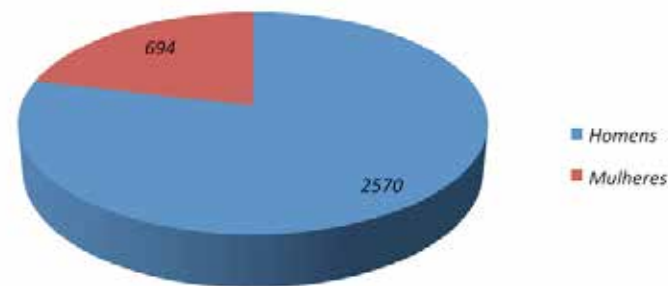


**Grupo de estudantes
na varanda do 1º andar
na Duque de Ávila**
1963. Col. Carlos Ervedosa

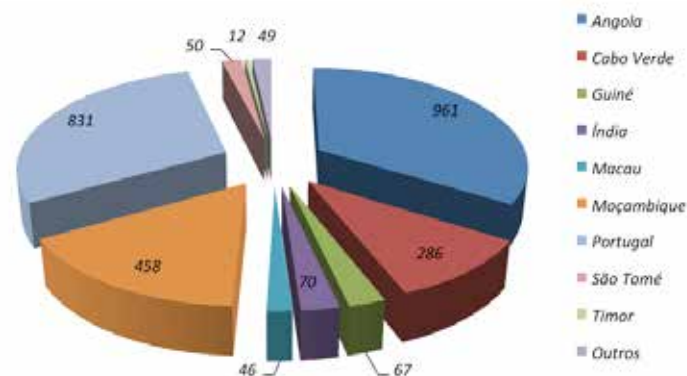
Associados da CEI por curso/área de estudo



Associados da CEI por género



Associados da CEI por naturalidade



Associados da CEI (1944-1965)
2015. Representação gráfica.
Sara Boavida e Margarida Lima de Faria.



Fichas e cartões de sócios da CEI
PT/TT/PIDE.CEI, caixa
134, NT.11142 e AMS-
DMA.011-04359.005.0010

**A CASA
POR DENTRO**

CULTURAL

...A Casa era isso. Uma fonte. Um rio. Um caminho. E um mar imenso a navegar pelo sabor das palavras. De cada sabor de cada palavra. A casa eram os livros que se trocavam de empréstimo íntimo, que se obtinham nos livreiros cotas nossos amigos e de nossas coisas clandestinas, tudo, afinal, para perceber que não bastava ler ou conhecer o léxico mas sim deter, reter, o sabor das palavras. A Casa era uma escola e um compromisso com o aprendizado desses sabores...

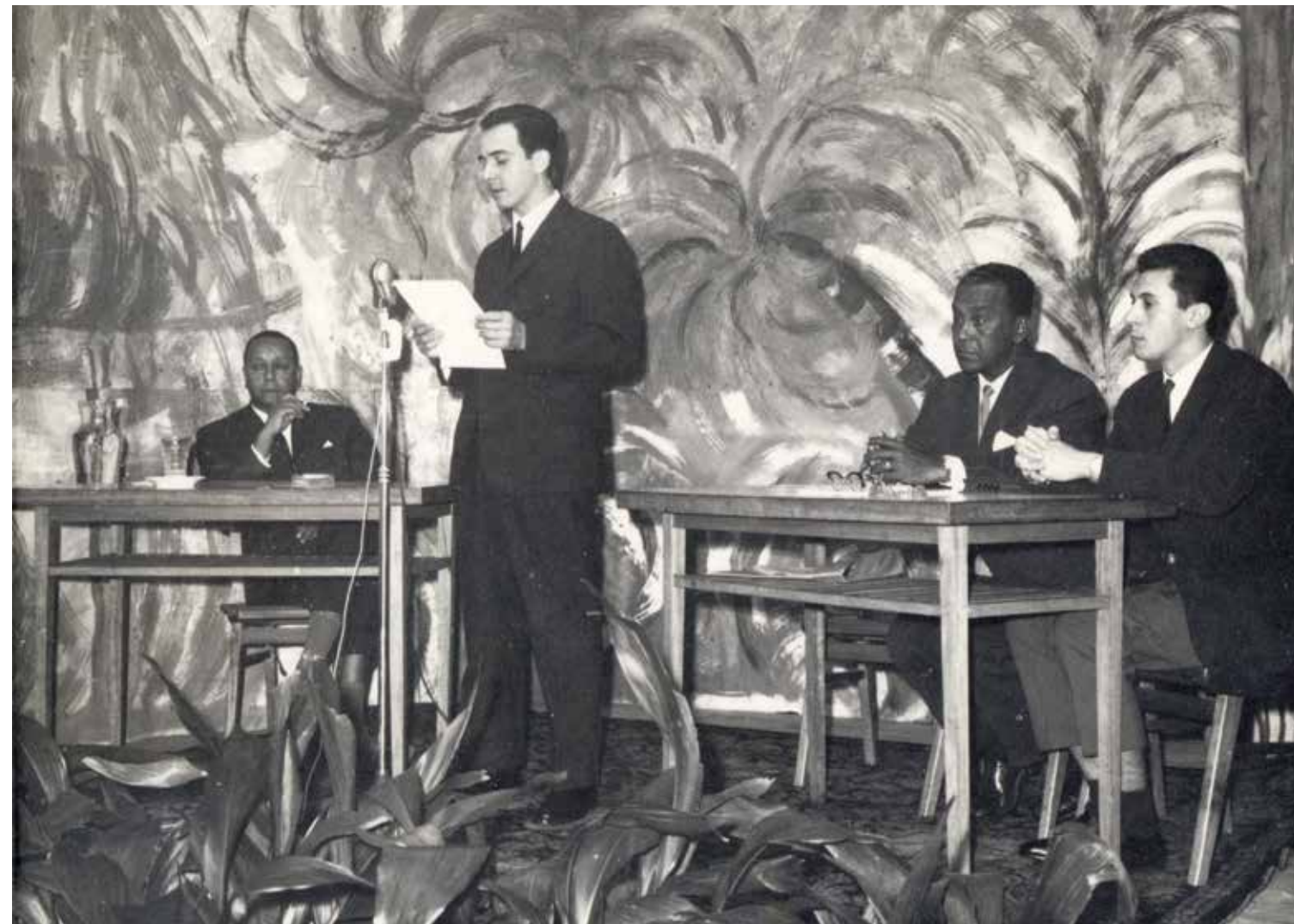
O Sabor das palavras
Fragmento. 28.10.2014.
Manuel Rui



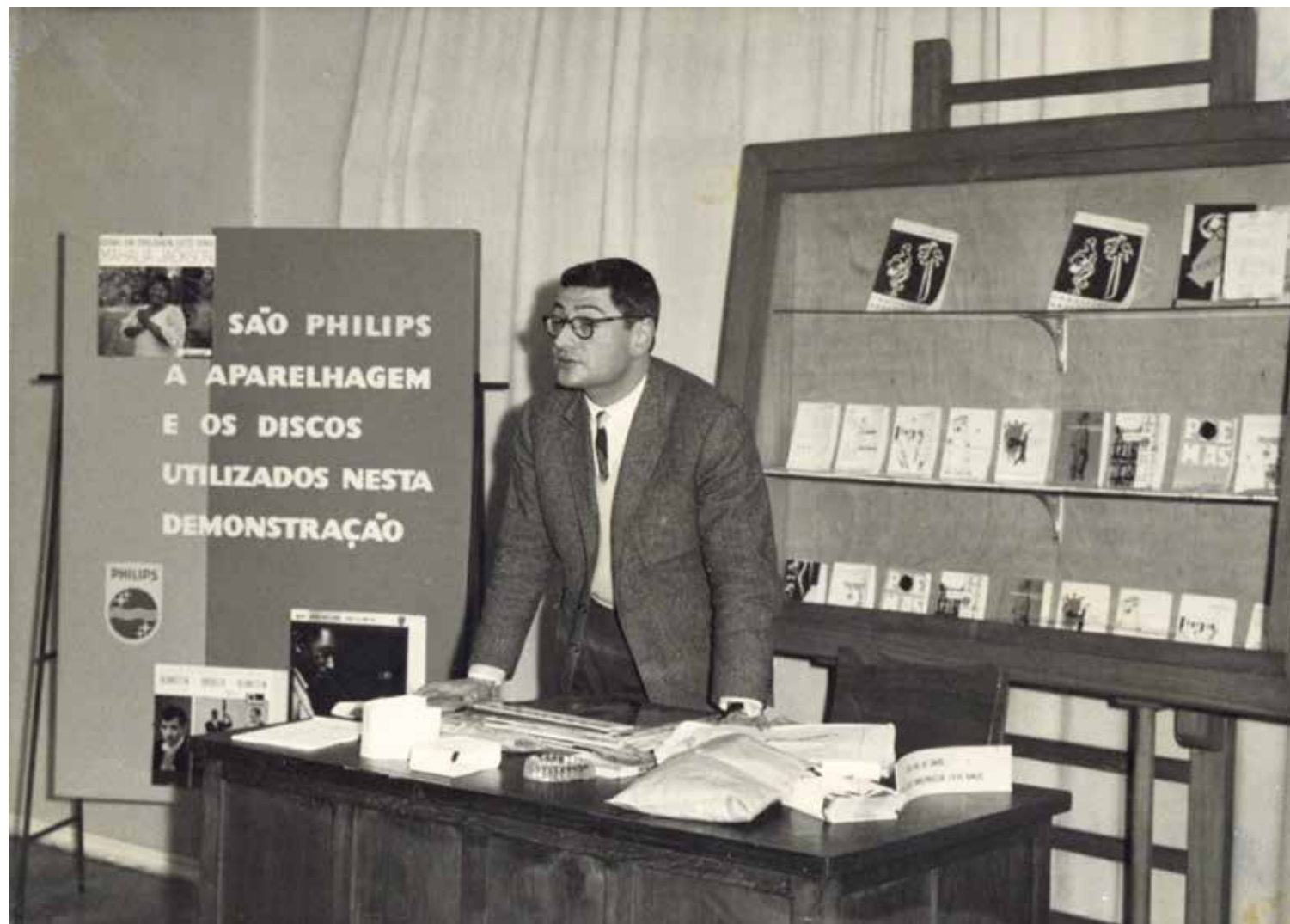
"Equivocos africanos"
Conferência de Orlando Ribeiro.
8.1.1962. Col. Carlos Ervedosa



Processo Poesia
Conferência de Francisco
J. Tenreiro. abril de 1963.
Col. Carlos Ervedosa



**Discurso de apresentação de F. J.
Tenreiro por Carlos Ervedosa**
Conferência de Francisco
J. Tenreiro. abril de 1963.
Col. Carlos Ervedosa



**Audição de música Jazz
por Raúl Calado**
4.4.1963. Col. Carlos Ervedosa



**Assistência a uma sessão cultural
na CEI**
c. 1962. Col. Carlos Ervedosa

Quisera os Amigos da Casa dos Estudantes do Império que se fizesse a introdução ao colóquio que a seguir se realizará sobre a poesia de Angola. Muito honrado com o convite, procurei fazer uma observação pormenorizada da evolução das manifestações poéticas em Angola e dar alguns elementos para o debate. O tempo de que dispus não foi suficiente para trazer-lhes elementos concretos, até porque a sua recolha não é fácil. Já repararam nos certos que na colectânea de poesia que a CEI nos apresenta faltam precisamente poemas representativos do hieratismo tradicional dos povos angolanos. Era acerca desta poesia que mais me interessaria falar se as circunstâncias fossem outras. Espero que durante os debates se consiga exprimir esta falta.

INTRODUÇÃO AO COLÓQUIO sobre POESIA ANGOLANA

(Colóquio na Casa dos Estudantes do Império realizado em Agosto 1959)



**Conferência proferida
por Agostinho Neto**
23.11.1959. Col. Carlos Ervedosa



**Assistência a uma sessão cultural
na CEI**
Lisboa. 1962. Col. ACEI

"Apanha do Algodão"
1961. Desenho a tinta da China.
Henrique Abranches.
Oferta do autor



CEI Programa da semana de actividades
 Novembro de 1964.
 Col. Celme Cruz

CEI SEMANA DE ACTIVIDADES

SEMANA DE ACTIVIDADES
 de 16 a 22 de Novembro de 1964

16 - 20 feira às 21.30 h
 - Palestra do Presidente
 - "Fundamentos Ideológicos da Consolidação"
 Conferência por Alberto Ferreira

18 - 40 feira às 21.30 h
 - Noite de Convívio

20 - 60 feira às 21.30 h
 - "Sociologia do amor em Aquilino Ribeiro e Cardoso Pires"
 Conferência do Dr. Alexandre Pinheiro Torres

21 - Sábado
 - Tarde Desportiva às 16.00 h
 - BAILE às 22.00 h

22 - Domingo às 20.00 h
 - Jantar de confraternização

Casa dos Estudantes do Império

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

semana do
 estudante ultramarino

ABRIL 64

20º ANIVERSÁRIO

22.00 - KIZOMBA
 Alegre e grandioso baile

18.00 - JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

18.00 - Abertura da exposição de quadros do autor do colega Rodrigues dos Santos.

21.30 - Colóquio sobre o ENSINO NO ULTRAMAR com base em teses apresentadas pelo Secção de Estudos Ultramarinos da C.E.I.

21.30 - Colóquio "IMPORTÂNCIA DO APROVEITAMENTO DAS FORMAS NÃO CLASSICAS DE ENERGIA NO COMBATE AO SUB-DESENVOLVIMENTO INTER-TROPICAL" pelo Eng. Humberto da Fonseca.

20º Aniversário da CEI
 Programa da Semana do estudante ultramarino. Abril de 1964. Col. Celme Cruz

"Cultura dos Povos do nordeste de Angola".
 Novembro de 1962.
 Documentário fotográfico por Mesquitela Lima. Col. Celme Cruz

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Documentário Fotográfico

"ALGUNS ASPECTOS DA CULTURA DOS POVOS DO NORDESTE DE ANGOLA"

Organização de T. S. L. e da Direcção da Mesquitela Lima

Integrado no SEMANA DE RECEPÇÃO DOS NOVOS ESTUDANTES ULTRAMARINOS

Lisboa Novembro 1962

FOTOGRAFIAS

1 - Antena depois da quinze
 2 - São Vicente
 3 - Galeria florentina
 4 - Tipo catão
 5 - "Veragem"
 6 - Mulher anagui de luto
 7 - 2 moças milhar
 8 - Pastelão quimbo
 9 - Viado quimbo
 10 - Sala tipo emangue
 11 - Cozinha aberta para um grupo fôto
 12 - Sala banda
 13 - Tipo bone-lulua
 14 - "Lunda"
 15 - Cozinha com utilidade de lãlã variadas
 16 - Aspecto de uma aldeia quimbo
 17 - Dança emangue
 18 - Cozinha típica
 19 - Cozinha
 20 - Alto-forno quimbo
 21 - Forno de lãlã
 22 - Mulheres quimbo
 23 - Aldeia
 24 - Cozinha (cuchinho de água)
 25 - Cozinha (banho com pale no teto)
 26 - Cozinha (banho com pale no teto)

27 - Forno de cozinha
 28 - " "
 29 - " "
 30 - " "
 31 - Cozinha
 32 - Cozinha de luto
 33 - Cozinha de cozinha da cozinha
 34 - Cozinha e cozinha
 35 - Cozinha quimbo de cozinha de cozinha
 36 - Cozinha quimbo quimbo
 37 - Cozinha de cozinha
 38 - Cozinha quimbo de cozinha e cozinha
 39 - Cozinha de cozinha
 40 - Cozinha de cozinha de cozinha de cozinha

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

PROGRAMA
 (24 a 30 de Janeiro)

dia 24 - sexta-feira
 21.30 h - Palestra do Presidente da Direcção

dia 25 - sábado
 22.00 h - BAILE

dia 26 - domingo
 15.00 h - TARDE DESPORTIVA
 21.00 h - JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO, seguida de folclore

dia 28 - terça-feira
 21.30 h - "REPRESENTAÇÕES AFRICANAS NO TEATRO DAS NAÇÕES" Colóquio dirigido por Rogério Paulo

dia 29 - quarta-feira
 15.00 h - Abertura da EXPOSIÇÃO DE PINTURA MOÇAMBIQUANA do pintor Benito Lopes

dia 30 - quinta-feira
 21.30 h - HUMANISMO E NEGRITUDE Colóquio por Alfredo Margarido

QUERIDO DO COORDADOR

OS NOVOS
 estudantes ultramarinos

Aos novos estudantes ultramarinos
 s.d. Programa da semana de recepção. Col. Celme Cruz



**"O homem de flor na boca"
de L. Pirandello**
1960. Intérpretes: Fernando
Ganhão e Paulo Jorge.
Col. Carlos Ervedosa



**O Embaixador do Brasil Negrão
de Lima é recebido pela Direcção
da CEI**
1960. Col. Carlos Ervedosa

A CASA
dos Estudantes
do Império

**INAUGUROU A SEMANA
DAS SUAS ACTIVIDADES**

Com a presença de numerosos estudantes das várias províncias ultramarinas, a Casa dos Estudantes do Império inaugurou ontem, à noite, a semana das suas actividades. Presidiu à sessão o sr. dr. Arménio Ferreira e abriu os trabalhos o presidente daquela colectividade, o estudante sr. Carlos Evedosa, o qual, depois de saudar o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro, conferencista da noite, anunciou que a C. E. I. é a verdadeira casa de todos os estudantes do ultramar residentes em Lisboa e, como tal, não pode pertencer a um grupo étnico, racial, político ou religioso, porque pertence a todos, e por isso mesmo é a única e legítima organização que representa na metrópole os estudantes ultramarinos. Mais adiante o orador defendeu o princípio do que deve ser a Casa dos Estudantes do Império, que conta com a solidariedade fraterna das associações académicas.

Seguidamente o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro proferiu uma conferência sobre «Equivocos africanos», que a assistência ouviu com interesse. Por último foram distribuídos diplomas de mérito associativo a 8 dos 20 estudantes sócios da C. E. I. que terminaram a sua formatura.

Hoje, às 18.30, naquele organismo é inaugurada uma exposição de livros sobre o ultramar com obras pertencentes à biblioteca da C. E. I.

Recorte de jornal
8.1.1962. Fonte n.i. Col. ACEI

**Uma conferência na Casa
dos Estudantes do Império
acerca da antropologia cultural
dos povos do nordeste angolano**

Integrada num ciclo de palestras promovido pela secção de Estudos Ultramarinos da Casa dos Estudantes do Império, o funcionário administrativo, sr. Mesquitela de Lima, realizou, ontem, na sede daquela instituição, uma conferência em que versou o tema «A antropologia cultural dos povos do Nordeste de Angola».

O orador, que ilustrou o seu trabalho com a projecção de diapositivos, dividiu a palestra em três partes. Na primeira, expôs a sua posição como etnógrafo e funcionário administrativo, funções que considerou inteiramente conciliáveis; na segunda, equacionou a problemática da etnografia angolana e apontou o esquema de diversas soluções de etnólogos de todos os lugares do Mundo e na última parte comentou alguns usos e costumes dos povos lundas, quícoos e balubas.

A palestra foi seguida de debate, em que foram apreciados importantes aspectos ligados ao desenvolvimento social, político e económico de alguns povos fixados nas extensas áreas do Nordeste.

Recorte de jornal
25.10.1962. Fonte n.i. Col. ACEI

**Programa da exposição
de pintura e desenho
de José Pádua**
1.4.1963. Col. ACEI



**A CASA
POR DENTRO**

EDITORIAL



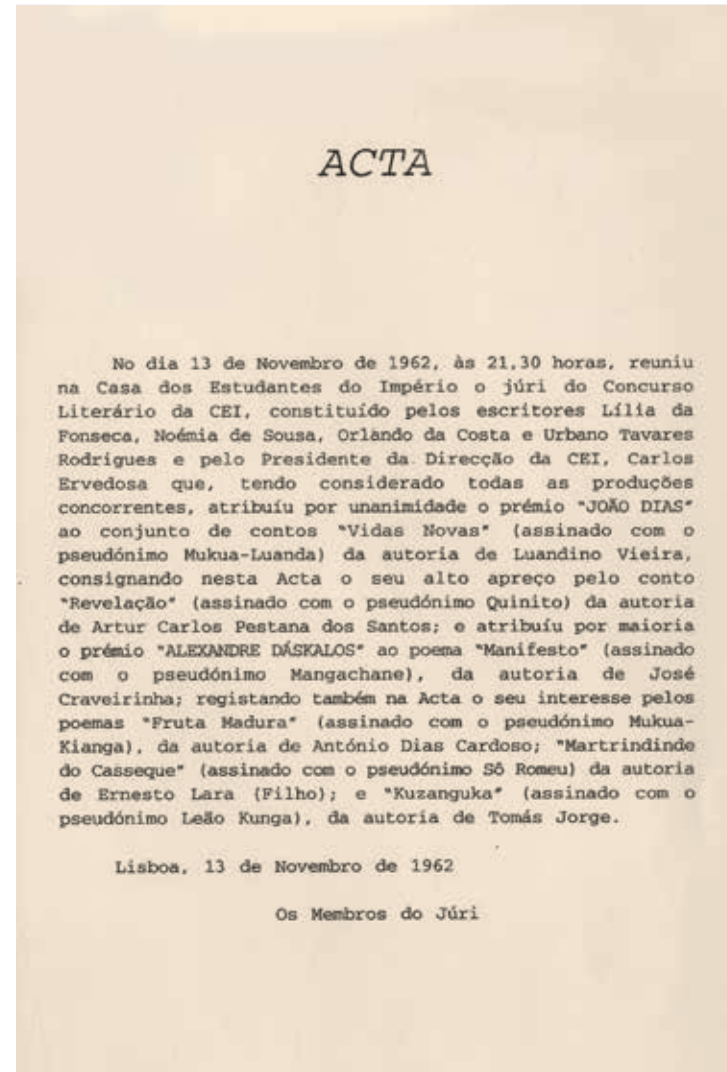
Meridiano
Boletim da CEI. Coimbra, ano III, nº6, 24.1.1948. Col. Carlos Veiga Pereira



Colecção de Autores Ultramarinos e Antologias editadas pela CEI
1959-1964



Alfredo Margarido
Escritor, crítico literário e colaborador da secção editorial da CEI. Foto c. 1950. Viana do Castelo. Col. Isabel C. Henriques



ACTA

No dia 13 de Novembro de 1962, às 21,30 horas, reuniu na Casa dos Estudantes do Império o júri do Concurso Literário da CEI, constituído pelos escritores Lília da Fonseca, Noémia de Sousa, Orlando da Costa e Urbano Tavares Rodrigues e pelo Presidente da Direcção da CEI, Carlos Ervedosa que, tendo considerado todas as produções concorrentes, atribuiu por unanimidade o prémio "JOÃO DIAS" ao conjunto de contos "Vidas Novas" (assinado com o pseudónimo Mukua-Luanda) da autoria de Luandino Vieira, consignando nesta Acta o seu alto apreço pelo conto "Revelação" (assinado com o pseudónimo Quinito) da autoria de Artur Carlos Pestana dos Santos; e atribuiu por maioria o prémio "ALEXANDRE DÁSKALOS" ao poema "Manifesto" (assinado com o pseudónimo Mangachane), da autoria de José Craveirinha; registando também na Acta o seu interesse pelos poemas "Fruta Madura" (assinado com o pseudónimo Mukua-Kianga), da autoria de António Dias Cardoso; "Martrindinde do Casseque" (assinado com o pseudónimo Só Romeu) da autoria de Ernesto Lara (Filho); e "Kuzanguka" (assinado com o pseudónimo Leão Kunga), da autoria de Tomás Jorge.

Lisboa, 13 de Novembro de 1962

Os Membros do Júri

Acta do Júri do Concurso Literário da CEI
3.11.1962. *Mensagem*, ano XIV, nº4, novembro de 1962

Mensagem. Boletim da CEI
Lisboa, nº2, maio de 1962.
Capa de Noémia Delgado.
Col. Celme Cruz



mensagem

M. Delgado



Os directores da secção editorial (Carlos Ervedosa e Costa Andrade) e da *Mensagem* (Tomás Medeiros) com Rui de Carvalho na cantina da CEI
c. 1960. Col. Carlos Ervedosa



Carlos Ervedosa, Luandino Vieira e Costa Andrade
Foto c. 1962. Col. Carlos Ervedosa

A CASA À DESCOBERTA DO MUNDO

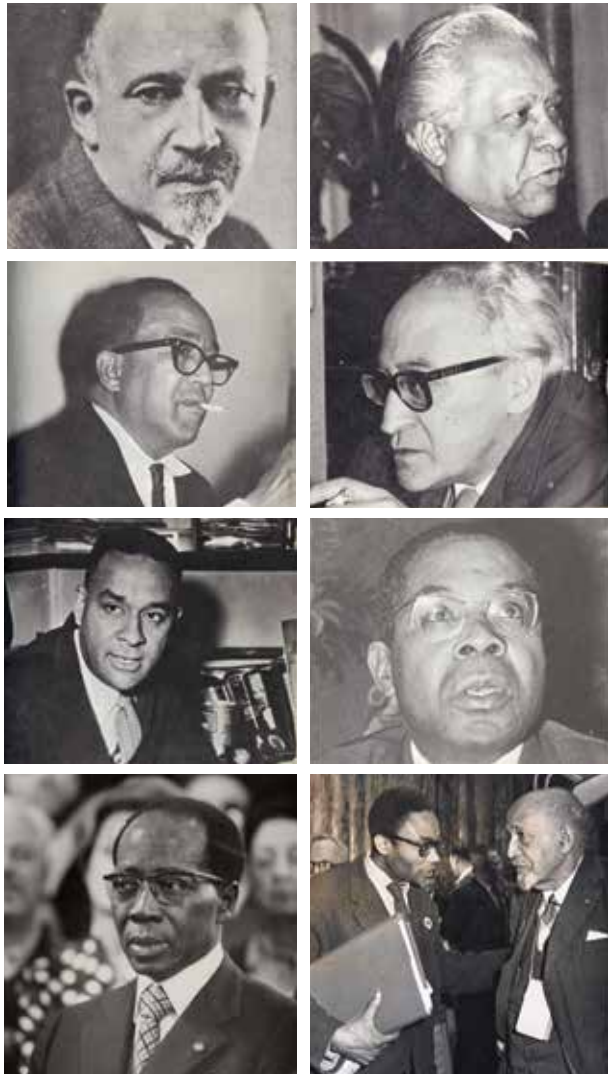
O movimento da Negritude, iniciado em França por intelectuais africanos e antilheses, reivindicava o fim da violência colonial e da discriminação racial e a valorização cultural e política dos negros. Inspirado no pan-africanismo e no Harlem Renaissance (Movimento Negro Americano) do período entre-guerras, teve forte impacto na juventude pós-1945, nos países colonizados de África e das Caraíbas e na América Latina. Não obstante a repressão e o isolamento impostos pela ditadura salazarista, ecos daqueles movimentos também vão chegar aos jovens das colónias portuguesas.

A partir de 1947, a atividade cultural da CEI começa a responder ao desejo dos associados de conhecer as suas raízes culturais, de (re)descobrir África e o mundo. Esse processo não se circunscreve à CEI. Tanto em Lisboa como em Coimbra, surgem espaços informais de circulação de livros e ideias,

de reflexão e debate político, de contestação ao fascismo e ao colonialismo, sob o impulso da “geração de Cabral”. É o caso do Centro de Estudos Africanos (CEA) onde, entre 1951 e 1954, um grupo restrito de estudantes discute, em reuniões semi-clandestinas, as identidades culturais e históricas e os problemas africanos.

A Negritude e outras filiações intelectuais transnacionais, assim como movimentos culturais e literários das colónias portuguesas, como o “Vamos descobrir Angola!”, animam as conversas. Ali fermenta a crítica ao lusotropicalismo que Mário de Andrade viria a publicar na revista *Présence Africaine*, denunciando a argumentação usada pelo Estado Novo para legitimar a perpetuação do império português.

Este despertar cultural dos jovens da CEI consistiu, essencialmente, na “reafricanização dos espíritos”.



Vozes do pan Africanismo e da Negritude

W. E. Dubois, Langston Hughes, Richard Wright, Léopold Senghor, Nicolás Guillén, Castro Soromenho, Aimé Césaire. Fotos in Lilian Kesteloot. *Anthologie Negro-Africaine*. 1961.

Mário de Andrade com Dubois. Tashkent, 1958. Foto cedida pela Associação Tchiweka - ATD

nouvelle série bimestrielle

avril-mai 1956



Aimé Césaire *Décolonisation pour les Antilles*
Jean Dresch *L'Eurafrrique*
A.-R. Ratsimamanga
et C.-M. Lorin *Poètes malgaches de langue française*

L'ENSEIGNEMENT EN AFRIQUE NOIRE

J.-C. de Graft-Johnson *African traditional education*
A. Wade *Critique des méthodes pédagogiques*
Sengat Kuo *L'éducation de base au Cameroun*
Buanga Fele *Crise de l'enseignement dans les colonies portugaises*

★

J. Rabemananjara *Automne austral*
Gilbert Gratiant *L'Arc-en-ciel noir*

CHRONIQUES

par S.-O. Biobaku, H.-U. Beier, A. Diop, G. Rouget
NOTES

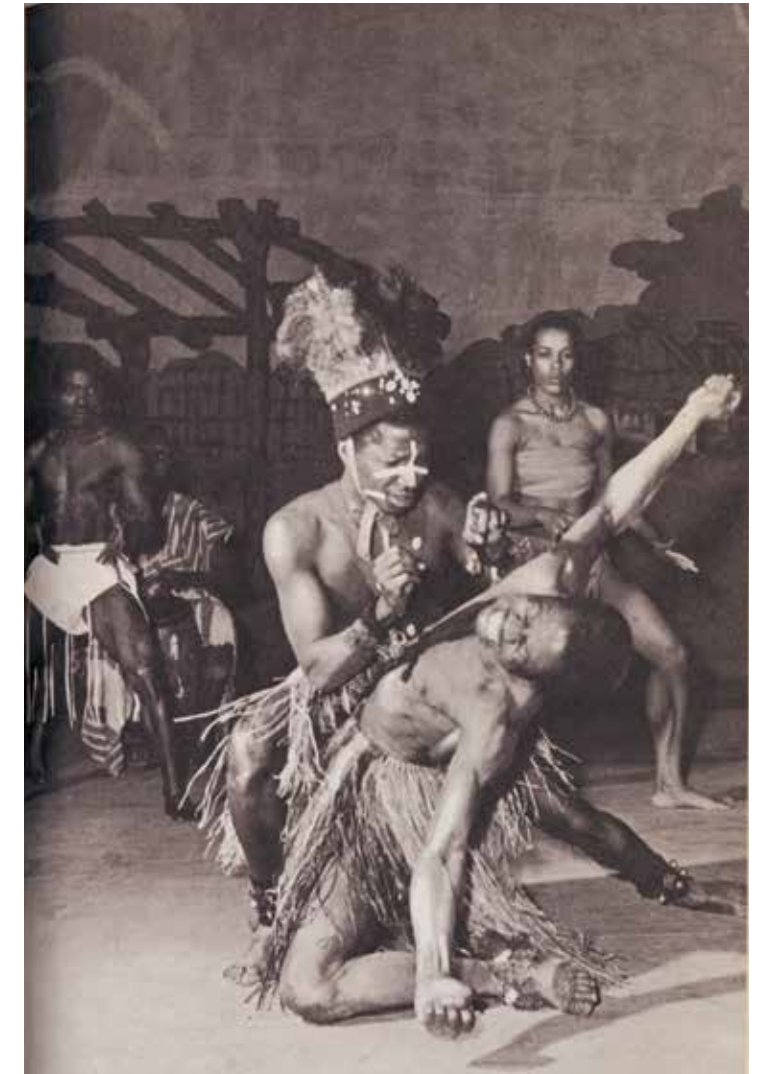
Présence Africaine

avril-maio 1956

...Caminhos trilhados na Europa de coração em África. De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas de Guillén de coração em Àfrica com a impetuosidade viril de I too am America de coração em África com as árvores renascidas em todas estações nos belos poemas de Diop...

"Coração em África"

Poema de Francisco José Tenreiro. 1953



Ballets de Keita Fodeba

Foto in L. Kesteloot. *Anthologie Negro-Africaine*. 1961



Senghor fala ao *Diário Ilustrado*
Entrevista de Carlos Veiga Pereira. *Diário Ilustrado* nº14, 20.4.1957. Col. Carlos Veiga Pereira

*...No mundo
a Coreia ensanguentada às
mãos dos homens*

*fuzilamentos na Grécia
greves na Itália
o apartheid na Africa
e a azáfama das fábricas
atómicas para matar em
massa matar cada vez mais
homens.*

*Mas no mundo controí-se
no mundo controí-se
E o nosso formado em
Medicina construirá também!...*

Poema 4. "Um aniversário".
Fragmento. Agostinho Neto. in Augusto Ferreira. *Cadernos de poesia*. 1957. casacomum.org. DMA-P.0354.001.003



**Nº 37 da Rua Actor Vale onde
reunia o Centro de Estudos
Africanos entre 1951 e 1954**
Foto O. Ignatiev, *Amilcar
Cabral, filho de África*. Lisboa,
1975:17



Arquivo Tchiwe

Lúcio Lara
(1929-2016) Foto c. 1947 in *Lúcio Lara. Tchiweka*. Edição Tchiweka, Luanda, 2010:12

"DEIXA PASSAR O MEU POVO"
Para João Silva

Escrevo...
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.
Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado
e revoltas, dores, humilhações,
tatuando de negro o virgem papel branco.
E Paulo, que não conheço
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de Moçambique,
e misérias, anelas gradeadas, adeuses de magaiças,
algodoais, e meu inesquecível companheiro branco,
e Zé- meu irmão - e Saúl,
e tu, Amigo de doce olhar azul,
pegando na minha mão e me obrigando a escrever
com o fel que me vem da revolta.
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,
enquanto escrevo noite adiante,
com Marian e Robeson viglando pelo olho luminoso do rádio
- "let my people go
oh let my people go"!

E enquanto me vierem de Harlem
vozes de lamentação
e meus vultos familiares me visitarem
em longas noites de insónia,
não poderei deixar-me embalar pela música fútil
das valsas de Strauss.
Escreverei, escreverei,
com Robeson e Marian gritando comigo:
Let my people go,
OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!

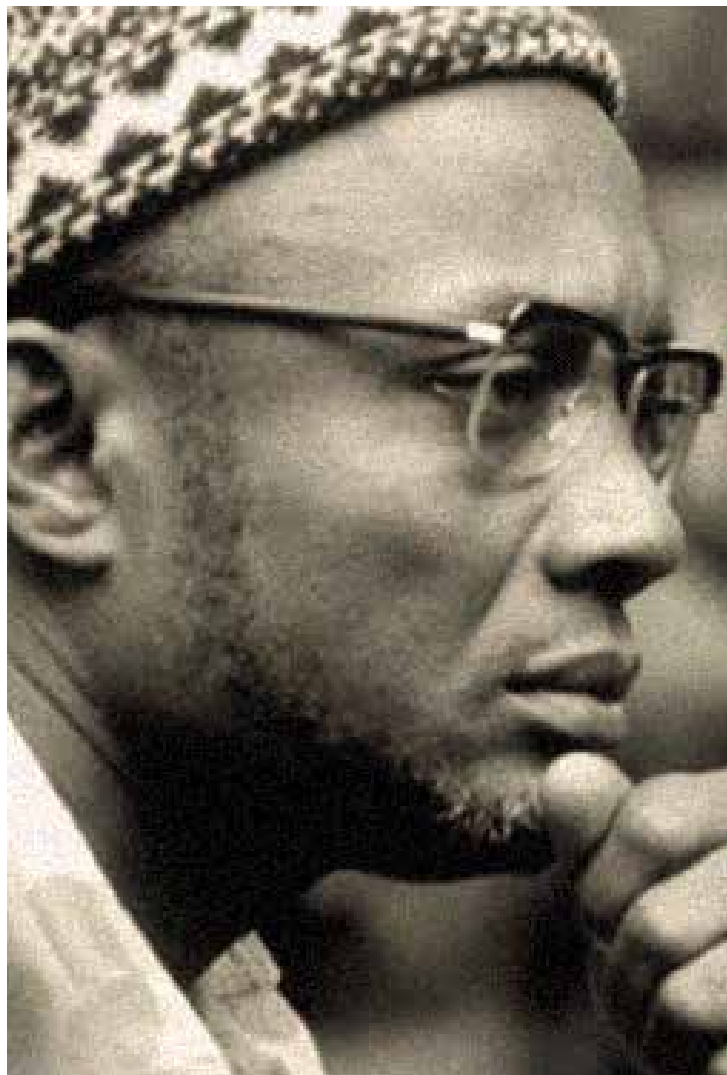
L.M. 26/1/50.

* * *

"Deixa passar o meu Povo"
Poema de Noémia de Sousa.
Poesias inéditas 1948-1951.
Col. Eduardo Medeiros



Mário Pinto de Andrade em Paris
(1928-1990) Foto 1954. in *Mário Pinto de Andrade. Um Olhar Íntimo*. Luanda, 2009



Amílcar Cabral
(1924-1973). Foto c. 1963.
casacomum.org.
DAC-P.05221.000.001

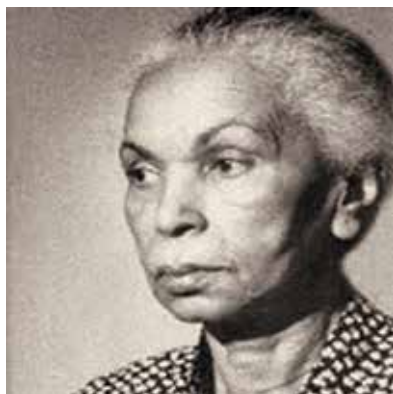
Julieta Espirito Santo
(1926-2008). Foto
c.1955. Col. ACEI



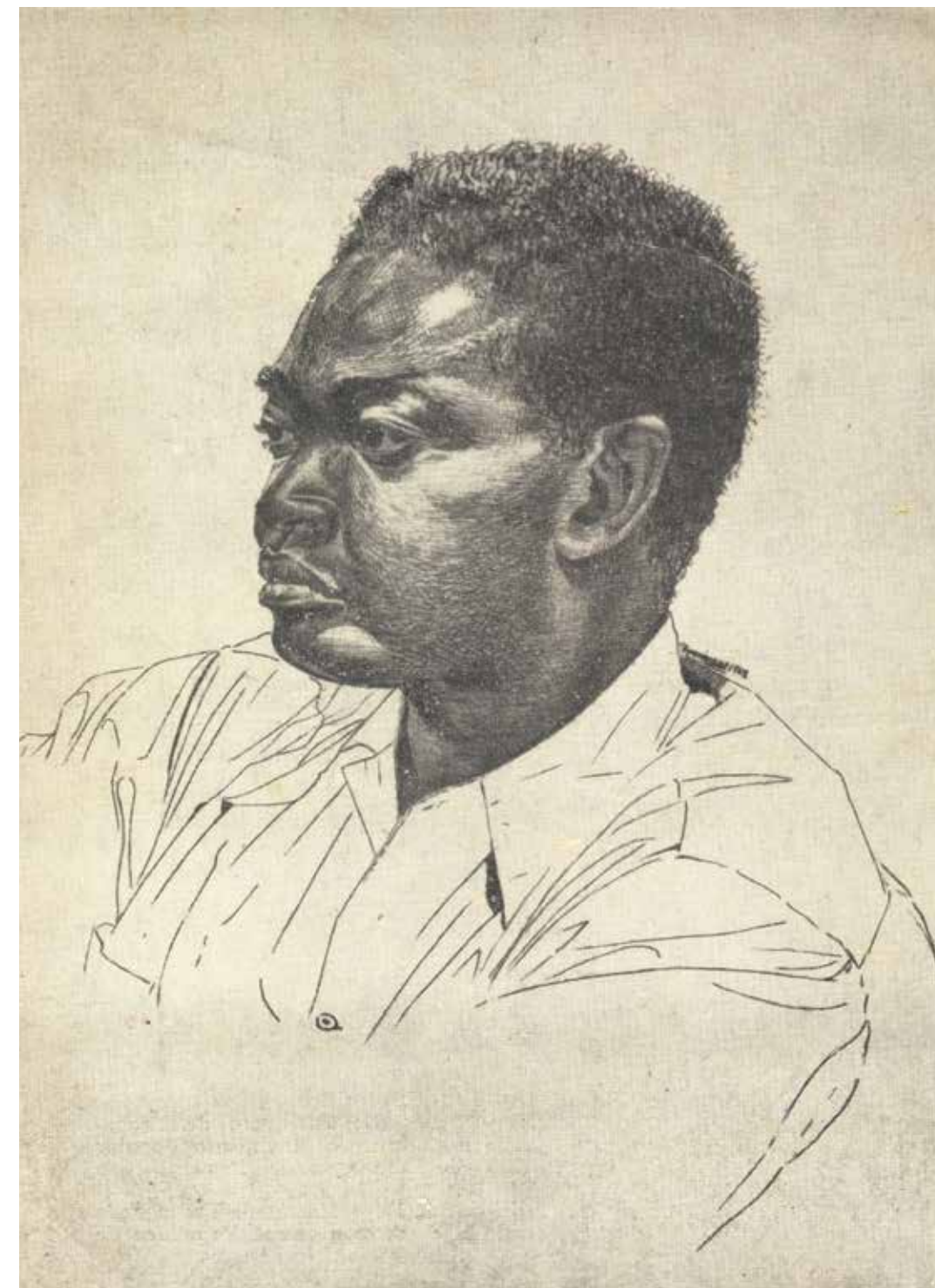
Francisco José Tenreiro
(1921-1963). Foto s.d.
in *Coração em África*.
Lisboa, 1982:47



Noémia de Sousa
(1926-2002). Foto s.d.
Col. ACEI



Agostinho Neto
(1922-1979). Desenho a tinta
da china de António
Domingues. 1953. imagem
cedida pela Associação
Tchiweka. ATD



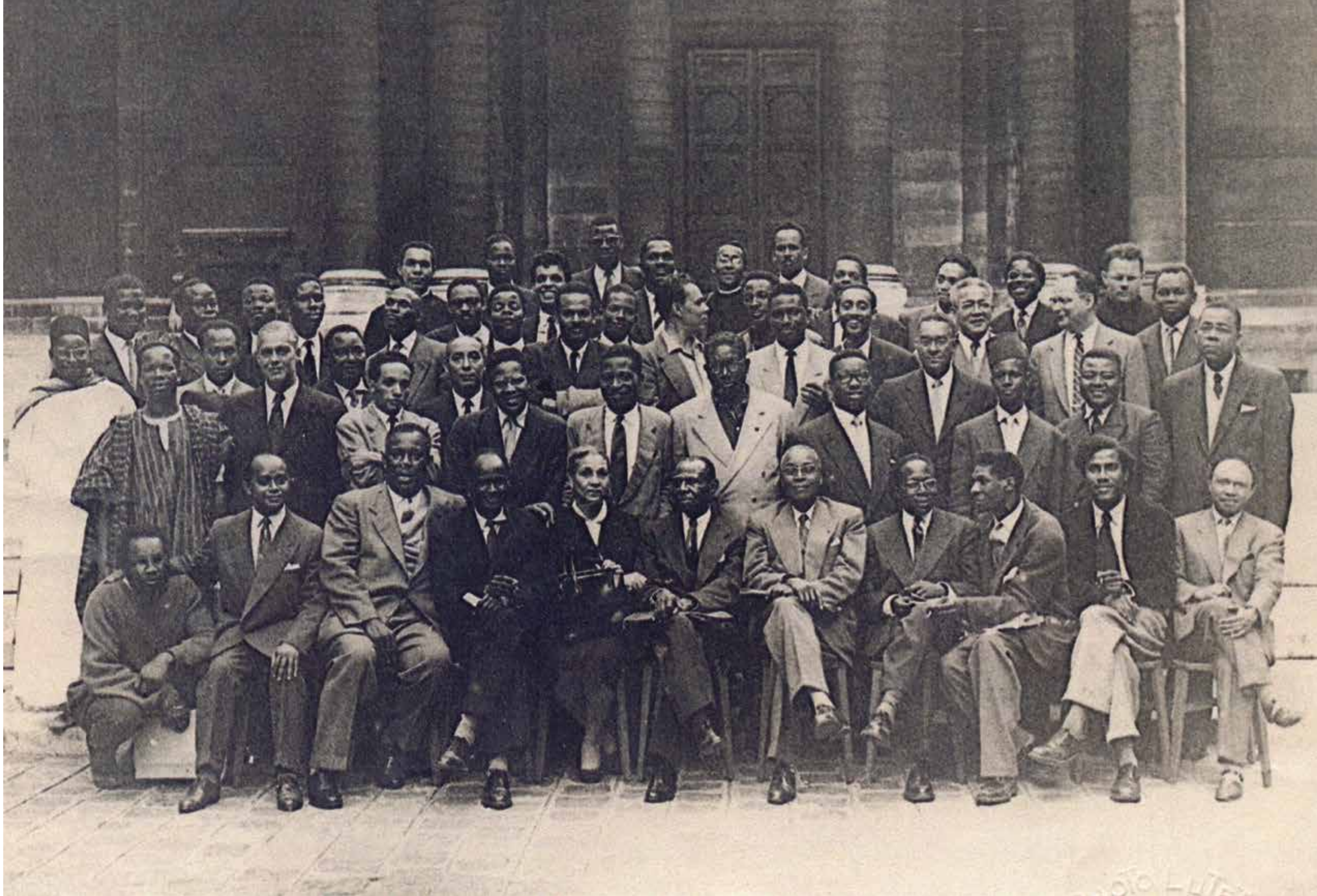


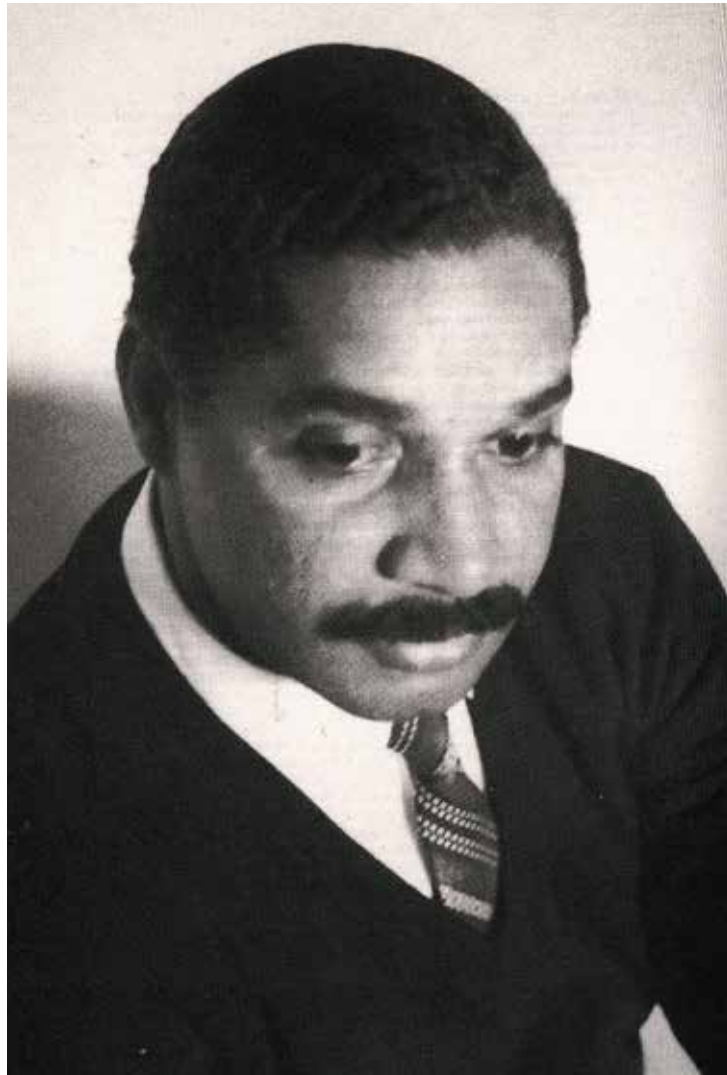
Mulheres pilando cereais
Postal. outubro 1953.
António Domingues. AMS.
DMA-PO4326.001.002

Alda do Espírito Santo
(1926-2010). Desenho
a tinta da China de António
Domingues. 1952. Imagem
cedida pela Associação
Tchiweka. ATD

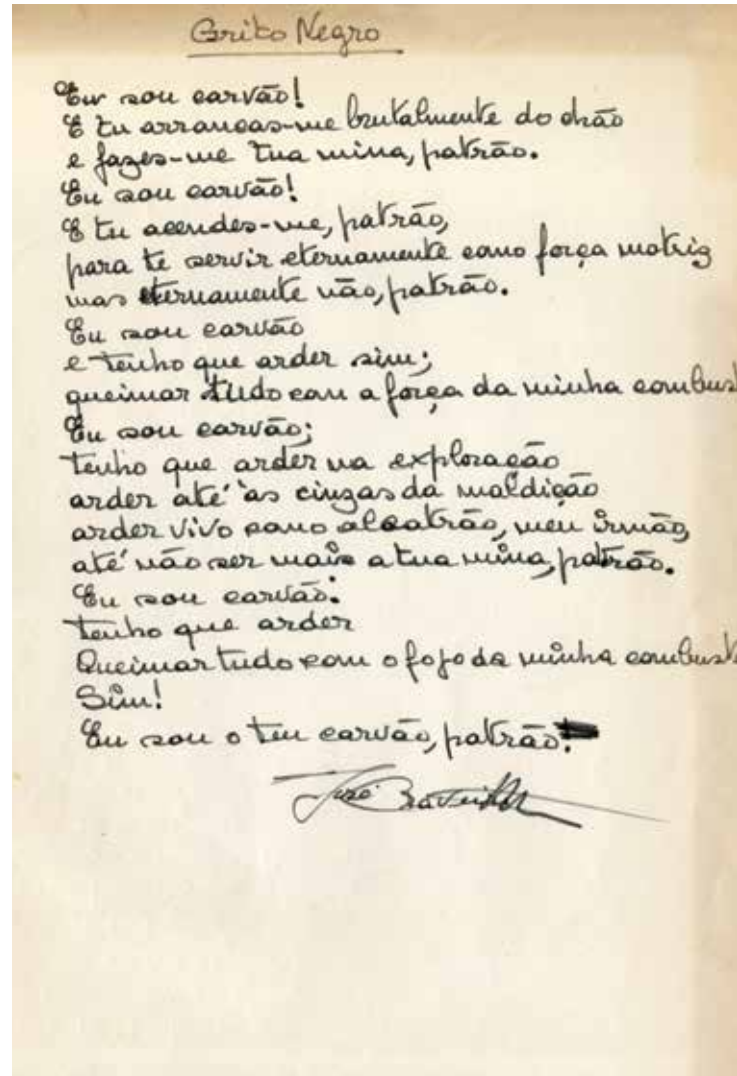


**Participantes no I Congresso
Internacional de Escritores
e Artistas Negros**
Sorbonne, Paris, 1956. Postal.
Col. C. Veiga Pereira





José Craveirinha
(1922-2003). Col. ACEI



"Grito Negro"
Poema autógrafo de José Craveirinha. 1950. Col. ACEI

POESIA NEGRA

DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

No limiar do primeiro caderno de poesia negro-africana de expressão portuguesa, ocorrem algumas considerações forçosamente breves sobre as características essenciais da poesia negra. Poesia negra, não é somente aquela que é produzida pelo negro indígena da África, mas também a das Américas e esta que surge hoje como fruto amadurecido numa nova consciência dos problemas africanos, elaborada com a ampla técnica das tradições culturais da Europa.

Na África Negra, a poesia tradicional não vive por si, como um dardo de existência própria, mas apenas quando as palavras são essenciais à música, e a música e as palavras à dança. É uma forma sempre interessada e integrada numa expressão estética mais larga e complexa — o drama ritual. Toda a poesia está expressa nas canções, vinculadas aos acontecimentos da comunidade: nas cerimónias de nascimento, iniciação, casamento, caça ou funeral, quando há necessidade de os jovens exercerem a sua influência sobre a amada, de as mães educarem os filhos, de os velhos perpetuarem a tradição da comunidade, de os chefes religiosos ou civis conservarem a estabilidade das suas tribos, de os guerreiros desportarem a coragem durante o combate e inspirarem temor ao inimigo, enfim, canções religiosas de feitiçaria e maldições, canções invocando os benefícios da natureza, canções executadas pelos trabalhadores e tudo o mais que seja peculiar ao grupo. É o servir estas canções, as línguas e dialectos vernáculos nativos, numa notável expressividade e concisão, tal como os ritmos de tam-tam...

Um pouco por toda a África Negra se mantém ainda esta poesia, mais viva nuns reinos, mais estubida noutros. Analisemos o caso da África do Sul, paralelamente ao caso das outras regiões africanas sob dominação belga e inglesa, onde se nota uma conservação dos valores culturais africanos, recuados de forma dinâmica, graças ao esforço de superação do condicionamento operativo da segregação.

Mas as artes dos Negro-Africanos estão unificadas. Com efeito, desde o séc. XV que o contacto de uma certa Europa com a África vem realizando nos corpos sociais do então chamado continente negro, um amolecimento da sua força geográfica, até mesmo a sua destruição, desdibujando os limites, negando os seus valores culturais, despojtando as forças aborígenes em provento da formação dum novo continente. E nem por isso essa Europa, velho continente, não vigilou as luzes da sua civilização e cultura, que ceder um pouco da sua claridade, para uma tomada de contacto com os elementos das civilizações e culturas da África Negra, um tanto entregues à sua marginalidade pessoal. «Sombras que só muito tarde, no princípio deste século, entrariam a iluminar as salas da Europa com a harmoniosa fealdade das suas artes plásticas. E deste facto — da Europa se negar em estabelecer diálogo com a África, reduzir a nada os valores negros, impor a sua civilização e só ela, fazer dos homens negros, homens à sua imagem e semelhança e só à sua imagem e semelhança — nasceu o éxodo, o desestruturamento, sem quaisquer tradições autóctonas, quer europeias quer africanas. Um tipo de homem, de novo marginal e transitorio que se diluiu na mentalidade europeia, apresentando vagamente as suas origens africanas. Assim é que a poesia negra mais atualizada na complexa social africana se afigera hoje ao negro de formação europeia, particularmente ao da língua francesa e portuguesa, como um processo linguístico e mesmo incompreensível, na sua forma linguística nativa».

Entretanto, abre-se um novo caminho de reconquista dos valores perdidos. O negro-africano ocidentalizado, acossado de civilizações brancas, exprime uma atitude, num movimento formalmente cultural — a «negritude». Agora é o novo negro que surge entre duas guerras, consciente dos problemas da sua particular alienação, a alienação colonial e reivindicando o seu lugar nos quadros da vida económica, social e política. Sinceramente interessado na preparação duma síntese de civilizações, dum justo e equilibrado diálogo Europa-África, Léopold Sédar Senghor, poeta do Senegal, foi representante da negritude, pôe o problema: Porquê não unir as nossas duas civilizações a fim de suprimir todas as sombras? Ou, para empregar uma imagem familiar, porque razão, cultivando o nosso jardim, não tentar o rebento europeu sobre o nosso rebento africano? Virtude das civilizações mestiças...

Mas como essa síntese ainda vem longe, o problema actual reside na conquista duma personalização, numa reabilitação de valores. A poesia do negro ocidentalizado procura duma necessidade imperiosa e angustiante de reencontrar os valores nativos destruídos, necessidade de se readaptar ao seu ambiente, necessidade de gritar a sua presença no mundo. Almeida Garrett não se cansa de afirmar na sua forma poética tão penetrante:

«... Et nous sommes debout maintenant, mon pays et moi, les cheveux dans le vent, ma main petite maintenant dans son poing énorme et la force n'est pas en nous, mais au-dessus de nous, dans une voix qui vrille la nuit et l'audience comme la pénétrance d'une parole apocalyptique.

Et la voix prononce que l'Europe nous a perdus des siècles gardés de menaces et goffes de postilleries, car il n'est point vrai que l'œuvre de l'homme est faite que nous n'avons rien à faire au monde que nous paraîtrons le monde qu'il suffit que nous nous mettions au pas du monde

mais l'œuvre de l'homme vit seulement de commémorer et il reste à l'homme à conquérir toute interjection immobilisée aux vains de sa ferveur et aucune race ne possède le monopole de la beauté, de l'intelligence, de la force et il est place pour tous au rendez-vous de la conquête et nous savons maintenant que le soleil tourne autour de notre terre éclairant la parcelle où a fixé notre volonté seule et que toute étoile échoie le ciel en terre à notre commandement sans limite.

(CONTINUA NA PÁGINA 21)



A VOLTA DA CASA

A Casa nunca foi uma ilha.

Os sócios procuravam inserir-se no meio social envolvente por vezes discriminatório e, em particular, no meio académico. Desde a fundação, estudantes da CEI aderiram ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) Juvenil, onde debatiam o futuro dos seus países, participavam em campanhas eleitorais e no Movimento para a Defesa da Paz e militavam no PCP.

Em Coimbra, a CEI estabeleceu relações com a Associação Académica, o Órfeão e o Ateneu, programando atividades conjuntas que ultrapassavam o âmbito cultural. Desde a década de 50, estreitaram a colaboração em Lisboa, Coimbra e Porto, numa oposição crescente à política salazarista.

A partir de 1957, uma nova geração de sócios da CEI envolveu-se ativamente nas lutas estudantis, nomeadamente aderindo ao protesto contra o decreto 40.900 (1957), participando no “luto

académico”, devido à proibição governamental das comemorações do “Dia do Estudante” (1962) e integrando a Reunião Inter-Associações.

Foram ainda decisivos para a CEI os contatos regulares com os países de origem. Assim, africanos residentes em Portugal, associados no Clube Marítimo Africano (1954-1961), apoiaram a ação política dos estudantes, fazendo circular jornais e material informativo das províncias ultramarinas, tornando efetiva a comunicação entre organismos que perseguiam idênticas finalidades culturais e políticas.

Em maio de 1965, a atribuição do Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE) ao livro *Luuanda*, de Luandino Vieira, autor editado e já premiado pela CEI (1º Prémio João Dias, em 1962), e à época preso no Tarrafal, não só levou ao encerramento da SPE como pôs em evidência a relação entre a CEI e as emergentes literaturas africanas, consideradas “subversivas” e “desnacionalizantes”.



Ateneu de Coimbra

Rua do Cabido. s.d. s.a.
Biblioteca Municipal de
Coimbra C349



**Estudantes africanos
no Orfeão Universitário
de Coimbra**

1952. in *Lúcio Lara Tchiweka*.
Edição Tchiweka, Luanda 2009

Em 1953 realizou-se o 4.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes e o Congresso Mundial da Juventude, em Bucareste. Estávamos presentes, eu, o Agostinho Neto e o Marcelino dos Santos. Pela primeira vez, discutimos a forma como nos devíamos apresentar: ou ligados ao MUD Juvenil ou como representantes dos nossos países. E chegámos à conclusão de que nos devíamos apresentar como representantes da Guiné-Bissau e Cabo Verde (eu), de Angola (Agostinho Neto) e de Moçambique (Marcelino dos Santos). Foi em Julho de 1953 que, pela primeira vez, nos apresentamos como representantes dos nossos países. O mesmo aconteceu algum tempo depois, em Varsóvia, na Polónia, onde participamos no Congresso Mundial dos Estudantes.

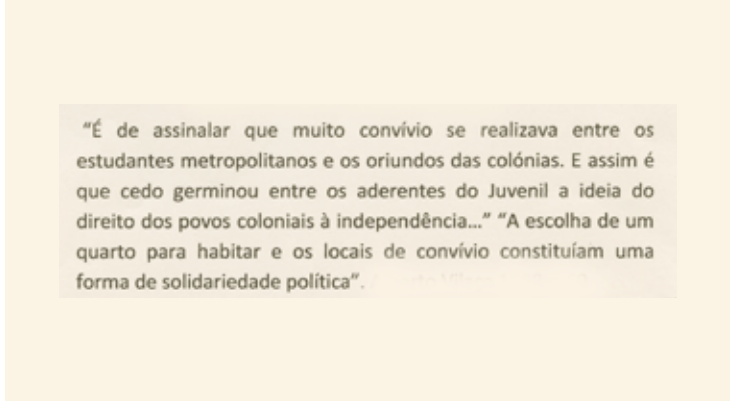
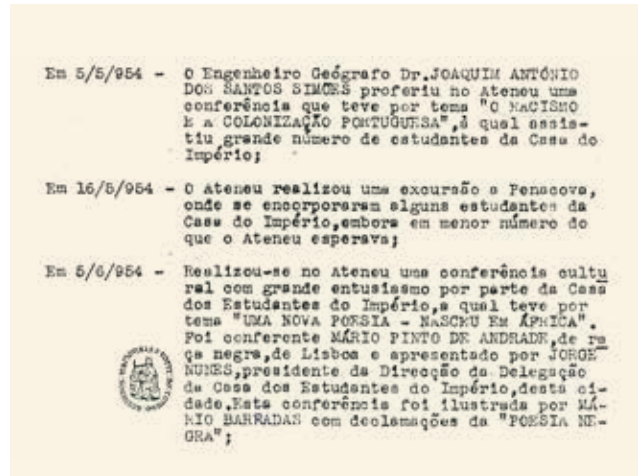
Também participei, em Junho de 1953, em Budapeste, numa reunião do Conselho Mundial da Paz, juntamente com Maria Lamas e em representação do Movimento Português Para a Paz.

Estudantes Africanos em Bucareste

Vasco Cabral. in *Mateus*. 1999:299

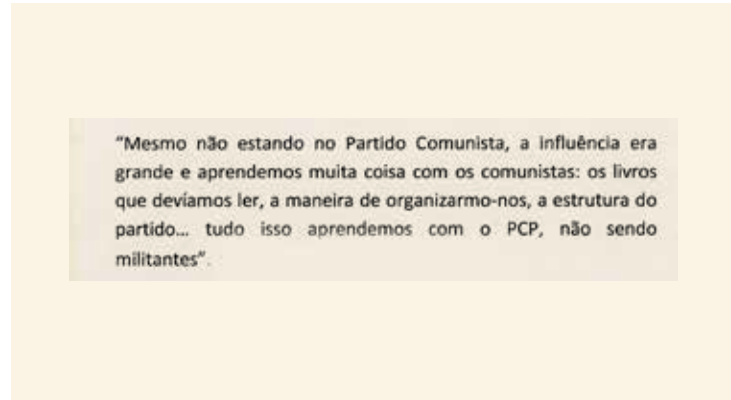
Actividade Associativa da CEI em Coimbra

Relatório nº10/1954 de Sacchetti. 30.11.1954. Imagem cedida pelo ANTT



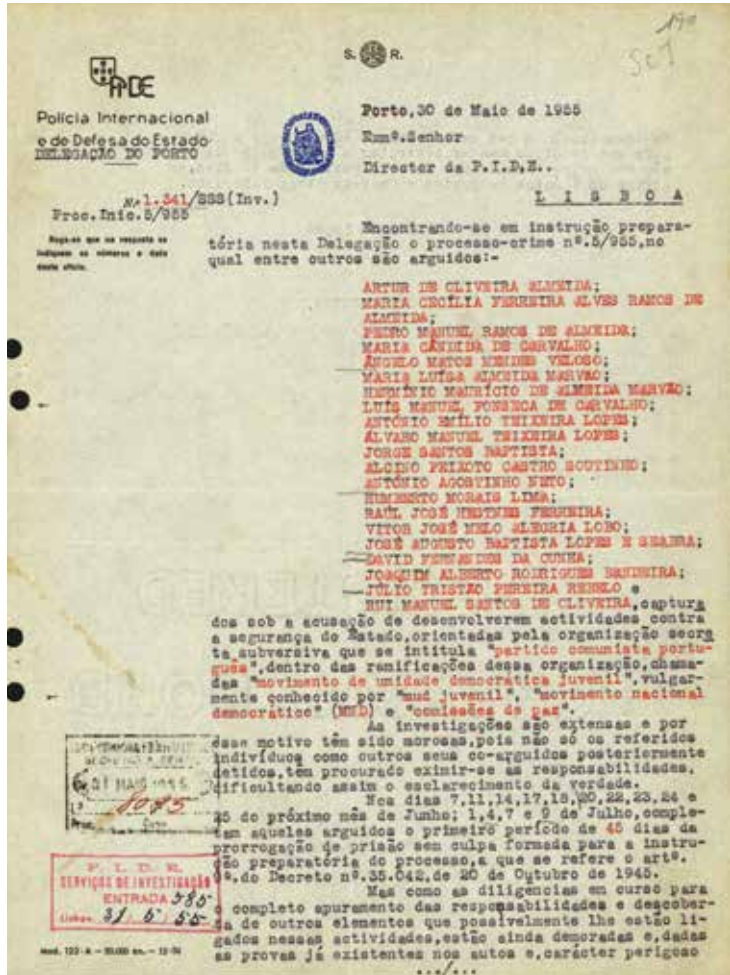
Estudantes Africanos no MUDJ e no PCP

Alberto Vilaça. in *O MUD Juvenil em Coimbra*. 1998:69



Relação dos estudantes Africanos com o PCP

Tomaz Medeiros. in *Mateus*. 1999



A. A. Neto entre os 22 arguidos por "actividades subversivas"

PT/TT/PIDE. Delegação do Porto. 30.5.1955. Imagem cedida pelo ANTT



Divulgação de informação sobre as Colónias

Via Latina. Coimbra. 7.2.1950

POEMA

Aqui não há esperança.
 Aqui é tudo espesso, igual e morno.
 Até onde a vista alcança
 (O sombras do caminho)
 Nada se define em torno.
 Aqui tudo são brumas,
 Movediço e ilusório.
 O que se vê são sombras, não as árvores,
 São imagens, não as coisas,
 E as estrelas, após tantos mistérios,
 Inda são almas em sonhos merencóreos.
 Tudo aqui é uniforme. Onde se apalpa
 Sente-se o decompor dos corpos mortos.
 E a cada passo — uma barreira
 E a cada luz — um véu de trevas
 E em cada bússula os ponteiros tortos
 Na luta, somos desiguais.
 No amor, somos mentiras.
 Na vida, somos estereis,
 Se temos coração
 É para o rasgarmos dia a dia em tiras.
 (O lobos dos caminhos,
 Fauces de angústia em ânsias de apetite,
 Comei-nos a boca e os braços,
 Imolai-nos de vez à vossa fome
 E uivai depois felizes aos espaços).
 Aqui tudo é dúbio e vacilante.
 Num chão de trincheiras os espectros
 Andam fugindo de ódios que os corroem.
 Claras bandeiras de matizes claros
 Refugiam-se nas sombras por que doem.
 Tudo aqui se amortalha nos mistérios.
 Borbotões de vida que cessaram
 Dão passo à serenidade
 Caiada e esteril dos cemitérios.
 Tudo o que se come tem sabor a mastigado,
 Tudo o que se ouve é como que já ouvido.
 O presente é um fruto descascado.
 E o futuro é um canto repetido.
 Andam os reptéis a banhar-se em luz
 Andam morcegos a comer os fogos,
 Aninham-se os sapos em doçuras moles
 E andam as almas a acalentar malogros.
 (Lobos dos pinhais, de fauces tenebrosas,
 Vinde roer-nos o olhar e a mão,
 Vinde matar-nos e uivar contentes
 A serenidade do tempo na amplidão)
 Tudo aqui é derrota sem batalhas,
 Tudo aqui é um rugir de reses,
 Tudo aqui são pálidas mortalhas
 A fingir de cotas e a fingir de arneses.
 Andam flores a desabrochar para quê?
 Para que andam aves a voar no vale?
 Para que andam trigos a doirar ao sol?
 Para que brilha na parede a cal?
 Sonhos de sonhos a subir alados
 Trémulas mãos a tatear os pomos
 E enforcados
 Secam na árvore os apeteçidos gómos.
 Deitam-se as redes, mas o mar é sóbrio.
 Olha-se a lua, mas a lua é morta.
 Cravam-se os cravos, mas o casco é inútil
 Bate-se a aldrava, mas não se abre a porta.
 Tudo aqui é tranqüilo como os mortos.
 Tudo aqui é sonâmbulo e vencido.
 Tudo aqui é cavo como um sorvo
 Imóvel como um olhar estarecido.
 (O lobos dos caminhos,
 Que a fauce negra entreabris lasciva,
 Vinde seguros acabar connosco
 E uivar alegres à eternidade altiva)
 E que não nos deem uma alma
 Para que sobreviva.

ANTERO ABREU

Poema

Antero de Abreu. *Via Latina*.
 Coimbra. 13.7.1950

Arquivo
 Mário Soares

22 INDIVÍDUOS CONDENADOS POR PROPAGANDA SUBVERSIVA

PORTO, 12. — Depois de cinquenta e cinco audiências, terminou, esta manhã, o julgamento dos 54 indivíduos acusados de propaganda subversiva e de atentado contra a segurança do Estado. O tribunal pronunciou as seguintes sentenças:

António Borges Coelho, 2 anos e 9 meses de prisão maior, 15 anos de suspensão de direitos políticos e medidas de segurança por períodos prorrogáveis, não inferiores a seis meses; Pedro Ramos de Almeida, 2 anos de prisão maior; Maria Cecília Ramos de Almeida, Herminio Almeida Marvão, Hernani Silva e Angelo Matos Mendes Veloso, os quatro em 2 anos de prisão, dados por espíados, e 15 anos de suspensão de direitos políticos, e medidas de segurança por períodos prorrogáveis, não inferiores a seis meses; António Agostinho Neto, 18 meses de prisão, dados como cumpridos, e 6 contos de multa; Artur Oliveira Almeida, 6 meses de prisão, dada por expiada, e 2 contos de multa; José Emilio Mendes Alves Moreira, 1 ano de prisão, suspensa por dois anos; Luis Manuel Fonseca Carvalho e Alvaro Manuel Teixeira Lopes, ambos em 1 ano de prisão e 2 contos de multa; António Emilio Teixeira Lopes, Humberto Morais Lima, Joaquim Costa Ferreira Pinto, Alfredo Soares Calheiros, Rui Manuel Santos Oliveira, Manuel de Brito Figueiredo Canijo e Fernando Miguel Bernardes, todos em 8 meses de prisão, remíveis a 20 escudos por dia na parte que falta que cumprir, e 2 contos de multa; Jorge Santos Baptista, Albino Jesus da Silva e Joaquim Alberto Rodrigues Bandeira, os três em 6 meses de prisão, remíveis, na parte que falta cumprir, a 20 escudos por dia, e 2 contos de multa; José Augusto Baptista Lopes Seabra, 10 dias de prisão e 2 contos de multa.

Cada um destes reus foi condenado, ainda, em 1.300 escudos de imposto de justiça, com excepção de Albino Jesus da Silva, condenado apenas em 1.000 escudos.

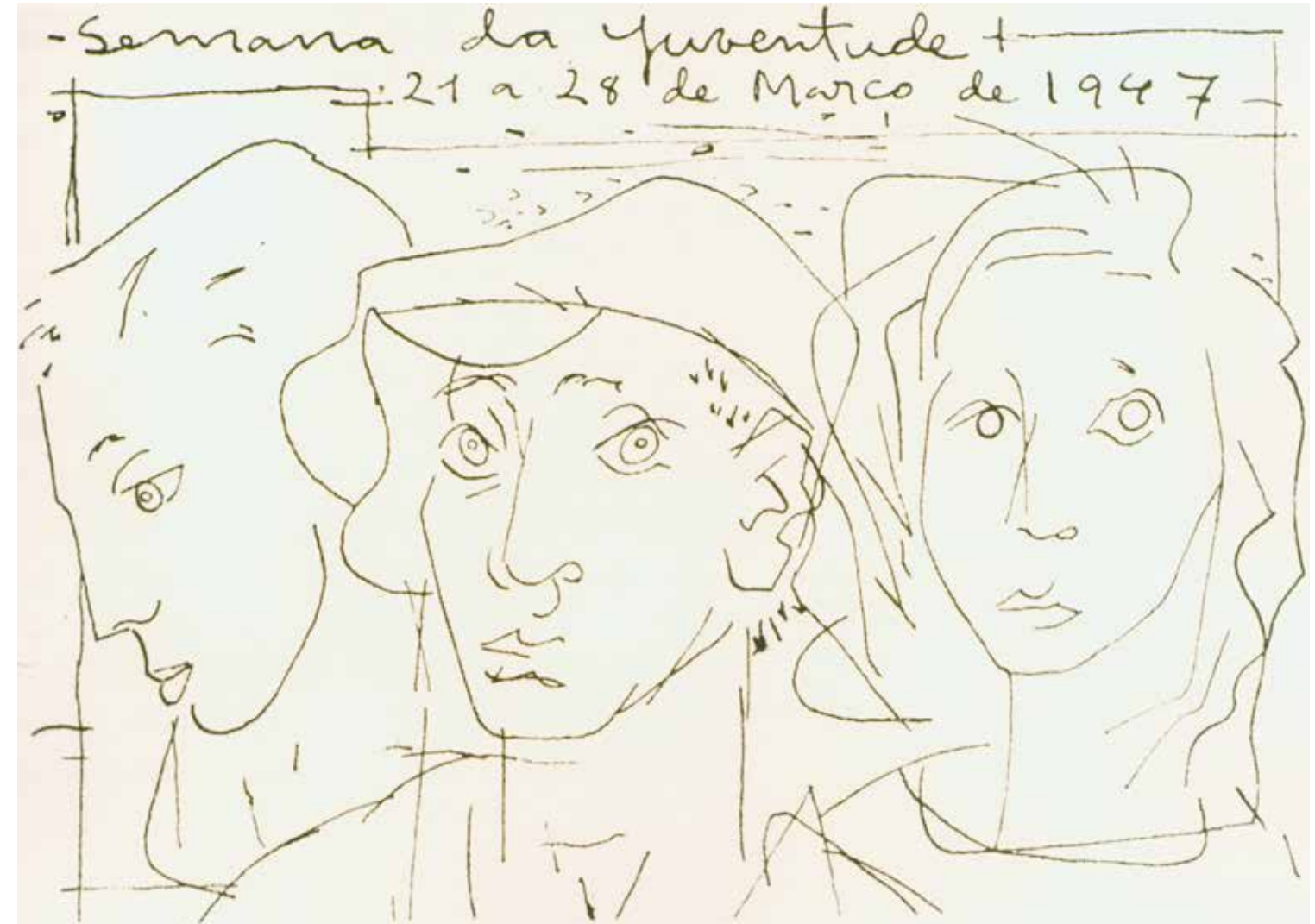
Todos os restantes reus, incluindo o dr. Oscar Luso do Carmo Lopes, foram absolvidos.

O processo subiu a recurso do Ministério Público e de alguns dos reus condenados a pena maior.

Diário Popular

Notícia da condenação de indivíduos por propaganda subversiva

Diário Popular. 12.5.1956



Semana da Juventude

21 a 28 de Março 1947.
 Desenho de Júlio Pomar.
 AMS-P.06278.04981

**Campanha Eleitoral
de Humberto Delgado**

Porto, 14 maio 1958. Arquivo
Fotográfico Humberto Delgado/
Arquivo Nacional Torre do Tombo



José Bernardino: a bas le fascisme

JOSE BERNARDINO, étudiant portugais de l'Institut Technique a été le Président de l'Association d'Étudiants de cet institut en 1957/58. Depuis lors il a milité toujours dans le mouvement étudiant et, par son caractère, son dévouement et ses capacités il a su conquérir l'amitié et l'admiration de ceux qui l'entouraient. Entre autres charges, il a été élu Président de la "Casa do Império" - résidence des étudiants des colonies - et Secrétaire Général de la R.I.A. - organisme qui groupe toutes les Associations d'Étudiants

de Lisbonne. En 1961 il refusa de faire la guerre coloniale et, pour continuer la lutte pour la liberté de son peuple et de son pays, il a dû passer à la clandestinité.

En mai 1962, il tombe dans les mains de la F.I.D.E., police politique, et il connaît la torture pendant plusieurs semaines. Le jour même de son jugement, en 1963 devant le tribunal fasciste, il est sauvagement matraqué par des policiers, tandis qu'il crie: A BAS LE FASCISME!

LIBERONS JOSE BERNARDINO!

José Bernardino: down with fascism

JOSE BERNARDINO, a Portuguese student in the Technical Institute was named President of Students' Association of this institute in 57/58. Till then he was always been militating with the students' movement and thanks to his mood, his devotion and his abilities he conquered the friendship and admiration of those who lived around him. Among other functions he was appointed President of "Casa do Império" - the dwelling house of students from Portuguese colonies - and General Secretary of RIA - organization which

gathers all students' associations in Lisbon. In 1961, he refused to fight in the colonial war and in order to persevere in his struggle for the freedom of his people, he had to become clandestine.

In May 1962 he fell into the hands of PIDE, political police, and has been knowing torture for several weeks. In 1963, on the very day of his judgment by the fascist tribunal, he was wildly beaten by the policemen for he shouted: DOWN WITH FASCISM.

FREEDOM FOR JOSE BERNARDINO!



MARCH 24 24 MARS LIBERONS FREEDOM for

Recently MARCH 24th has been chosen to commemorate the INTERNATIONAL DAY OF SOLIDARITY WITH THE PORTUGUESE STUDENTS' STRUGGLE, and has been approved by almost all National Students' Organisations in Europe, CIS and UR.

Depuis quelque temps le 24 MARS a été choisi pour commémorer la JOURNÉE INTERNATIONALE DE SOLIDARITÉ AVEC LA LUTTE DES ÉTUDIANTS PORTUGAIS, et a eu l'appui de presque toutes les Unions Nationales d'Étudiants en Europe, de la CIS et de l'UR.

MARCH 24th 1962 and the period of great students' struggles following this day, represent, in fact, an important reinforcement of the Portuguese students' movement.

En effet, le 24 MARS 1962 et la période de grandes luttes estudiantines consécutives à cette date marquent un renforcement important du mouvement étudiant portugais.

After the forbidding of the student's day in Lisbon, the police in great number invaded the city of the university and for several days, and many times, students have been wildly beaten as they were manifesting in the streets. A lot of arrests, a public strike which lasted three months, and an agitation unknown till then made MARCH 24th 1962 a great moment in the Portuguese students' struggle.

Après l'interdiction de la Journée de l'Étudiant, à Lisbonne, la police de choc a envahi la Cité Universitaire et pendant plusieurs jours et à diverses reprises les étudiants, en manifestant dans les rues, ont été sauvagement matraqués. Des arrestations en masse, des grèves, une agitation massive qui dura trois mois, en fin, une agitation sans précédent a fait du 24 MARS 1962 un grand moment dans la lutte des étudiants portugais.

Let us work in order that the INTERNATIONAL DAY OF SOLIDARITY WITH THE PORTUGUESE STUDENTS' STRUGGLE may be commemorated everywhere, in order that the policy of isolation the Salazar's fascist government intend to obtrude upon Portuguese students may fail because of the action of the students and young progressives all over the world!

Ouvrons pour que la JOURNÉE INTERNATIONALE DE SOLIDARITÉ AVEC LA LUTTE DES ÉTUDIANTS PORTUGAIS, soit commémorée partout afin que la politique d'isolement que le gouvernement fasciste de Salazar prétend imposer aux étudiants portugais, échoue devant l'action des étudiants et des jeunes progressistes du monde entier!

SECRETARIAT DES RENCONTRES DES ÉTUDIANTS PORTUGAIS À L'ÉTRANGER
SECRETARIAT OF THE MEETINGS OF PORTUGUESE STUDENTS ABROAD
BOITE POSTALE 64 BRUXELLES-8



josé bernardino

Panfleto de solidariedade internacional pela libertação de José Bernardino
1965. AMS-P.04492.072

COMUNICADO nº 29

1. Colegas: Anunciaram as A.A.E.E no comunicado último a não autorização do DIA DO ESTUDANTE por parte de sua excelência o ministro da Educação Nacional. Os argumentos utilizados para tirar a ilação de que não é de autorizar o DIA DO ESTUDANTE, são débéis e com eles discordamos na totalidade. Por isso, insentido de obviar, uma tozada de posição que poderia ter sido contra se o Sr. ministro antes de tomar a sua atitude proibitiva tivesse, como lhe foi solicitado, ouvido a Comissão Central do DIA DO ESTUDANTE, desloco-se na 2ª feira ao M.E.N. uma delegação de dirigentes associativos para intenção desta delegação esclarecer as divergências das A.A.E.E. relativamente à notificação do Sr. ministro da Educação Nacional, esclarecimento esse que para ser completo deveria ser oral. Edu-se o Sr. ministro. O Sr. ministro não se encontrava no Ministério, e depois de uma breve troca de impressões com o chefe de gabinete ficou assente que se o Sr. ministro se dignasse conceder a entrevista solicitada, tal seria comunicado para a A.E.E. I.S.T. até cerca das 17h. da tarde. Nãocho, ou porém resposta alguma, e temem os dirigentes que a sua discordância não chegue ao Sr. ministro senão através da troca de impressões havida com o chefe de gabinete e da exposição que elaboraram e deliveraram no M.E.N..

Segundo nos foi informado posteriormente, o Sr. ministro continuaria na firme intenção de não receber os dirigentes associativos como tais, o que, mesmo que fosse juridicamente correcto, não representa agora, como não tem representado até aqui, o que podemos qualificar de atitude justa por parte de sua exª. Haveria, segundo o sr. chefe de gabinete uma justificação para tal pretenderia o Sr. ministro que os contactos se fizessem através das autoridades universitarias. corea a resposta t'ndo chegado às A.A.E.E. através daquelas é uma resposta do Sr. ministro da Educação Nacional, e sendo a questão do domínio das duas universidades, a sua solução competiria ao Sr. ministro. Com o Sr. ministro da Univ. Técnica houve ontem 3ª feira, uma entrevista em que o professor Leite Pinto afirmou nada ter a objectar contra o DIA DO ESTUDANTE e se comprometeu a escrever uma carta ao Sr. ministro no sentido de obter para os dirigentes associativos uma entrevista. Colega, os dirigentes associativos estão envidando todos os esforços para fazer valer a razão que nos assiste, hoje, t'ntarão que o Sr. ministro lhes conceda a entrevista pedida e vão efectuar todas as diligências junto do corpo docente no sentido de o esclarecer dos motivos que nos levam a discordar radicalmente da posição expressa por vossa exª. O Sr. ministro da Educação. O trabalho de preparação do DIA DO ESTUDANTE não pode parar. Esperamos que ele seja uma realidade.

TR. BARRALLOS TODOS PARA A SUA REALIZAÇÃO

2. Foram aprovadas na reunião de alunos da A.E.I.S.C.E.F. as seguintes moções:

1. que conceda uma entrevista à direcção da AA.E.E. a fim de discutir problemas relativos ao DIA DO ESTUDANTE.
2. que na sequência desta entrevista se envie todos os esforços no sentido que seja levantada a injustificável proibição do DIA DO ESTUDANTE.
3. que os alunos do ISCEF, reunidos em 15 de Março de 1963, considerando totalmente inaceitáveis os argumentos com que o Sr. ministro da Educação Nacional pretende fundamentar a proibição das comemorações do DIA DO ESTUDANTE, e como o consideram fundamental no processo do movimento associativo do presente ano lectivo, resolva:

Apoiar a direcção da A.A. em todos os esforços tendentes à realização do DIA DO ESTUDANTE, mesmo contra a proibição, se esta não for razoavelmente levantada.

3. Poram detidos nos últimos dias três estudantes, sócios da Casa dos Estudantes do Império, a saber João Nobre, Humberto Traça e Rui Pereira. Este último é no corrente ano vice-presidente da C.E.I. Convocado para prestar declarações perante a F.I.D.E. no dia 18 pelas 16 30 h., foi então detido e enviado para a prisão de Caxias, segundo informações da propria policia. Manifestamos a nossa estranheza e apenasso. A gravidade do que se está a passar com a C.E.I. será devidamente tratado em comunicado futuro.

Lisboa, 20 de Março de 1963
AS AA.EE.

CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE I CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

A Casa dos Estudantes do Império, Associação que na Metrópole agrupa e representa os Estudantes Ultramarinos, vive momentos bastante difíceis. Os subsídios que lhe eram atribuídos pelos orçamentos das Províncias Ultramarinas, foram cancelados pelo Ministério do Ultramar em Janeiro de 1963, sob justificação de lhe não serem concedidos enquanto não fossem aprovados os Estatutos da Associação, entregues nos Ministérios da Educação Nacional e do Ultramar em 20 de Maio de 1962.

Conhecedores, pois, da posição que então lhes foi posta, têm os Dirigentes da Casa dos Estudantes do Império vindo a desenvolver deliberada actividade, no sentido de que a aprovação dos referidos Estatutos se fizesse o mais urgentemente possível, pois dela dependia e depende a sobrevivência da Associação.

Pois bem! São obstante terem aqueles dirigentes afirmado nos citados Ministérios, sempre e inequivocamente, a gravidade da situação, o problema parece não ter merecido por partes destes últimos as necessárias atenções, e uma resolução justa e natural; mas antes pelo contrário o seu adiamento "ainda mais" -- e adiar não é resolver -- confirmado no silêncio e nas respostas ambíguas daqueles Ministérios que bem parecem estar interessados na morte da Casa dos Estudantes do Império por asfixia económica -- que sendo lenta e extremamente angustiosa, que por velada intenta não dárnas vistas.

Sem aquelas verbas, destinadas na sua quase totalidade ao pagamento das rendas da Sede e do Lar da Associação, esta dificilmente poderá sobreviver. E o certo é que a situação de contenda de Estudantes Ultramarinos depende da sobrevivência da C.E.I., que lhes dá o asparo moral, cultural, social e económico.

Tendo em conta estes factos, vismo solicitar-te, uma contribuição, ainda que pequena, para a Casa dos Estudantes do Império.

SOLIDARIEDADE PARA A C. E. I. I
SOLIDARIEDADE PARA O ESTUDANTE ULTRAMARINO I
A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
AS ASSOCIAÇÕES DOS ESTUDANTES DE LISBOA

Campanha de Solidariedade com a CEI
Comunicado das AA.EE de Lisboa. 25.5.1963. Centro de Documentação 25 de Abril. Universidade de Coimbra

concurso de artes plásticas

promovido pela Sociedade Cultural de Angola

8 CULTURA

JUNHO - 1959

PRÓPRIEDADE E EDIÇÃO DA SOCIEDADE CULTURAL DE ANGOLA

Cultural de Angola

REGULAMENTO

- 1.º - A Sociedade Cultural de Angola organiza o «CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS DE ANGOLA DE 1959», subdividido às seguintes modalidades:
 - I - DESENHO
 - II - GOUACHE
 - III - AQUARELA
- 2.º - Serão permitidos na modalidade do n.º 1: desenhos e tinta da China, carvão, etc.
- 3.º - Podem concorrer todos os artistas naturais de Angola e os não naturais nela residentes.
- 4.º - Cada artista poderá apresentar a número de obras que quiser.
- 5.º - Os prémios estabelecidos são os seguintes:

I - prémio de DESENHO	2.000\$00
II - prémio de DESENHO	1.000\$00
I - prémio de GOUACHE	1.000\$00
II - prémio de GOUACHE	1.000\$00
I - prémio de AQUARELA	1.000\$00
II - prémio de AQUARELA	1.000\$00
- 6.º - As obras serão classificadas por um júri constituído por um dos membros da Direcção da Sociedade Cultural, que presidirá e quatro individualidades de reconhecido mérito nos campos do ensino, das artes e das letras.
- 7.º - Da classificação não há recurso.
- 8.º - O prazo de entrega das obras termina em 25 de Outubro de 1959.
- 9.º - As obras vencedoras que o júri considerar como merecedoras serão expostas numa exposição geral a realizar em Janeiro de 1960.
- 10.º - Qualquer das inscrições expostas poderá ser adoptada pelo Estado que o artista lhe autorizar.
- 11.º - Os trabalhos serão restituídos aos seus autores na Sede da Sociedade após a realização da exposição.
- 12.º - A Sociedade Cultural de Angola não se responsabiliza por qualquer risco ou dano que possam sofrer as obras enquanto estiverem na sua posse.

Se o próprio conceito de cultura, na sua verdadeira acepção, não implicasse desleixo logo que a actividade cultural só pode considerar-se válida quando ao serviço do homem, o nosso programa resume-se-lhe em mais dadas de linhas:

— Fomentar e impulsionar todos os iniciativas de natureza espiritual que, de qualquer modo, contribuam para a divulgação dos conhecimentos e obras criadas pela inteligência do homem.

— Sem limitações de prioridade ou selectividade, abstractamente e acima das preocupações que alicem o homem angolano, todas as actividades intellectuales que

circunstâncias fortissimas possam ao alcance da nossa mão, passarem pelo molcho da Sociedade Cultural de Angola e serem generosamente servidas, em papa digestiva, aos lambões de saber, nos séculos do espirito e nos séculos do esforço mental.

Transformaríamos então a nossa organização em curricula acadêmica, em fértil colosso de abóbodas e circunspectos locubrosões do espirito (malgama coisa, provavelmente,

elémens glórias penosas), em uma espécie de manual de cultura angolana, se cultura se lhe podesse chamar.

Talvez este cômodo, mais estéril conformismo tornasse mais fácil a nossa existência e nos grangeara uma consideração inesperada. Talvez. Mas nós não queremos.

Nós queremos que a Sociedade precise contribuições para

à universalidade da cultura.

Angola não pode reproduzir os seus característicos abstractos, os traços da sua cultura negra que é preciso salvar. Nem negar a presença da cultura portuguesa, europeia, que tão facilmente vincou lá a sua face espiritual ignorar esta dupla presença, lutar a realidade das influências que mutuamente se exercem, é

EDITORIAL

dade Cultural de Angola seja um organismo vivo, dinâmico na sua acção, objectivo na sua posição perante os problemas da vida angolana. Um organismo despretenciosamente capaz de possibilitar aos homens de Angola, e sobretudo à sua juventude, um meio de abordar quantos problemas atormentam o seu espirito: de contribuir para que se reconheçam os limites de influência pelas quais Angola se integra na realidade abstrata e mundial; de definir, ainda que modestamente, a ponte que nos permitirá passar da diversidade nacional

milhoarizar o tempo, à destruição e riqueza humana.

O tempo e o homem de Angola são os elementos decisivos na gestão de uma cultura angolana, nacional pela forma e pelo conteúdo, universal pela intenção, capaz de ultrapassar a limitação do sistema tropical e da primitividade bairrista.

Queremos contribuir para essa gestão, oferecendo a quantos presentes a necessidade de mobilizar os nossos recursos espirituais para que

(continua na 1.ª pág.)



Um dos trabalhos apresentados ao concurso de artes plásticas da S.C.A.

- Página de cinema — pág. 17
- O ensino universitário em Africa — pág. 7
- O átomo, a bomba e a energia atômica — pág. 3

Cultura nº8

Edição da Sociedade Cultural de Angola. Ano III nº 8, junho 1959. Col. Rute Magalhães

Colega:

Vai ao julgamento político dos estudantes Vitória de Almeida e Sousa, Astrid Carvalho e Henrique Guerra que se realiza na próxima 5ª feira, dia 28, às 14 h 30 m, no Tribunal Plenário da Boa-Hora.

AS COMISSÕES DE SOLIDARIEDADE

Aviso das Comissões de Solidariedade

Julgamento político de sócios da CEI no Tribunal da Boa Hora. 1964. AMS-P.02267.009.021

O dia do Estudante e o movimento anti-colonial

Oscar Monteiro. *De todos se faz um país*. Maputo, 2012:63

“O Dia do Estudante é um símbolo da ligação entre o movimento anticolonial, os estudantes das colónias e o movimento associativo estudantil português. É essa ligação que contribui para a evolução da posição dos estudantes portugueses para posições anti-coloniais. A longo termo, vai pesar a favor do fim da guerra colonial, na sociedade e dentro do exército colonial, pela influência dos estudantes recrutados, no que constitui um momento pouco lembrado da libertação”.

Plenário do Dia do Estudante
Estádio Universitário de Lisboa.
Março de 1963. Col . Carlos
Ervedosa



**Estudantes da CEI empunham
o estandarte da Associação**
Estádio Universitário
de Lisboa. Março de 1963.
Col . Carlos Ervedosa



Isabel da Nóbrega, Luandino Vieira e Armando Castro obtiveram respectivamente o Prémio Camilo Castelo Branco (Romance), Grande Prémio da Novela e Grande Prémio do Ensaio

Furam lançados públicos os nomes dos vencedores das Grandes Prémios deste ano. O Prémio Camilo Castelo Branco, patrocinado pelo Grupo dos Editores e Livreros, e no valor de 50.000\$000 foi atribuído à escritora Isabel da Nóbrega, pelo seu romance *Viver com os Outros*. Esse romance transcreve uma longa e íntima conversa que depois de um jantar na casa do Dr. Henrique Fereiros e sua mulher (Ana), se estabelece entre os convidados. Pela transcrição da conversa, consegue Isabel da Nóbrega iluminar-nos maravilhosamente o mundo interior das personagens, o porquê e o como delas, os motivos que são o fundo das suas opiniões, o resumo íntimo e externo da forma por que agem. Um livro precioso sobre os costumes e da solidão e incomunicabilidade entre as pessoas. Ora a Ana surge a luz de sua inteligência segundo a qual a solidão existe porque os outros existem. E nega, involuntariamente pela boca da própria Ana que, no final do livro, exclamam: «É melhor, é melhor, assim, e estamos vivos. E não estamos sósinhos. Oh, esta alegria de não estarmos sós».

Trata-se de um livro de relevante e inegável interesse pelo jogo muito destro e inteligente das nuances da conversação, por intermédio da qual se faz a análise de um meio, se estabelecem os seus valores dominantes e se revela com uma agudeza às vezes estonteante a psicologia de cada personagem.

O prémio foi atribuído por um júri constituído pelas seguintes escritoras: Prof. Jacinto do Prado Coelho, Antónia Colchado Martins, José Fialta e Carmo, Mário Sacramento e Oscar Lopes.

O Grande Prémio da Novela, também no valor de 50.000\$000, foi atribuído ao escritor angolano Luandino Vieira. O júri era assim constituído: João Gaspar Simões, Angélica Abalá, Alexandre Pinheiro Torres, Manuel de Figueira e Fernando Botelho.

Luandino Vieira, que tinha apenas 22 anos, nasceu em Vila Nova de Oporto, na Metrópole, tendo ido bastante novo para Angola. Começou a sua actividade literária em O Estudante, órgão dos alunos do Liceu de Luanda. De 1937 a 1960 aparece integrado numa camada de novos escritores angolanos que elaboraram «CULTURA», jornal literário da Sociedade Cultural de Angola. Ali se encontravam poemas, contos e diálogos com a sua assinatura. Em 1960 publica o seu livro de estreia *A Cidade e a Infância*, tendo publicado depois *Dois Histórias de Pequenos Burgueses* (1961) e *Luandino* (1964), que lhe valeu ager o Grande Prémio.

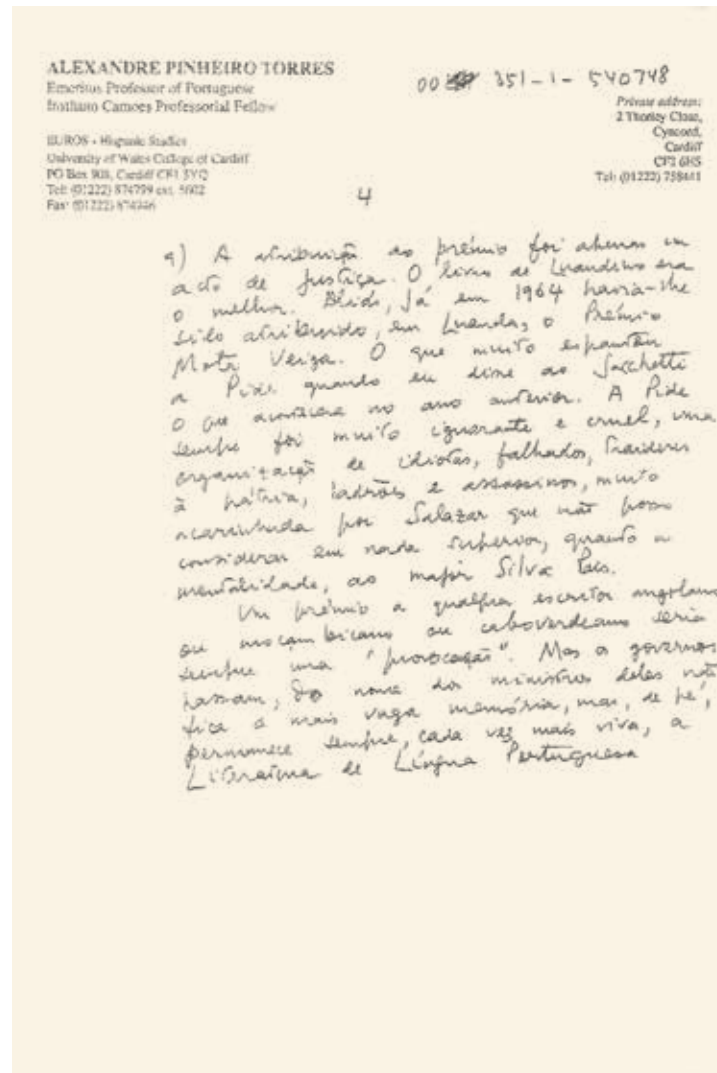
A quando da aparição do livro, o organizador desta página pronunciou-se no Diário de Lisboa da seguinte maneira: «Três histórias que são (...) três obras-primas do nosso conto contemporâneo, e a autêntica e inesperada revelação de um escritor de sensibilidade excepcional e de notável capacidade de criação dum estilo... E n.º 1.º A História do Ladrão e do Fugitivo, que desde já consideramos digna de figurar nos melhores ao lado das melhores de José Cardoso Pires de *Jogos de Amor*, ou das melhores de Manuel de Figueira de *O Fogo e as Cinzas* (o que melhor se poderia chamar *Estreito*), é nesta ocasião que Luandino Vieira nos dá prova das suas extraordinárias possibilidades, etc.»

O prémio do Ensaio, também no valor de 50.000\$000 foi atribuído, com justa indubitável ao extraordinário trabalho *A Evolução Económica de Portugal* (I e II vols.), da autoria do grande ensaísta Dr. Armando Castro.

Os títulos dos prémios são patrocinados pela Fundação Gulbenkian.

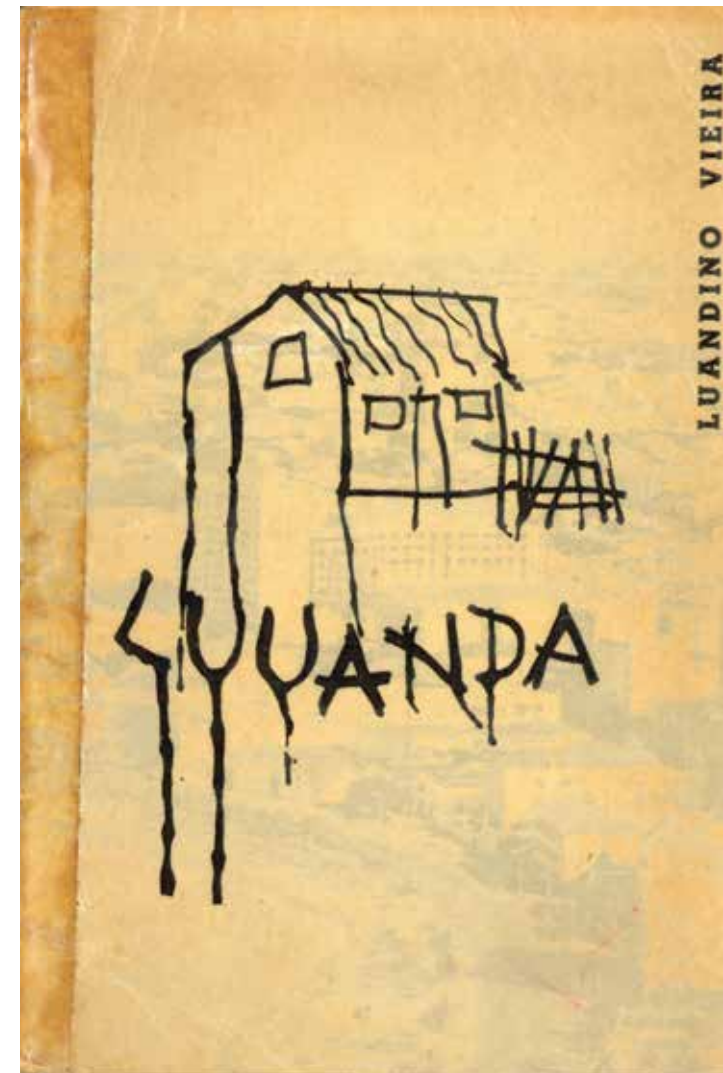
O Caso Luuanda

Jornal do Fundão noticiou.
23.5.1965



O Caso Luuanda

Fax de Alexandre
Pinheiro Torres. 19.4.1995.
imagem cedida por Cláudia
Castelo



O Caso Luuanda

Luandino Vieira recebeu o prémio
da novela da SPE em 1965.
imagem cedida por João Oliveira



O Caso Luuanda

A entrada da SPE vandalizada.
in Cláudia Castelo, "prémio e
Castigo". *Expresso*. 20.5.1995

“(...) naquela altura, os estudantes vinham para Portugal e por cá ficavam, durante anos e anos, sem voltarem para a terra, porque não havia condições materiais para se ir de férias todos os anos. Não se faziam férias. Então, para se manter o contacto entre estes pequeninos núcleos de estudantes nacionalistas africanos, nos países de origem, era preciso um meio sólido de confiança para poder fazer chegar cartas, fazer chegar documentos a Luanda, a Benguela, a Bissau, à Praia... e trazer de lá documentação que pudesse manter o intercâmbio e a organização a nível político. Penso que do Brasil, vinha principalmente a literatura progressista que naquela altura se publicava: um Jorge Amado, um Lins do Rego, um Graciliano Ramos ou até mesmo os jornais de esquerda do Brasil. Penso que não havia contactos organizativos (...) Foi nesse quadro, não só político, mas também associativo, no sentido cultural, que se criou o Clube Marítimo Africano (...).

Os estudantes e o Clube Marítimo Africano

Edmundo Rocha. in F. Zau. *Marítimos africanos e um Clube com História*. Lisboa 2007

A Sede do Clube Marítimo Africano na Calçada de São Vicente, 85 à Graça

Edmundo Rocha. in F. Zau. *Marítimos africanos e um Clube com História*. Lisboa 2007



A CASA VIGIADA

A partir de 1946, os corpos diretivos da CEI e muitos sócios são alvo de vigilância policial, que se prolonga de forma quase contínua até ao fecho da CEI, em 1965.

A PIDE começa por detetar que quase todos os elementos da direção assinaram as listas do MUD e participaram no MUD Juvenil, além de registar algumas ligações ao PCP. Assinala a recusa de dirigentes da CEI de manifestarem repúdio contra as declarações de Nehru sobre a “Índia Portuguesa” e uma ampla adesão ao protesto estudantil contra o decreto 40.900.

Em crescendo, vai registando o envolvimento de parte significativa da massa associativa com a oposição à ditadura e ao colonialismo. Em poucos anos, a CEI torna-se um sério problema para o regime, que hesita quanto à solução a adotar. Entre 1952 e 1957 e no primeiro semestre de 1961, a CEI

esteve sujeita a duas Comissões Administrativas impostas pelo Governo, com o objetivo de alinhá-la com os desígnios oficiais.

A distribuição da “Mensagem ao Povo Português”, as fugas e deserções que aumentaram a partir de 1961, como reação à guerra colonial, a publicação do primeiro jornal clandestino Anti-Colonial em 1963-65, por um grupo de associados da CEI, conseguiram iludir a vigilância da PIDE.

Perante a manifesta impossibilidade de regenerar a CEI, o governo opta pela sua asfixia financeira (a partir de 1963) e pela proibição de atividades culturais. A repressão faz-se sentir através de rugas e apreensões de material, devassa de correspondência e prisão de sócios.

...Aqui a casa estava repleta de telescópios invisíveis que visualizavam e sonorizavam o sabor das palavras pela agrimensura do tempo a CEI, a Casa, parecia um porão aberto de um esclavagista que se enganara e metera lá médiuns e videntes fervendo panelas com ervas secretas do mato sobre o sabor das palavras e jograis reinventares incansáveis de outras palavras, de forma encantatória indo no porão cada vez mais...

O Sabor das palavras
Fragmento. Manuel Rui.
28.10.2014



“A minha ideia foi sempre acabar com um organismo que segrega os estudantes e os lança num campo político adverso, ameaçando no futuro a própria unidade nacional. É o fruto que dali sai. Mas como acabar?”
21.12.1952. Ministro do Ultramar Sarmento Rodrigues.

“Se se concluir pela responsabilidade de alguns destes estudantes (da CEI), não só devem tomar-se as providências que neste caso é de uso corrente* [prender e processar judicialmente], como aproveitar a oportunidade de dissolver a CEI o que há muito tempo se deveria ter feito... Vê-se que os rapazes são conduzidos pelo grupo comunista, grupo que conseguiu evitar as manifestações da Associação Académica de Coimbra, [não] de apoio ao Governo mas de protesto contra a campanha da ONU e de outros meios contra a integridade da Nação Portuguesa. O “Manifesto” traduz a orientação conhecida”. 12.12.1960.

Vigilância no Café Montanha

“O grupo de estudantes do Império aparece muito no Café Montanha, quase sempre nas mesas do lado esquerdo ao fundo quando se entra, e ali tomam por vezes as suas deliberações. São anti-situacionistas e pensam na independência”. PIDE. Informador Inácio. 28.11.1960

“A C.E.I. tem sido um dos elementos mais activos, talvez mesmo o mais activo na luta subversiva conduzida em meio estudantil contra a política superiormente definida em relação ao ultramar. Para mim a única solução conveniente é a da dissolução do organismo. Mantê-lo significa transigir com um estado de coisas que não [se coaduna] com a conjuntura que o país vive e pode ser interpretado como sintoma de fraqueza”. Despacho do Ministro da Educação em 4.4.1965

Um organismo que segrega os estudantes

21.12.1952. PT/TT/AOS/CO/UL.
20.P.13/1ªsubd.

Prender estudantes e dissolver a CEI

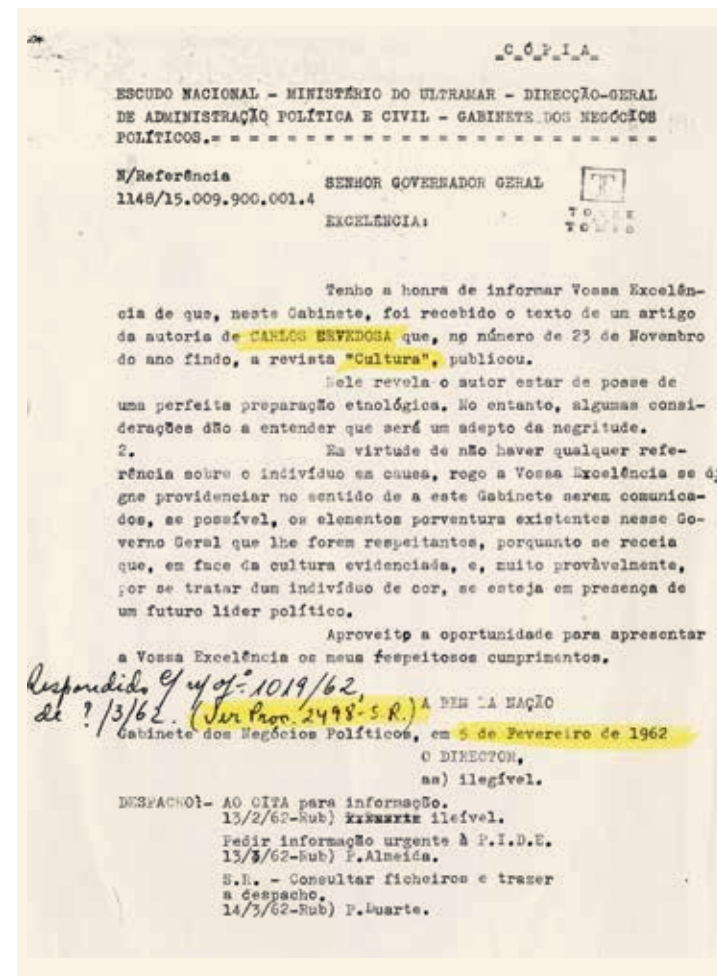
Relatório nº 27 da Delegação da PIDE de Coimbra. 12.12.1960.
PT/TT/PIDE-PR.3767

São anti-situacionistas e pensam na independência

Informação da PIDE de Coimbra.
28.11.1960. PT/TT/PIDE.
Delegação de Coimbra.PR.3767

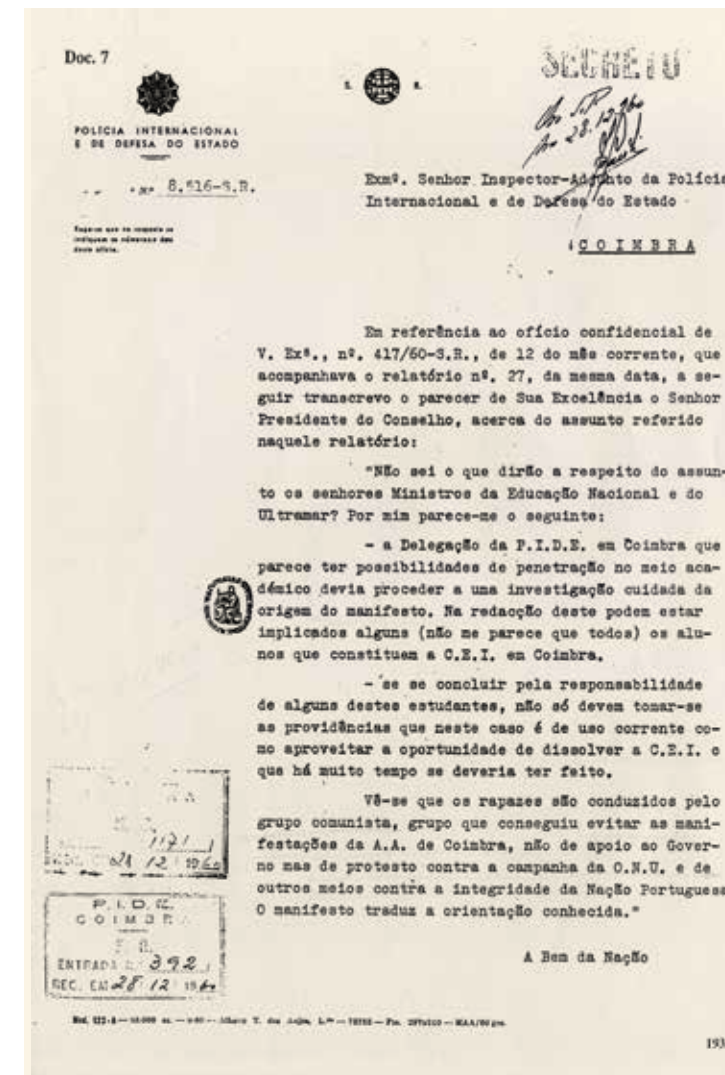
A dissolução do organismo

4.4.1965. Ministro da Educação.
PT/TT/AOS



Carlos Ervedosa, “adepto da negritude”

Ofício do GNP/MU.5.2.1962. PT/TT/PIDE/NP-Angola 11540.P.3.
Imagem cedida pelo ANTT



A PIDE suspeita do “grupo comunista da CEI”

21.12.1960. PT/TT/PIDE.PR.3767.
Imagem cedida pelo ANTT

(Confidencial)

Doc. 4 RELATÓRIO

N.º 10/1954

Excelentíssimo Senhor

A Delegação da Casa dos Estudantes do Império, em Coimbra, foi, desde o seu início um centro académico de actividades pró-comunistas, orientada e controlada por elementos do M.U.D. Juvenil, especialmente pelo Dr. JOAQUIM VICTORINO NAMORADO, o qual, aproveitando a sua qualidade de explicador que ilegalmente mantem, exerce sobre ele uma influencia decisiva.

Até há pouco tempo as actividades da Direcção e dos seus associados limitavam-se ao meio académico, auxiliando as direcções comunistas da Associação Académica e perturbando a acção daquelas que não eram propostas pelo M.U.D. Juvenil.



Nas diversas Assembleias Magnas onde sempre se discutem mais os problemas políticos do que os de interesse académico, nas diversas e anuais eleições dos corpos gerentes da Associação Académica e mesmo nas várias campanhas eleitorais a que o País, desde 1948, normalmente ou por força das circunstâncias, tem sido sujeito, sempre esse pequeno grupo de estudantes apareceu lutando ao lado dos elementos mais combativos do M.U.D. Juvenil, organização ilegal de que, em nossa convicção, todos ou quase todos são simpatizantes ou aderentes.

Mas, a partir do ano lectivo findo, começou-se a notar por parte da direcção do Ateneu de Coimbra, a tendência essencialmente comunista da juventude operária, anteriormente já frequentada pelos elementos académicos mais em destaque do M.U.D. Juvenil, tais como Dr. JOAQUIM DE SOUSA E CASTRO, JOSÉ MALEIRO DA SILVA, ALBERTO DE OLIVEIRA VILAÇA e outros, uma tentativa de aproximação com a Delegação da Casa dos Estudantes do Império.

E, assim, os poucos recitais e palestras que até esta data eram realizados, com certa dificuldade, na União de Grêmios dos Logistas de Coimbra passaram a se-lo, com mais frequência e avontade, na sede do Ateneu de Coimbra.

Ora organizados pelo próprio Ateneu ora pela Delegação da Casa dos Estudantes do Império mas sempre em bom entendimento e com a presença da massa associativa dessas colectividades os passeios, conferências, bailes e recitais sucederam-se durante todo o ano.

E, assim:

-2-

Já em 1954, no relatório confidencial que tive o honr. de enviar a essa Direcção, com data de 30 de Novembro, se referi às actividades pró-comunistas da direcção da Delegação da C.E.I. e seus associados não só no meio académico como em ligação com o apuramento desta cidade, através do Ateneu de Coimbra, a grêmiação essencialmente comunista que abriga e acarinha todos os elementos já mencionados e hactentes não - por actividades subversivas.

Em 1955, ao sermos consultados, directa e particularmente, pelo Excelentíssimo Senhor Conselheiro Nacional da Mocidade Portuguesa, Professor Doutor António Gonçalves Rodrigues, sobre o comportamento de " membros pseudo-eleitos da C.E.I. " respondemos, depois de superintendentes autorizados, o seguinte:

" O desejo de prestar a V.ª Ex.ª informações exactas sobre os indivíduos constantes da lista que se enviou e as dificuldades do meio e época de férias fizeram com que até agora tenha sido utilizado o nosso trabalho.

Todos os indivíduos não, politicamente, mas, segundo a doutrina do " M.U.D. Juvenil ".

É certo que pouco notórias têm sido, até hoje, as suas actividades políticas mas fazem parte dum grupo de estudantes das nossas províncias ultramarinas que vêm sendo cuidadosamente preparados pelo Dr. Joaquim Namorado e outros mentores do Juvenil.

Não convém, por essa razão que tenha a direcção da Casa dos Estudantes do Império e dificilmente V.ª Ex.ª encontrará, dentro dos associados, quem mereça a confiança necessária para o desempenho das funções de direcção.



Nestes não os motivos por que, como já disse a V.ª Ex.ª, em minha opinião, a dissolução conviria para extinguir o mal que dali se espalha a todo o meio académico."

Vencido que foi esse período de agitação e contrariedade por nós, tanto quanto possível, a actividade política dos elementos mais influentes da Delegação da C.E.I. passou a uma inactividade que muito desagradava à Direcção da C.E.I. -Sede, em Lisboa, chegando a dizer-se: " Ora, quanto se em Lisboa que é preciso encerrar a Delegação de Coimbra por o desinteresse dos ultramarinos aqui residentes não justificar a sua existência " - carta da Direcção da Delegação de Coimbra n.º 53-59/60, de 23/5/1960, dirigida à Direcção da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa.

E, então, que, procurando desfazer essa impressão, aliás justificada, da Direcção-Sede, a Delegação de Coimbra entusiasticamente e apoiada na vitória da " esquerda " para os corpos directivos da Associação Académica, numa reunião entre os elementos das direcções da Sede e Delegação se propõem solucionar os diferendos existentes entre eles, certa de que, se tal se conseguisse, " um novo era sua posição estaria aberta para a C.E.I. " .

E, na realidade, parece que assim aconteceu.

De então para cá a C.E.I. voltou à actividade e, em Assembleia Geral da Delegação de Coimbra, foi ratificado o acordo assinado de uma reunião entre a Direcção da Sede e os representantes desta Delegação e espocada uma Comissão Directiva à qual foram conferidos

"Só a dissolução conviria..."

Relatório confidencial 10/1954 da Delegação da PIDE de Coimbra. 30.11.1954. PT/TT/PIDE.PR.3767

MENSAGEM AO POVO PORTUGUÊS

Os estudantes universitários naturais das colónias africanas de Portugal, na qualidade de futuros dirigentes dos seus respectivos Países, sentem-se no dever de expor ao Povo Português o seu ponto de vista acerca das acusações feitas na ONU contra o Governo Português.

Tendo acompanhado com a maior atenção o desenrolar dos acontecimentos nas altas esferas internacionais - através da Rádio e da Imprensa estrangeiras, e não das portuguesas pelos seus permanentes atentados à verdade - compreendemos que estavam a ser tratados com sensatez e espírito construtivo problemas vitais para os nossos Povos. Damos todo o nosso apoio às referidas acusações e apresentamos mais algumas:

- 1) A existência de trabalho forçado na Guiné, S. Tomé, Angola (em particular em Porto Alexandre, Baía dos Tigres e Foz do Cusene), Moçambique (em particular na Foz do Limpopo);
- 2) A exportação de trabalhadores indígenas de Angola e Moçambique para as minas da União Sul Africana (onde chegam a ser castrados a fim de darem melhor rendimento no trabalho) a troco de certas compensações como o pagamento ao Governo Português da Taxa Pessoal Anual relativa aos indígenas exportados;
- 3) As fomes que, por culpa da imprudência e incompetência dos representantes do Governo Português, periodicamente têm vitimado milhares de vidas em Cabo Verde, sendo de 17.000 (dezassete mil) o macabro saldo da última crise;
- 4) A concentração de forças militares repressivas nos nossos Países;
- 5) O massacre que em 1951 vitimou 900 (novecentos) indígenas de S. Tomé, abatidos por civis europeus armados pelo Governador Gorgulho;
- 7) A inexistência de Universidades e insuficiência de escolas do ensino médio primário.

POVO PORTUGUÊS

Nas manifestações organizadas pelo Governo de Salazar meia dúzia de estudantes subornados têm abusivamente pretendido representar a opinião das colónias portuguesas. Com energia, repudiamos essas traições à verdade e aos interesses dos nossos Povos. A melhor prova de que a verdade está muito longe do que afirmam a Rádio e a Imprensa controladas por Salazar, está no facto de nenhuma das Associações dos Estudantes Ultramarinos ter aderido às manifestações. A própria Assembleia Magna da Universidade de Coimbra rejeitou a sua participação em qualquer manifestação de apoio à actual política colonial portuguesa.

POVO PORTUGUÊS

É nosso maior desejo o estabelecimento de relações de amizade com todos os povos que mostrem desejos de colaborar connosco numa edificação democrática dos nossos Países. No entanto, sentimos particular preferência pelo Povo Português, dadas as suas elevadas qualidades de compreensão e afabilidade no contacto inter-racas.

Para que as nossas esperanças num futuro de apertada colaboração com Portugal não saiam frustradas é necessário pôr termo aos preparativos da ??? para uma nova guerra colonial, onde correrá o nosso sangue e o sangue da vossa sacrificada Juventude.

Fazendo nossas as reivindicações constantes da Declaração do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, consideramos como sinal de boa fé do Governo Português o cumprimento do seguinte:

- Reconhecimento sciens e imediato do direito dos povos das colónias africanas de Portugal à autodeterminação;
- Amnistia total e incondicional e libertação imediata de todos os prisioneiros políticos;
- Estabelecimento das liberdades públicas, nomeadamente a de formação legal de partidos políticos, e garantias concretas para o exercício efectivo dessas liberdades;
- Retirada imediata das forças armadas portuguesas e liquidação imediata das bases militares existentes nas colónias africanas de Portugal;
- Convocação de Mesas Redondas constituídas por representantes de todos os partidos políticos das colónias e por representantes do Governo Português, para a solução pacífica do problema colonial português, no interesse das partes em presença.

POVO PORTUGUÊS: Acabamos de apresentar o ponto de vista dos estudantes universitários das colónias africanas de Portugal no desejo de contribuir para uma solução pacífica do conflito que nos opde, não ao Povo Português, mas à Ditadura de Salazar, defensora dos interesses monopolistas que roubam os nossos recursos naturais e desperdam os nossos Povos com um trabalho escravizador. Os monopólios que exploram os nossos Países põem em perigo a Felicidade e a Paz dos nossos Povos e arrastam o Povo Português para uma guerra inútil e suicida.

VIVA A PAZ E FRATERNIDADE ENTRE OS POVOS - ABAIXO O COLONIALISMO!

- Este documento será divulgado em Portugal, nas colónias e no estrangeiro.

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS REPRESENTANDO AS COLÓNIAS DE: ANGOLA - CABO VERDE - GUINÉ - MOÇAMBIQUE - S. TOMÉ E PRÍNCIPE.

Pastelaria Mimo na Duque de Ávila frequentada por estudantes cabo verdianos
in *Mensagem. Número Especial*. Lisboa ACEI. 1995



Café Rialva na Duque de Ávila frequentado por estudantes angolanos, são tomenses e moçambicanos
in *Mensagem. Número Especial*. Lisboa ACEI. 1995



O primeiro grupo era o dos apolíticos, o dos que consideravam que tinham vindo para Portugal para fazer o seu curso, porque o diploma era essencial, era uma forma de afirmação e ascensão social. O segundo grupo era o daqueles que, a partir das leituras e de uma certa sensibilidade que traziam de África, aderiram ao PCP e foram militantes, quer do PCP quer do MUD Juvenil. O terceiro grupo era o dos nacionalistas, o daqueles que, embora aceitando as ideias do marxismo, nunca militaram no PCP... que era partidário de uma luta que conduzisse à queda do fascismo em Portugal, o que implicaria depois a solução da questão colonial, ao passo que os nacionalistas eram mais radicais e queriam destruir o colonialismo em África, independentemente do que se passasse em Portugal.

Mas Coimbra, cidade pequena, não tinha dimensão para trabalho político clandestino. Eu já era conhecido como dirigente académico e aluno dos últimos anos. Qualquer passo estranho seria detectado. Parto para Lisboa, até porque lá é que estavam os meus dois contactos, do MPLA e do PAIGC.

Como parte do nosso trabalho, nós, das colónias, montámos uma rede clandestina tradicional, de modelo triangular, com um chefe de grupo que ligava a dois outros, e assim sucessivamente, na boa tradição conspirativa e como me havia instruído Paulo Jorge. Assim, cada um só conhecia dois membros da organização e, em caso de prisão, nunca podia denunciar mais do que isso. Em teoria, porque o meio era, mesmo assim, tão pequeno que se sabia mais ou menos, quem era quem.

Quando os seleccionados para as reuniões chegavam, cantávamos *Hosi Katekisa Africa* em língua Ronga, de pé e com os pulsos cruzados e punhos cerrados, como se estivéssemos algemados. No fim da canção fazíamos de contas que rebentávamos as algemas. Às vezes, um de nós, pelos fios puxava os estores das janelas para cima enquanto cantávamos como se estivesse a içar a bandeira da Independência. Cantávamos apenas os que sabíamos mais ou menos bem o *Xironga*, os outros tentavam aprender. Estava claro que todos estávamos certos do que queríamos. Lutar pela independência no nosso país. De Portugal as coisas eram vistas mais claramente; havia mais informação. Mesmo assim, ainda não conhecíamos os movimentos de libertação que se desenhavam em Moçambique.

Diversidade entre os estudantes da CEI

Tomás Medeiros. in Mateus 1999: 254-255

Qualquer passo estranho seria detectado...

Óscar Monteiro. *De Todos se faz um País*. 2012

Hosi Katekisa Africa

Alberto Chissano. *Vidas Lugares e Tempos*. 2010

Ficha da PIDE de António Agostinho Neto

1955. Col. Ana Mesquita e Carmo



- Procuração -

António Agostinho Neto, nascido em 17 de Setembro de 1922, natural de Feala e Benga - Angola -, solteiro, filho de Agostinho Pedro Neto e de Maria do Socorro Neto, estudante da Faculdade de Medicina de Lisboa; —
 nomeia-me bastante procurador para efeitos de pagamento de frequência na Universidade de Lisboa, ao Senhor Pedro Manuel da Cruz, morador em Lisboa, Avenida Alameda d'África, 23, solteiro, estudante. —

Coimbra, 4 de Abril de 1952

António Agostinho Neto
 assinatura *[assinatura]*
 Secretaria Nacional de Coimbra de *[assinatura]*
 de 1952
 São, adicional e emolumento *[assinatura]*
 Englobado no vencimento pelo qual se faz *[assinatura]*
 Pedrinho Diniz Carmo
 ajudante de secretaria

Procuração de António Agostinho Neto

Caxias. 1.4.1952. Col. Acácio M. Cruz



Ficha da PIDE de Albertina Ferreira
1963. Col. Ana Mesquita e Carmo



Ficha da PIDE de Arménio Ferreira
1963. Col. Ana Mesquita e Carmo



87

floreabo, vos disse da maneira como recebemos a notícia do regresso de Ave - finalmente! - à normalidade académica. De repente, pois, os floreabo...
Com os cursos mais variados sem bases académicas

Paul Bernardino

raltrias. O alforamento e os reflexos, qual por norma conta.
A obra por isso torna-se principalmente importante. Le pare a redacção da frente dos estatutos que trata dos delegados. Falamos há dias com o car. Intervém na reunião nacional, ele friso especialmente a questão dos delegados da sede com a vossa delegação, dizendo ser imprescindível que esse fosse concluído antes. Agradecemos pois que vos comuniquem o mesmo breve possível, quando e quanto vier.
Quanto à saída de delegados - à medida em que os dois próximos - vos sube la-ab pela empresa que certamente se de m bi de referir. Mas, deverá apressar com relação à vossa resposta, mas se mesmo oficial, que, com alguns

Carta da Direcção da CEI Lisboa
10.1.1957. David Bernardino e Fernando Vaz. PT/TT/PIDE. PR.3767,Fls. 87-89. Imagem cedida pelo ANTT

“Destinado a difundir informação sobre os movimentos de libertação e sobre os políticos africanos, o *Anti-Colonial* apelava à deserção dos soldados portugueses, denunciava as atrocidades cometidas na guerra colonial e noticiava os avanços efectuados pelos movimentos nacionalistas. Após a edição de 4 números em 1963 e 1964, a publicação foi suspensa por via da denúncia de colaboradores da distribuição em Moçambique. Alguns responsáveis foram presos (Quartim, Zefo e Percy), um saiu de Portugal (Óscar) e outro entrou na clandestinidade (Dallas). O único elemento não denunciado foi Jorge Querido. Desse modo a repressão policial fez abortar uma iniciativa que envolvia estudantes de várias colónias e o PCP. Foi uma tentativa de conjugar forças na luta contra o colonialismo, assinalando alguns problemas comuns e na convicção de que era possível desse modo acelerar a libertação dos povos africanos.”

Percy Freudenthal

Por insistência minha, o PCP atribuiu-me a incumbência de fazer a ligação aos núcleos dos movimentos de libertação que, entretanto, tinham surgido na Casa. Formou-se, pois, um organismo de coordenação, que passaria a funcionar como redacção dum jornal clandestino a criar. O organismo ficou constituído por mim (pelo PCP), por dois elementos do MPLA e por outros dois da FRELIMO, um dos quais era o Óscar Monteiro, que, ao que suponho, ligava pessoalmente ao PAIGC, através do Jorge Querido.

Anote-se que alguns membros tinham uma posição dúbia, pois nunca tinham pedido para sair do PCP.

Decidimos, pois, começar a publicar um jornal, a que chamámos *Anti-Colonial* e que seria impresso numa tipografia do PCP.

Fiquei, assim, ligado à questão colonial.

Álvaro Mateus

P: Com a prisão de muitos elementos da redacção e a fuga de outros, o *Anti-Colonial* desapareceu?

R: Não. A redacção do jornal reconstituiu-se. Passou a ser constituída por mim, que entretanto passara à clandestinidade, pelo Mário Machungo (de Moçambique) e pelo Virgílio Fernandes (de Cabo Verde). O Machungo era, então, o responsável da FRELIMO, substituindo o Óscar Monteiro, que não chegara a ser preso e fugira para França, com a ajuda de militantes do PCP.

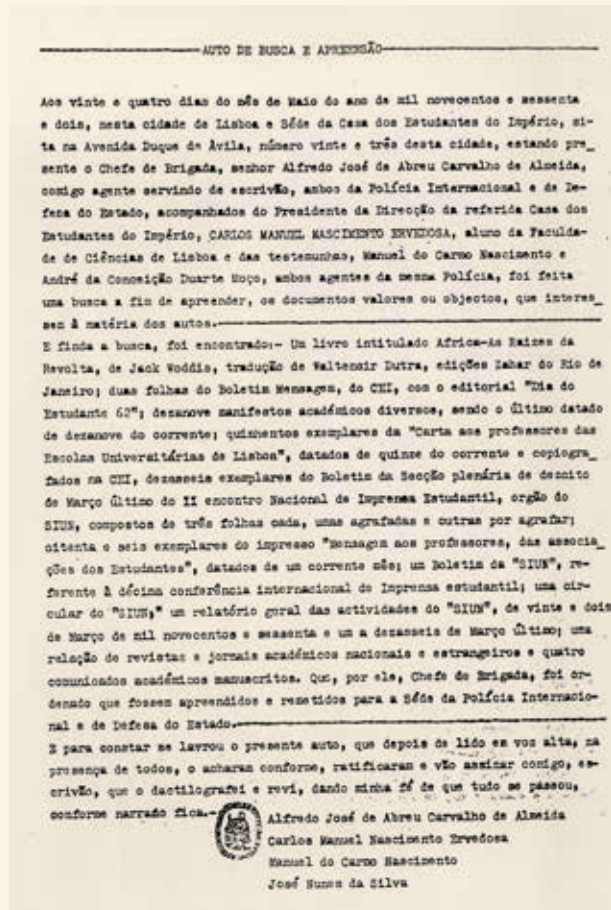
Álvaro Mateus

Vimos nisso uma ocasião de informar a opinião pública portuguesa e estimular o sentimento anticolonialista, pois o nosso círculo restrito atingia somente os estudantes e acessoriamente os intelectuais. Assim nasceu o *Anti Colonial*, uma publicação regular clandestina, em papel bíblia.

Óscar Monteiro

Anti Colonial

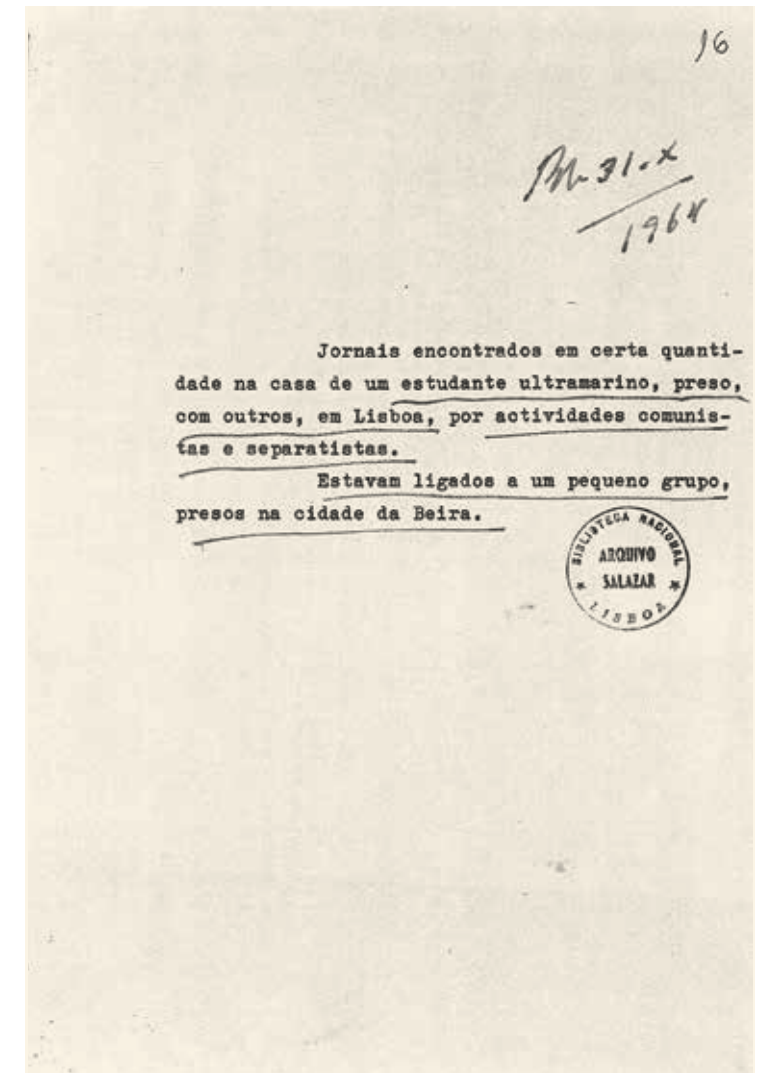
Depoimentos de Percy Freudenthal (2015), Álvaro Mateus (1999), Óscar Monteiro (2012)



Auto de busca e apreensão na sede da CEI

24.5.1962. PT/TT/AOS/CO/UL-58P.1.Subd.6

Imagem cedida pelo ANTT



Jornais apreendidos na casa de um estudante ultramarino

31.10.1964. PT/TT/PIDE-SC.

PR.352962. Imagem cedida pelo ANTT

HERÓIS DA LUTA ANTI-COLONIAL



1 - Dr. AGOSTINHO NETO

Nasce a 17 de Setembro de 1922 na aldeia de Bengo, situada a cerca de 100 kms. a norte de Luanda, o angolano Agostinho Neto, recebe a instrução primária na escola das Missões e matricula-se no ensino secundário, que abandona de quando em quando para ganhar o suficiente para custear os seus estudos.

Em 1944 é-lhe dado um emprego nos Serviços de Saúde e em 1947 as Missões, devido ao seu excelente aproveitamento, concedem-lhe uma bolsa para cursar Medicina na Universidade de Coimbra.

As aspirações do povo angolano à independência tornam-se para ele uma necessidade que exige a acção prática. Assim começa por dar a sua adesão às Associações de Estudantes e às Resenhas Político-Literárias, que trabalhavam então no sentido da investigação e do esclarecimento das bases da cultura angolana e da análise da situação dos colonizados. Tomando parte nas actividades das organizações portuguesas de juventude, ele procura denunciar as verdadeiras condições de vida do povo angolano.

Em 1952, em Lisboa, é preso pela primeira vez com dois colegas, durante uma manifestação contra a política fascista do Governo.

Permanece detido durante 3 meses. Uma vez libertado adere ao Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUD Juvenil), sendo em 1955 eleito para o Comité Central deste movimento, na qualidade de representante dos jovens das colónias. É eleito pela segunda vez conjuntamente com uma centena de jovens, estudantes e operários, pertencentes ao MUD Juvenil. Destes jovens, 52 são levados a julgamento.

Quando em Junho de 1957 Agostinho Neto é posto em liberdade, após um julgamento que se prolonga por 6 meses, tinha cumprido 28 meses de prisão. Entretanto o Tribunal Pleniário do Porto, que electua-

va o julgamento da maneira mais parcial, havia-o condenado a 18 meses de prisão correcional e isto graças à intervenção de personalidades liberais e políticas de vários países e também à brilhante defesa do seu advogado, o democrata Dr. António Macedo.

Nasce entretanto o Movimento Anti-Colonialista (MAC), separado dos movimentos políticos portugueses, ao qual adere Agostinho Neto. Após a especialização em Medicina Tropical, Agostinho Neto regressa a Angola, que entretanto se instalara em Luanda, de um mensageiro enviado ao exterior e a crueldade das torturas a que este é sujeito, conduzem à detenção do Dr. Agostinho Neto a 6 de dezembro de patriotas angolanos.

Cerca de duas centenas de angolanos das aldeias da Bengo e de Icolo, que se manifestavam reclamando a libertação de Agostinho Neto e dos seus companheiros, são massacrados, calculando-se os mortos em cerca de 30.

Agostinho Neto é enviado sob prisão para Lisboa e mais tarde deportado para a ilha de São Antão no Arquipélago de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transferido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transfido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transfido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transfido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transfido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.

Transfido para as prisões de Portugal é-lhe mais tarde fido de Cabo Verde. Nomeado ali Delegado de saúde, é pressionado para que tome posição contra o justo combate do povo angolano. Como não o faça é novamente preso e enviado para a cidade da Praia (ilha de Santiago) sob o pretexto de ter consigo uma fotografia revedora das atrocidades cometidas pelos colonos em Angola.



POVO PORTUGUÊS, POVO ANGLANO - UMA CAUSA COMUM

Em Fevereiro de 1961, o Povo Angolano, saturado de quatro séculos de opressão e de exploração, farto de quatro séculos de violência e de roubo, de colonização, enfim, levantou-se em luta.

Em Fevereiro de 1961, correu sangue de patriotas angolanos, misturado com o sangue dos colonialistas, correu sangue do povo, à mistura com o sangue das chagas exploradoras.

Mas contra quem luta então esse povo heróico? Quem o oprimiu durante tantos séculos? Quem o explorou? Quem o roubou e violentou? Teriam sido os portugueses? Teria sido o Povo de Portugal?

Riquezas inumeráveis, escoam-se diariamente pelos portos de Angola, por Luanda, Lobito e Moçamedes. Na colónia, os caminhos de ferro orientam-se sempre dos centros mais ricos para a costa e transportam todos os dias os cereais produzidos com enorme esforço pelo camponês nativo, o minério de cobre, de ferro, de manganês que o suor do trabalhador arrancau à terra ao som do chicote, o algodão imposto à força de castigos e ameaças nas terras dos pequenos camponeses negros. Incontáveis riquezas em ouro e diamantes, riquezas da terra que foi arrancada aos nativos, com o esforço dos nativos, lavados o mercado mundial e fornecem o luxo dos burgueses de todo o mundo.

Quem recebe essas riquezas? Quem aninha os lucros que vêm do algodão, dos minérios, dos cereais, dos diamantes?

Será ainda o povo português? Serão os camponês e o operário de Portugal?

Nas florestas, nas serras, nas savanas de Angola, nos campos lavrados, nos pastos e nos mares da costa atlântica, mãos criminosas empunham ainda hoje o chicote e é ao som do chicote que o negro verga o dorso e trabalha. Homens que convertem a farda da autoridade e que se dizem «contraditos dos indígenas» cobram pelas aldeias o imposto da vergonha, a «taxa indígena (?)» e trazem consigo a palmatória, com que brindam milhares de mãos negras, mãos de adultos, de velhos, de mulheres, até que sangrem. Burgueses bem instalados, senhores de prósperos negócios, de residências principescas, acitam os negros nas suas imediações depois de lhes vestirem a humilhante farda branca de criado, de serviçal, e ao minú-

Ao aparecer o seu 1.º número, o jornal Anti-colonial saúde todos os combates anti-fascistas, todos os que lutam contra a guerra colonialista do Governo de Salazar. O «Anti-colonial» visa desmascarar a mentira continua da propaganda fascista. Que o aparecimento de mais este órgão leve à luta vitoriosa sobre a campanha salazarista a favor da guerra, dos roçeiros, grandes proprietários coloniais e dos monopólios imperialistas! que essa luta ponha cobro à derrcada económica para que o Governo leve o país! Que o ano de 1964 anuncie o fim das guerras de opressão, a libertação dos povos oprimidos, a conquista da democracia pelos povos portu- guês, guineense, angolano e moçambicano!

de deslize, enviam-nos às autoridades, aos «caradores dos indígenas», que lhes aplicam insuportáveis castigos corporais.

De quem são aquelas mãos criminosas? Quem são esses «burgueses trianistas»? O que representam aquelas fardas de autoridade?

Uma vez mais, o Povo Português? Quem tal pensar, comete um erro que convém aos fascistas de Portugal e ao seu governo criminoso que há 37 anos suja o país. Não é o Povo Português o responsável por tais atrocidades e inhumanidades, mas é o Povo Português que pelo mundo fora fica enlameado, seja pela sordidez do seu governo, acusado de racista, de criminoso social, pelos crimes do seu governo. Não são os portugueses que usufruem de todas aquelas riquezas e cometem para as conseguir, as violências descritas, porque os verdadeiros portugueses continuam a ser, vítimas da exploração na sua própria terra.

São os grandes capitalistas de Portugal, são os grandes financeiros estrangeiros, os mesmos que exploram o povo português na sua pátria, os que roubam o povo angolano na pátria angolana. São meia dúzia de homens poderosos e importantes companhias do estrangeiro à quem Salazar dá Portugal, como dá Angola, para que lhes aproveitem as riquezas pátrias, para que lhes saíam os magros salários e para que os escravizem no trabalho.

São os anglo-americanos da «DE BEERS CONSOLIDATED MINES LIMITED» que pela «DIAMOND TRADING COMPANY» controla o mercado de diamantes e da «OPPENHEIMER'S ANGLO-AMERICAN COMPANY»; são os americanos da «GULF OIL»; são os ingleses da «TANGANYIKA CONCESSIONS LIMITED»; são os belgas da «PETROFINA» e do «BANCO BURNAV»; os franceses da «PECHINEY» e os alemães da «KRUPP». E são também os JOSÉ DE MELO (Café), ESPRITO SANTO SILVA, HOLSTEIN BECK (diques de Palmela), ABECESSAS, SOARES DE ALBERGARIA, COHEN, SOLSA LARA, etc, etc.

São estes, com efeito, os verdadeiros inimigos do povo angolano como o são também do povo português. São estes que querem impor o jugo do seu talão em Angola, como o fizeram em Portugal.

Estranhas coincidências, havendo tanta calma na

(continua na página 8)

Anti-Colonial Nº1. 1963. págs 1 e 8. Imagem cedida pelo Arquivo do GES do PCP

(continuação da 7.ª página)

res do Songo ao salário máximo que naquela região vinham pagando certas empresas, elevamo-lo para os 200000.»

A respeito dos trabalhadores forçados das minas da Diamang de Angola, esclarece Basil Davidson em «O Despertar da África»:

«Entre 1947 e 1954 os trabalhadores forçados das minas de diamantes recebiam exactamente 67 escudos por mês. Em Abril deste último ano, o governo decretou que os salários nas minas de diamantes seria elevado para 120000 por mês.»

Apesar disto a DIAMANG só quase 5 anos depois começou a cumprir o decreto. Por nossa própria iniciativa diz a DIAMANG. Mas afinal para quem são os decretos?

Passa a hipocrisia da «benevolência» da DIAMANG que tirando de Angola riquezas fabulosas ainda se dá ao «luxo» de igualar os salários de outras companhias.

O QUE HÁ EM MOÇAMBIQUE?

O Departamento da Defesa Nacional forneceu à imprensa no dia 15 de Abril de 1964 um comunicado em que manifestava o seu formal e completo desmentido a uma notícia de Nairobi, no Quênia, cujo teor é o seguinte:

«Fontes moçambicanas declararam que as autoridades portuguesas haviam proclamado o estado de emergência e mandado 2.500 homens para a Zambézia. As tropas estão a operar contra os rebeldes, que declararam guerra aos portugueses há um mês. A informação veio em cartas entregues por mão ditando que até agora nenhum membro das guerrilhas fora capturado, embora tenham feito «raids» contra diversos postos portugueses.»

Há calma absoluta em todo o Moçambique, afirma-se pois o departamento da Defesa Nacional. Entretanto em Moçambique, no dia seguinte, o chefe de gabinete do Governador Geral da Colónia, Rodrigues Cosentino, devidamente autorizado pelo sr. Sarmiento Rodrigues, desmentia perante o enviado especial da Reuters, Michael Littlejohns, notícias publicadas no estrangeiro acerca de desordens de civis no distrito da Zambézia, na fronteira com a Níassalândia, e de recantos entre tropas portuguesas e insurrectos do Tanganica.

E fontes oficiais de Lourenço Marques descreveram como exagerada uma notícia da imprensa sul-africana de que Moçambique era «uma grande guarnição em estado de prevenção constante» em consequência das perturbações.

Há calma em Moçambique, afirma-se pois, em Lisboa e em Lourenço Marques.

Mas logo nos jornais de 20 e 21 de Abril, apareceram duas outras notícias que relacionadas com as anteriores, não podem deixar de nos fazer pensar.

No dia 20, noticiava-se que estavam abertas, para os civis de Moçambique, as inscrições no Corpo de Voluntários da Defesa Civil da Colónia. E no dia 21, que o sr. Sarmiento Rodrigues, governador-geral de Moçambique, se deslocaria a Lisboa a 22 de Abril, em missão de serviço.

Estranhas coincidências, havendo tanta calma na

(continua na página 8)

Anti-Colonial Nº2. 1964. págs 1 e 8. Imagem cedida pelo Arquivo do GES do PCP

Colónia. Para que a presta em deslocar a Lisboa o sr. Sarmiento? Porque a abertura, precisam ente agora, de inscrições para o Corpo de Voluntários? O que lá em Moçambique?

HERÓIS DA LUTA ANTI-COLONIAL REV. JOAQUIM PINTO DE ANDRADE

O padre Joaquim Pinto De Andrade, irmão de Mário de Azevedo, um dos fundadores do M.P.L.A., foi preso pela primeira vez em Junho de 1960, quando em Luanda já se delineava o movimento para a independência. Depois de meio ano de prisão no Aljube, incomunicável, foi exilado para a ilha do Príncipe, donde regressou de novo a Lisboa para outros seis meses de prisão nas cadeias da FIDE. Deixam-no então sair em regime de residência vigiada, para o mosteiro de Singuewara, onde o foram buscar novamente a 8 de Julho de 1962, para as prisões da PIDE no Porto, como refúgio após a fuga do Dr. Agostinho Neto. De lá transitou para o Aljube, onde permaneceu por longos meses nas piores condições de vida e de saúde, sem julgamento nem advogado.

Mas uma vez libertado, volta tempos depois à prisão, para ser lá pouco movimento libertado e colocado com residência fixa no norte de Portugal, não podendo, ao que parece, deslocar-se para parte alguma.

Após a fuga do Dr. Agostinho Neto e quando se encontrava ainda na prisão, este grande patriota angolano, extremamente popular entre todas as camadas sociais de Angola, foi eleito por aclamação, presidente de honra do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.), a quando do 1.º Congresso deste movimento.

Num dos interrogatórios que a FIDE lhe faz ele declara:

«Na linha do melhor pensamento filosófico e teológico e na senda da grande tradição cristã e do ensinamento dos últimos papas (nomeadamente Leão XIII, Pio XI, Pio XII e João XXIII) e dos bispos, em comunhão com eles, considero que a aspiração de um povo à independência é um sentimento justo e razoável... A independência é para o povo o que a liberdade é para o indivíduo.»

Quando deixaram os carrascos da PIDE de torturar e humilhar o padre Pinto de Andrade? Quando lhe deram, a ele e aos patriotas das colónias, a paz e a liberdade a que têm direito?

(continuação da 1.ª página)

filaram pela Avenida da Liberdade em Lisboa gritando bem alto: «PAZ EM ANGOLA». E nem a violenta repressão das forças policiais, nem o sangue que correu, impediram esses jovens de expressarem a sua firme determinação de não participarem nos desígnios colonialistas do salazarismo.

Jornal ANTI-COLONIAL não quer deixar de saudar os heróicos manifestantes do 1.º de Maio e em especial a juventude portuguesa, pela sua firme e expressiva oposição à guerra colonial, pela sua firme e expressiva posição anti-colonialista.

(continua na página 8)



GUINÉ «PORTUGUESA» E ILHAS DE CABO-VERDE BALANÇO DE UM ANO DE LUTA

(JANEIRO-DEZEMBRO de 1963)

(extractos do «Boletim do Comité de Apoio a Angola e aos povos das colónias sob dominação portuguesa»)

Há uma guerra na Guiné «Portuguesa». A mais importante que a África conhece depois da paz de Évian.

Durante longo tempo os órgãos de informação portugueses, e com eles a imprensa internacional, não disseram uma palavra da insurreição. Foi necessário o incidente de Boumaki em Junho de 1963 (bombardamento de uma aldeia senegalesa pela aviação portuguesa, condenação de Portugal nas Nações Unidas) e, em Julho, a abertura dum segunda frente ao norte, para que o muro do silêncio desaparecesse.

A guerra da Guiné ultrapassou então a de Angola. E o «TIMES» de Londres pôde escrever num dos seus editoriais do mês de Agosto: «A Guiné tornou-se o calcabar de Aquiles de Portugal.»

Balanço Histórico

No mês de Setembro de 1966, os militantes nacionalistas criaram em Bissau, capital da Guiné «portuguesa», o P. A. I. G. C. (Partido Africano da Independência da Guiné e das Ilhas de Cabo-Verde). Decorreram três anos. O PAIGC alargou-se e organiza-se. Elige para secretário-geral Amílcar Cabral e para presidente Rafael Barbosa (este último foi preso em Março de 1962, em Bissau, depois de deztois meses de clandestinidade; ainda hoje preso, ele está em ritocos de pagar com a sua vida as vitórias nacionalistas). O PAIGC assegurou uma sólida base urbana.

Mas em Agosto de 1959, dá-se o drama: o PAIGC organiza uma greve de estivadores em Bissau. Este manifestam-se pacificamente no cais de Pijigul, o exército atira; mais de 50 mortos e numerosos feridos, que «desapareceram». Os responsáveis do partido, vindos até agora na sua maioria de meios urbanos, decidem dar ao Partido uma base sobretudo camponesa (além do que, os africanos das cidades na sua maioria, permanecem sempre em relações estreitas com o seu meio de origem).

Em Agosto de 1961, Amílcar Cabral pôde proclamar a passagem à acção directa: sabotagens, recusas colectivas ao pagamento dos impostos, etc...

Em 1962, na noite de 30 de Junho para 1 de Julho, os militantes do PAIGC isolam todo o sul do país (estradas cortadas, fios telefónicos e telegráficos destruídos, pontes e batelões para a passagem de carros queimados...). A repressão portuguesa, durante o verão, é dum violência inaudita: nacionalistas queimados vivos, lançados vivos nos rios, atados a pedras, corpos mutilados de responsáveis expostos nas praças públicas, centenas de prisioneiros. Mas as forças coloniais encontram muito poucas armas e todas velhas. As sabotagens pararam quase por completo. Os colonialistas acreditam que a rebelião parou e libertam certos prisioneiros.

E é então, em Janeiro de 1963, que vai rebentar a insurreição armada (já tinha havido, em Dezembro de 1962, uma acção armada de certa importância).

A 24 de Junho de 1963 Amílcar Cabral dá uma conferência de imprensa em Conakry. Mostra aos jornalistas múltiplos testemunhos da luta conduzida na Guiné dita «portuguesa»: fotografias, restos de aviões abatidos, restos de bombas napalm, material português de toda a qualidade, etc... E declara, entre outras coisas:

«Apesar de tudo, parece-nos que não é ainda muito tarde para que o Governo Português saia da

(continua na 2.ª pág.)

O 1.º DE MAIO E A LUTA ANTI-FASCISTA E ANTI-COLONIALISTA

O povo português e os povos coloniais não são inimigos. Eles são aliados na luta comum contra o fascismo e o colonialismo.

O povo português não quer a guerra colonial porque sabe bem que ela é inútil, só e unicamente, no interesse dos capitalistas nacionais e internacionais. A juventude não quer ir combater e morrer por uma causa que não é a sua, por uma causa injusta.

O 1.º de Maio foi uma jornada gloriosa na luta anti-fascista e anti-colonialista. Centenas de jovens desfilaram em Lisboa.

GUINÉ «PORTUGUESA» E ILHAS DE CABO-VERDE BALANÇO DE UM ANO DE LUTA

(JANEIRO-DEZEMBRO de 1963)

(extractos do «Boletim do Comité de Apoio a Angola e aos povos das colónias sob dominação portuguesa»)

Há uma guerra na Guiné «Portuguesa». A mais importante que a África conhece depois da paz de Évian.

Durante longo tempo os órgãos de informação portugueses, e com eles a imprensa internacional, não disseram uma palavra da insurreição. Foi necessário o incidente de Boumaki em Junho de 1963 (bombardamento de uma aldeia senegalesa pela aviação portuguesa, condenação de Portugal nas Nações Unidas) e, em Julho, a abertura dum segunda frente ao norte, para que o muro do silêncio desaparecesse.

A guerra da Guiné ultrapassou então a de Angola. E o «TIMES» de Londres pôde escrever num dos seus editoriais do mês de Agosto: «A Guiné tornou-se o calcabar de Aquiles de Portugal.»

Balanço Histórico

No mês de Setembro de 1966, os militantes nacionalistas criaram em Bissau, capital da Guiné «portuguesa», o P. A. I. G. C. (Partido Africano da Independência da Guiné e das Ilhas de Cabo-Verde). Decorreram três anos. O PAIGC alargou-se e organiza-se. Elige para secretário-geral Amílcar Cabral e para presidente Rafael Barbosa (este último foi preso em Março de 1962, em Bissau, depois de deztois meses de clandestinidade; ainda hoje preso, ele está em ritocos de pagar com a sua vida as vitórias nacionalistas). O PAIGC assegurou uma sólida base urbana.

Mas em Agosto de 1959, dá-se o drama: o PAIGC organiza uma greve de estivadores em Bissau. Este manifestam-se pacificamente no cais de Pijigul, o exército atira; mais de 50 mortos e numerosos feridos, que «desapareceram». Os responsáveis do partido, vindos até agora na sua maioria de meios urbanos, decidem dar ao Partido uma base sobretudo camponesa (além do que, os africanos das cidades na sua maioria, permanecem sempre em relações estreitas com o seu meio de origem).

Em Agosto de 1961, Amílcar Cabral pôde proclamar a passagem à acção directa: sabotagens, recusas colectivas ao pagamento dos impostos, etc...

Em 1962, na noite de 30 de Junho para 1 de Julho, os militantes do PAIGC isolam todo o sul do país (estradas cortadas, fios telefónicos e telegráficos destruídos, pontes e batelões para a passagem de carros queimados...). A repressão portuguesa, durante o verão, é dum violência inaudita: nacionalistas queimados vivos, lançados vivos nos rios, atados a pedras, corpos mutilados de responsáveis expostos nas praças públicas, centenas de prisioneiros. Mas as forças coloniais encontram muito poucas armas e todas velhas. As sabotagens pararam quase por completo. Os colonialistas acreditam que a rebelião parou e libertam certos prisioneiros.

E é então, em Janeiro de 1963, que vai rebentar a insurreição armada (já tinha havido, em Dezembro de 1962, uma acção armada de certa importância).

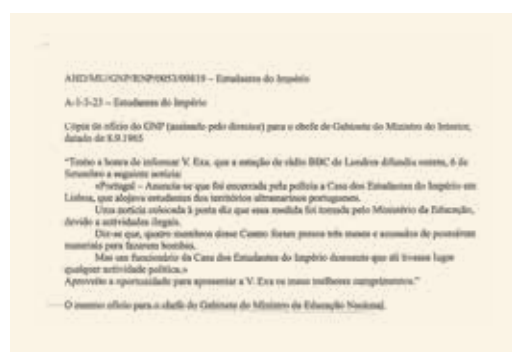
A 24 de Junho de 1963 Amílcar Cabral dá uma conferência de imprensa em Conakry. Mostra aos jornalistas múltiplos testemunhos da luta conduzida na Guiné dita «portuguesa»: fotografias, restos de aviões abatidos, restos de bombas napalm, material português de toda a qualidade, etc... E declara, entre outras coisas:

«Apesar de tudo, parece-nos que não é ainda muito tarde para que o Governo Português saia da

(continua na 2.ª pág.)



Anti-Colonial
Nº4. 1964. págs 1 e 8. Imagem cedida pelo Arquivo do GES do PCP



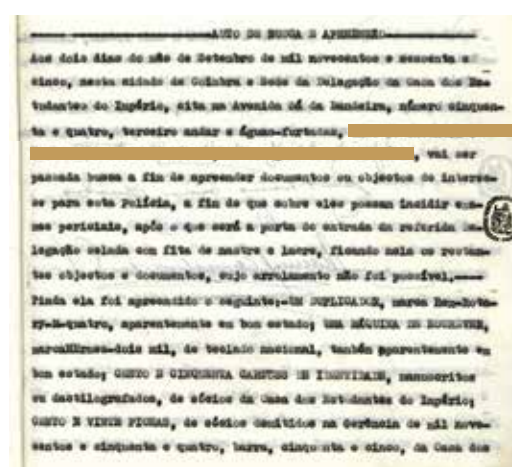
Estudantes do Império
O encerramento anunciado pela BBC. 6.9.1965. AHD-MNE. MU/GNP/RNP/0053/09819



Estudantes do Império
O encerramento anunciado pela CEI. 2.9.1965. PT/TT/PIDE-SC-PR.352962. Imagem cedida pelo ANTT



Estudantes do Império
A Censura cortou a notícia do Sécuro sobre o encerramento da CEI efectuado pela PIDE. 3.9.1965. PT/TT/EPJS/A/2/260 Imagem cedida pelo ANTT

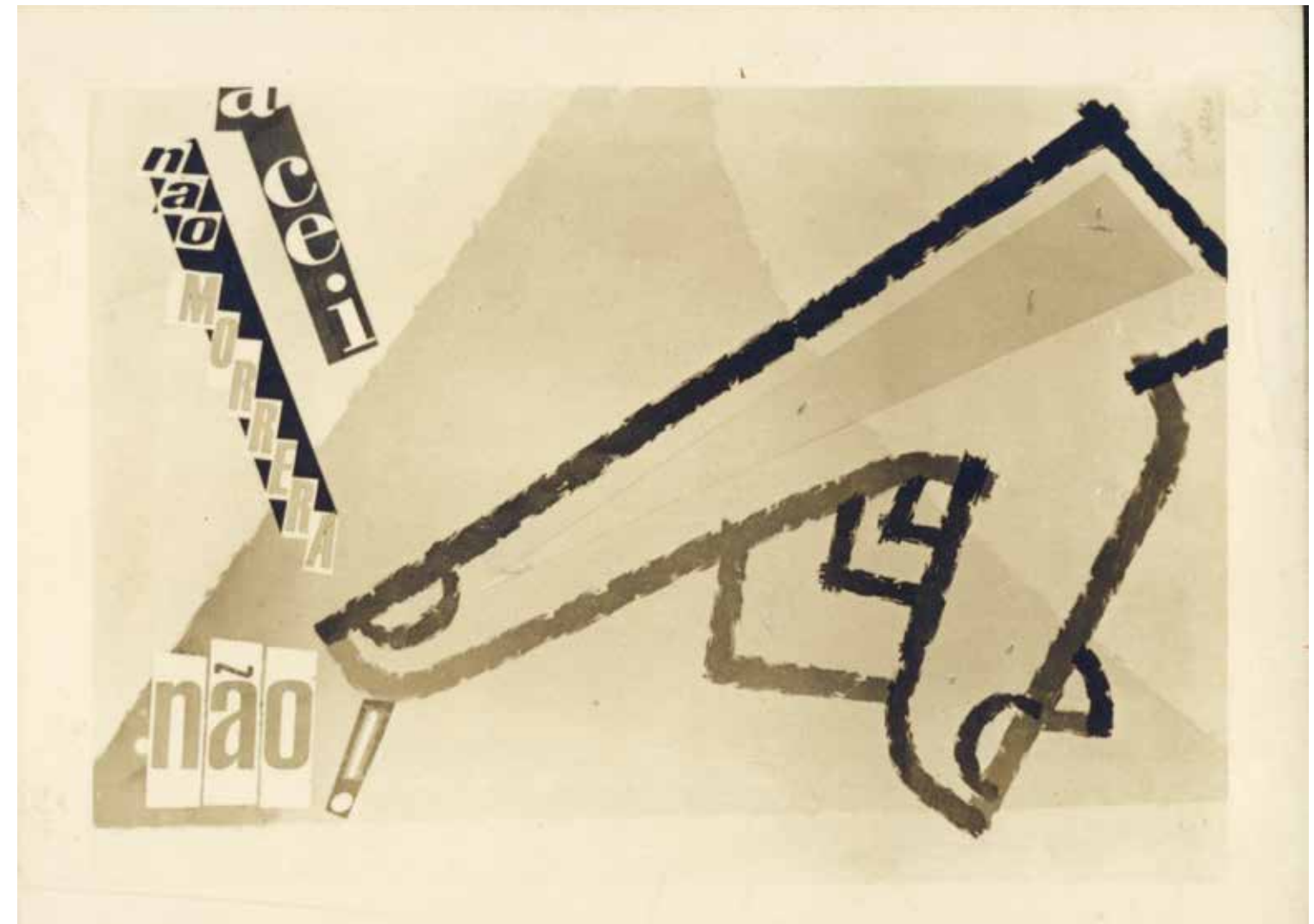


Estudantes do Império
O encerramento efectuado pela PIDE. 2.9.1965. PT/TT/PIDE-PR.3767. Imagem cedida pelo ANTT

...E a Casa? A nossa Casa? Apenas foi despojada da sua frequência física.

Porém a casa continua a vaguear como cazumbis ou espíritos que percorrem sonhos e corroem pesadelos. Por isso, VIVA O SABOR DAS PALAVRAS!...

O Sabor das Palavras
Fragmento. 28.10.2014.
Manuel Rui



A CEI não morrerá. não!
Foto. s/a. [1964].
Col. Carlos Ervedosa

PARA LÁ DA CASA

Ao longo da década de 50, a afirmação política dos países afro-asiáticos era já uma realidade a nível internacional. Nacionalistas das colónias portuguesas seguiam esse movimento, integrados clandestinamente em conferências e congressos que visavam debater, pressionar e condenar Portugal.

Animados pela independência da Índia em 1947, os naturais de Goa foram particularmente ativos por pretenderem ver reconhecido o seu direito à autonomia. Tendo incentivado a formação da CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) em 1961 ao lado dos nacionalistas africanos e obtido apoios internacionais, viram concretizada, nesse mesmo ano, a integração de Goa, Damão e Diu na União Indiana.

Em África, a solidariedade de novos países independentes viabilizou a constituição de movimentos de libertação dos povos das “províncias ultramarinas” a partir de 1956, ampliando

a denúncia das injustiças do colonialismo português.

Relacionada com o agravamento da repressão nas colónias, com o início da guerra em Angola, intensificou-se a saída de estudantes africanos, uns de modo legal, outros clandestino, apesar das dificuldades criadas pela polícia política. Articulado com a necessidade de recrutamento de quadros pelos movimentos nacionalistas, o objetivo principal do êxodo foi o reforço dessas organizações quer na retaguarda político-diplomática quer na guerrilha.

Depois de deixarem a CEI, os percursos cívicos e políticos dos antigos sócios foram muito diversificados, assim como foram múltiplos os papéis que desempenharam na luta pela independência. Com o fim da ditadura em 25 de Abril de 1974, graças a esforços conjuntos de africanos e portugueses, chegava finalmente o dia de “içar a bandeira” nos novos países independentes.



Campanha a favor da luta de libertação em Angola
Recorte de jornal n.i. Col. ACEI



Desenho alusivo à luta de libertação
Henrique Abranches. Alger. 1964

“Como é que a malta ainda miúda se meteu em mudar as correntes aos rios? Por termos demandado as nascentes, onde começam traços ténues de água pura com música do silêncio que começam no planalto do Bié sempre nós saboreando as palavras em seu verdadeiro paladar e tentado entrar por dentro dos mistérios. A Casa foi o princípio de lutas, hinos e bandeiras quando conseguimos segurar o sabor da palavra terra nos olhos dos mais velhos e nos braços das nossas crianças.”

O Sabor das Palavras
Fragmento.
Manuel Rui. 28.10.2014

NA O. N. U.

FOI APROVADA UMA MOÇÃO A FAVOR DA ABOLIÇÃO DO COLONIALISMO

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 15 — A Assembleia Geral da O. N. U. aprovou ontem à noite, por 89 votos, com 9 abstenções, a moção dos 43 países afro-asiáticos para abolição do colonialismo no mundo — depois de eliminada da redacção a contudente propaganda que o Chefe do Governo soviético, Nikita Krushchev, procurara incluir na mesma.

A moção aprovada, que pede medidas imediatas para a entrega do Poder aos povos dos territórios coloniais, não indica, no entanto, qualquer prazo de tempo para a realização dessa transferência de poderes.

Os países que se abstiveram no voto foram: Portugal, os Estados Unidos, a Inglaterra, a França, a Bélgica, a África do Sul, a Espanha, a Austrália e a República Dominicana.

O texto

O texto da resolução aprovada sobre a abolição do colonialismo, depois de circunstanciados considerandos, diz o seguinte:

1.º — A sujeição dos povos a subjugação, domínio e exploração estrangeiras constitui denegação dos direitos fundamentais do Homem, e contraria a Carta da ONU e compromete a causa da paz e da cooperação internacionais.

2.º — Todos os povos têm o direito de livre determinação. Em virtude desse direito, determinam

PORTUGAL E MAIS 8 PAÍSES

ABSTIVERAM-SE

NO VOTO

livremente o seu estatuto político e procedem livremente ao seu desenvolvimento económico, social e cultural.

3.º — A falta de preparação nos domínios político, económico ou social ou no ensino, nunca deverá ser tomada como pretexto para demorar a independência.

4.º — Por-se-a termo a todas as acções armadas e todas as medidas de repressão, sejam de que espécie forem, dirigidas contra os povos dependentes, para que estes possam exercer pacífica e livremente o seu direito à independência completa, e respeitar-se-á a integridade dos seus territórios nacionais.

5.º — Tomar-se-ão medidas imediatas, nos territórios sob curadoria, territórios não-autónomos e todos os outros territórios que ainda não tiveram acesso à independência, para transferir todos os poderes para os povos desses territórios, sem nenhuma condição nem reserva, em conformidade com a sua vontade e desejos livremente expressos, sem nenhuma distinção de raça, credo ou cor, para lhes permitir que beneficiem duma independência e liberdade completas.

6.º — Qualquer tentativa que tenha em vista destruir parcial ou totalmente a unidade nacional e a integridade territorial dum país, é incompatível com os objectivos e princípios da Carta da ONU.

7.º — Todos os Estados devem observar fiel e estritamente as disposições da Carta da ONU, da Declaração dos Direitos do Homem e da presente Declaração, com base na igualdade, não interferência nos negócios internos dos Estados e respeito dos direitos soberanos e da integridade territorial de todos os povos e Estados.

**Campanha internacional
contra o Colonialismo**
Fonte n.i. 16.12.1960.
CIDAC.BAC.H.Rec.1A

DOCUMENTOS
ORIENTADORES

MANIFESTO DO MOVIMENTO ANTI-COLONIALISTA (MAC)



EDIÇÃO DO DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PROPAGANDA E CULTURA DO CC DO PAIGC

4

Publicação do PAIGC
1960. AMS-DMA.P.04357.001.001

MENSAGEM

AO POVO PORTUGUÊS

O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (M.P.L.A.) endereça esta mensagem ao povo Português, num espírito de amor à liberdade, à fraternidade e à paz universais.

O M.P.L.A., organização patriótica e africana, luta indomavelmente pela liquidação urgente da dominação colonial portuguesa em Angola e pela liberdade e o progresso do povo angolano.

Evocando abusivamente o nome e os interesses do povo de Portugal, os colonialistas portugueses disfarçaram, no passado, os povos africanos de Angola, quer através de séculos de escravatura e de tráfico de populações negras, quer por guerras de conquista, quer ainda por imposição de condições de vida aniquiladoras.

Na época contemporânea, os colonialistas portugueses, sob a capa de princípios elevados e humanitários e com base na ocupação militar, montaram todo um aparelho administrativo ao serviço de uma minoria de opressores e exploradores e dirigido impiedosamente contra os interesses do povo africano de Angola.

Os colonialistas portugueses nunca consentiram, até hoje, que o povo africano de Angola participasse na direcção e no controle da vida pública, por intermédio de representantes por ele livremente eleitos.

Mesmo os direitos e as liberdades, avaramente inscritos na Constituição Política portuguesa, são negados ao nosso povo.

Lesosados — pela violência e pela fraude — das suas terras e dos meios essenciais de vida, milhões de africanos de Angola vêm sendo submetidos ao trabalho forçado, sujeitos a salários de fome, à miséria e a tratamentos cruéis e degradantes.

As finanças públicas, alimentadas pelo trabalho produtivo dos africanos de Angola e pelos impostos pagos por eles, beneficiam, na realidade, uma minoria de exploradores e são aplicadas na colonização europeia em massa, em preparativos de guerra e, enfim, em obras tendentes a reforçar o domínio colonial português.

POVO PORTUGUÊS !

Eis alguns dos factos — criados e mantidos pelos colonialistas portugueses no interior de Angola — que levam o povo angolano e o M.P.L.A. a lutar pela liquidação urgente do intolerável domínio dos colonialistas portugueses e pelo triunfo do direito do povo angolano à autodeterminação — direito proclamado pela Carta das Nações Unidas, da qual Portugal é um dos signatários.

É o povo angolano que deve ser soberano em Angola, como o povo português é soberano em Portugal.

É ao povo angolano, e só a ele, que compete determinar livremente o seu destino e escolher a direcção do seu desenvolvimento.

POVO PORTUGUÊS !

A hora é grave.

Mais uma vez, os colonialistas portugueses se preparam, de maneira criminosa, para fazer correr ingloriamente, dentro em breve e sobre o solo de Angola, o sangue do nosso povo e o sangue dos vossos filhos.

É o momento de esclarecer posições e de fixar responsabilidades.

O povo angolano e o M.P.L.A. não pretendem combater Portugal. O respeito pela sobrevivência, pela liberdade e pela aspiração ao progresso de Portugal é um dos fundamentos de sobrevivência, da liberdade e do progresso que o povo angolano e o M.P.L.A. reivindicam para Angola.

O povo angolano e o M.P.L.A. não pretendem combater o povo português. Não acreditamos que este povo que, ao longo da sua história e em face de invasores e opressores...

Camponeses, trabalhadores, operários, intelectuais, estudantes e soldados portugueses !

Homens, mulheres e jovens de todas as camadas sociais de Portugal !

Eis definido o essencial da posição do M.P.L.A. perante vós, perante a vossa pátria e perante o colonialismo português.

A vós, agora, a palavra e a acção.

Certos da justiça da sua causa, o povo angolano e o M.P.L.A. prosseguirão implacavelmente a sua luta até à liquidação completa do colonialismo português em Angola.

Abaixo o colonialismo português !

Viva a luta do povo angolano pela sua liberdade !

Reconhecimento imediato ao povo angolano do direito de dispor de si mesmo !

Regresso imediato a Portugal de todos os soldados portugueses obrigados a participar brevemente numa GUERRA INJUSTA !

Vivam a paz e a amizade entre os povos !

África, 30 de Junho de 1960

Pelo Comité Director do
MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Viriato Cruz

Mário de Andrade

Lúcio Lara



1ª Reunião da CONCP

Mesa da sessão de abertura.

Casablanca. 1961. AMS-DMA.

Fotos 17.11.48

Mensagem ao Povo Português

do Comité Director do MPLA

30.6.1960. Imagem cedida

pela Associação Tchiweka

de Documentação. ATD



**Encontro dos Cinco da CONCP
no Cairo**

1962. Mário Pinto de Andrade.
Um Olhar Íntimo. Luanda 2009



**Encontro dos Nacionalistas
da CONCP em Rabat
com Nelson Mandela**

1962. Fonte n.i

Mário 5.9.65
 Não me cante de
 admirar como as
 forças naturais
 agiram de tal maneira
 que ~~os~~ os 5 (Mário
 Marcelino Amelar Agosti
 Nho Eduardo) que esti-
 veram juntos em Lisboa
 em 1950 possam estar
 mais uma vez aqui
 juntos, continuando
 a mesma luta, em
 condições mais claras
 e prometedoras!

Eduardo

**Bilhete de Eduardo Mondlane
 para Mário de Andrade**
 5.9.1965.
 AMS-DMA.P.04329.004.003



Guerrilheiros do PAIGC
Guerra Colonial. Editorial Diário
 de Notícias. 1998:425



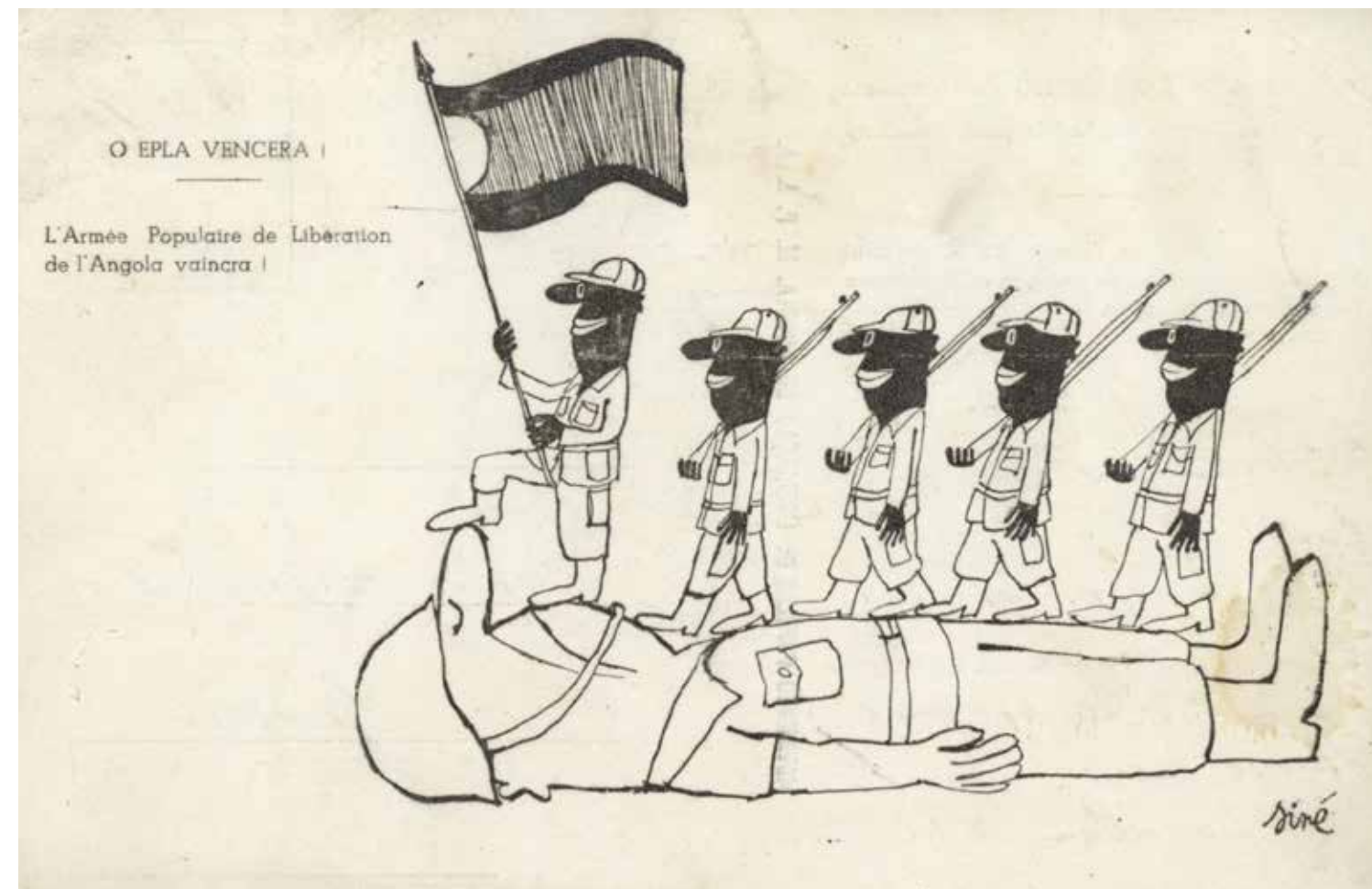
**Antigos sócios da CEI
 constituíram o 1º Comité Director
 do MPLA em Conakry**
 Agosto de 1960. in *Lúcio Lara*.
*Tchiweka...*2009:p. 43



Cartaz da II CONCP
Dar-es-Salaam. Maio de 1965.
Imagem cedida
pela Associação Tchiweka
de Documentação. ATD



Viriato da Cruz
(1928-1973). Poeta e nacionalista
angolano, autor do Manifesto
"Um Amplo Movimento"... 1957.
Imagem cedida pela Associação
Tchiweka de Documentação. ATD



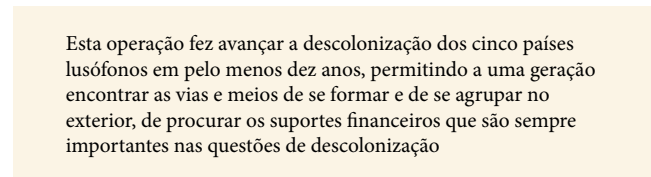
Cartoon sobre a Guerra em Angola
Siné. 1961. Imagem cedida
pela Associação Tchiweka
de Documentação. ATD



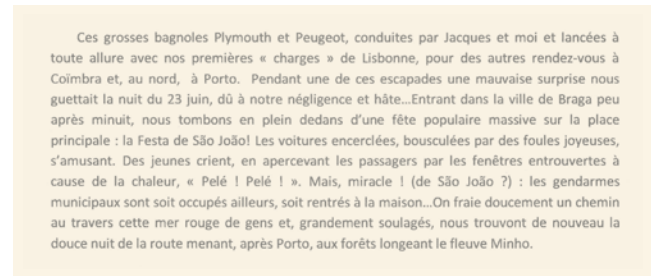
Informação da PIDE sobre o êxodo de estudantes africanos
 Agosto de 1961. PT/TT/PIDE-Inf.1546/61-GU



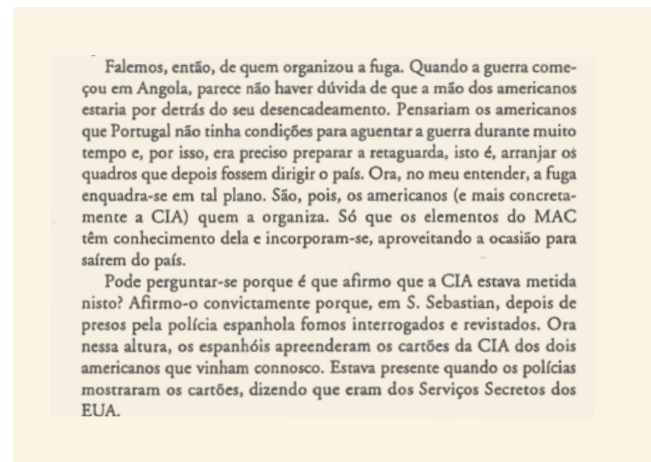
Informação da PIDE sobre o êxodo de estudantes africanos
 4.7.1961. PT/TT/PIDE-Inf.1112/61-GU



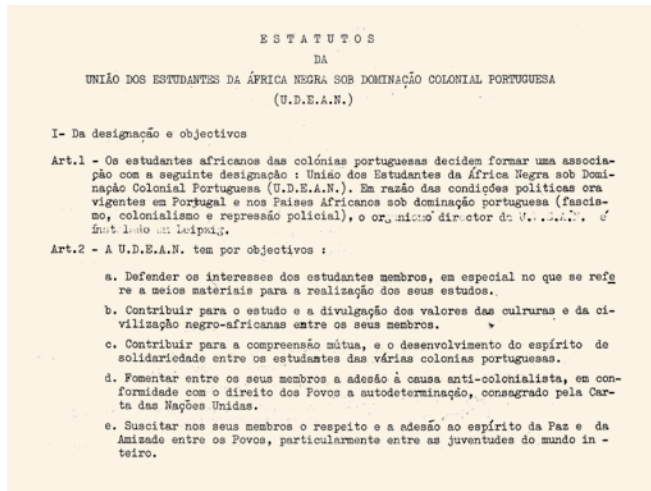
Depoimento sobre a fuga de Estudantes da CEI
 A. Chissano. *Vidas, Lugares e Tempos*. Maputo 2011



Depoimento sobre a noite de São João em Braga
 C. Harper (CIMADE). 2010



Depoimento sobre a fuga de Estudantes da CEI
 Tomaz Medeiros. 1994



Estatutos da UDEAN
 1961. AMS.P.07196.154.045

«O Iko Carreira é que foi o meu elemento de ligação com o grupo. A organização era de protestantes – houve um elemento de ligação americano protestante preso connosco em San Sebastian . Houve um primeiro grupo que saiu, que passou normalmente a fronteira espanhola-francesa e estava-se a preparar um segundo grupo, convidaram-me para fazer parte

Sai de Portugal em 1962. Sai legalmente, com passaporte português e com uma licença militar, comprada em Belém por 5 000\$00. Depois, no mesmo dia em que obtive a licença militar, parti de comboio. Dois dias depois a PIDE foi a minha casa. Mas, então, já eu estava em França.

A maioria dos protestantes do grupo dirigira-se entretanto para a Suíça, onde se encontrava já Jonas Savimbi. Outros, como Cabulo, Filipe Amado, Fernando Octávio, Wilson e Ilda Carreira (Baiana), querendo continuar os estudos, tinham optado pela Alemanha [15]. Agora, a proposta feita aos fugitivos é que os estudantes prossigam os seus estudos no Bloco de Leste – URSS e Checoslováquia, sobretudo, mas também na RDA – ou na Suíça e na Holanda.

Em junho de 1962, Neto conseguiu evadir-se de Portugal com a família e com Vasco Cabral, dirigindo-se a Marrocos num barco alugado no Algarve, graças ao apoio do PCP e do PCF. Em agosto do mesmo ano, um grupo de jovens africanos – estudantes, jogadores de futebol, algumas mulheres e crianças – alugou um barco de pesca no Algarve e seguiu para Marrocos

Segundo Manuel Videira, é a embaixada da Guiné Conacry que arranja passaportes e uma organização clandestina de argelinos em França que organiza a fuga em massa, financeiramente apoiada pelo Gana. Fogem de autocarro, pretextando-se uma orquestra – para o que terão comprado, aliás, diversos instrumentos. Dirigem-se para a fronteira alemã, numa zona pouco vigiada, perto da Bélgica. Com a ajuda de argelinos, atravessam a fronteira e entram na Alemanha. Dai partirão poucos dias depois, de avião, com destino a Accra, no Gana.

“O Dr. Eduardo Mondlane era parte da organização para a saída de estudantes das colónias e não só os protestantes, como as organizações haviam planificado” (p. 273)...“O *réseau* [para a saída dos africanos de Portugal] não tinha nada de comunista, pois os nossos acompanhantes eram americanos e franceses. O suporte da rede eram organizações de cariz religioso”.

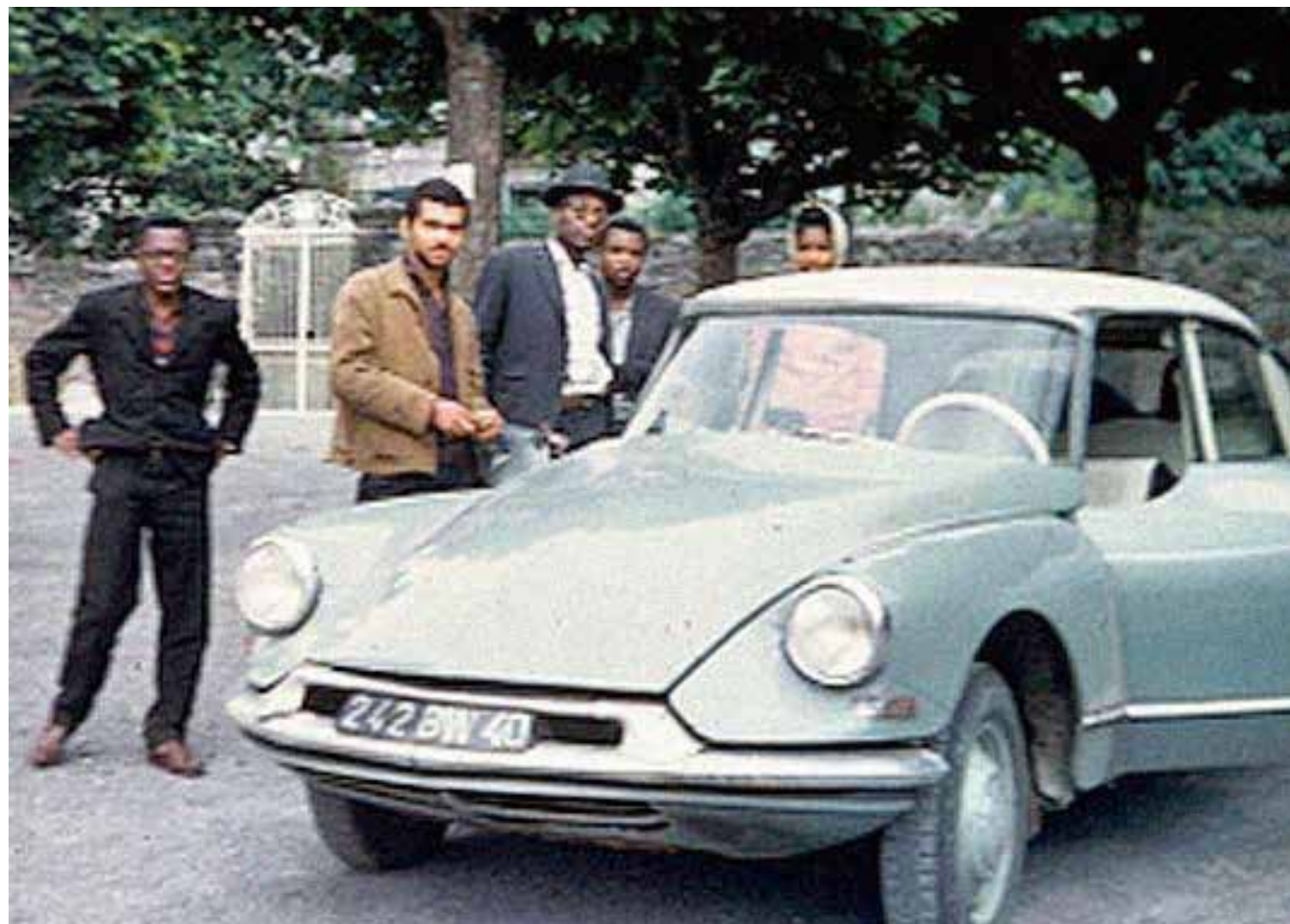


O êxodo de estudantes africanos
Depoimentos de Pedro Pires (1990), Pepetela (1999), Luisa Gaspar (2000), Hélder Martins (2001), Manuel Videira (2006), Alberto Chissano (2010)

Mesa da Direcção da UGEAN
1961. Rabat. Col. Edmundo Rocha

**Viagem clandestina
de estudantes da CEI
até à fronteira de Irun/Hendaye**
págs 200-207 Fotos de Kimball
Jones (CIMADE). Junho/Julho
de 1961. Imagens do Arquivo
da CIMADE, cedidas
pela Associação Tchiweka
de Documentação. ATD



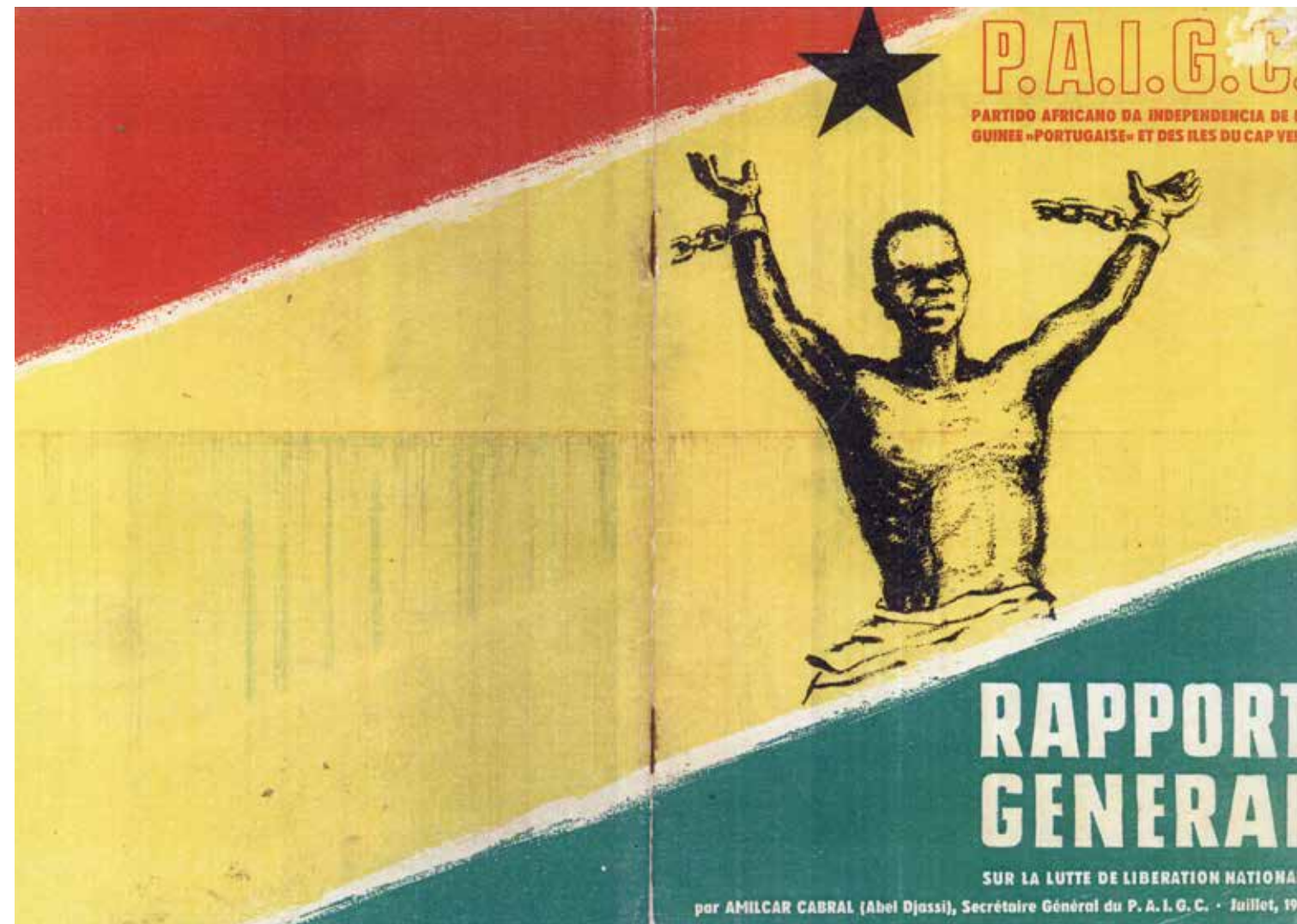








Grupo de estudantes da CEI que partiram para o Ghana
Agosto de 1961. Imagem cedida pela Associação Tchiweka de Documentação. ATD



Rapport General sur la lutte de Libération Nationale par Amílcar Cabral
Julho de 1961. CIDAC.BAC.058/15



Amílcar Cabral
(1924-1973). Secretário
do PAIGC na Guiné.
Foto de 1963. AMS.
DMA-P.05345.002.026



Agostinho Neto
(1922-1979). Presidente
do MPLA.
Foto de 1963. Imagem cedida
pela Associação Tchiweka
de Documentação. ATD



Eduardo Mondlane
(1920-1969). Presidente da
FRELIMO. s/d. PT/TT/Fundo
SNI-ARGF-DO-002.012.32256



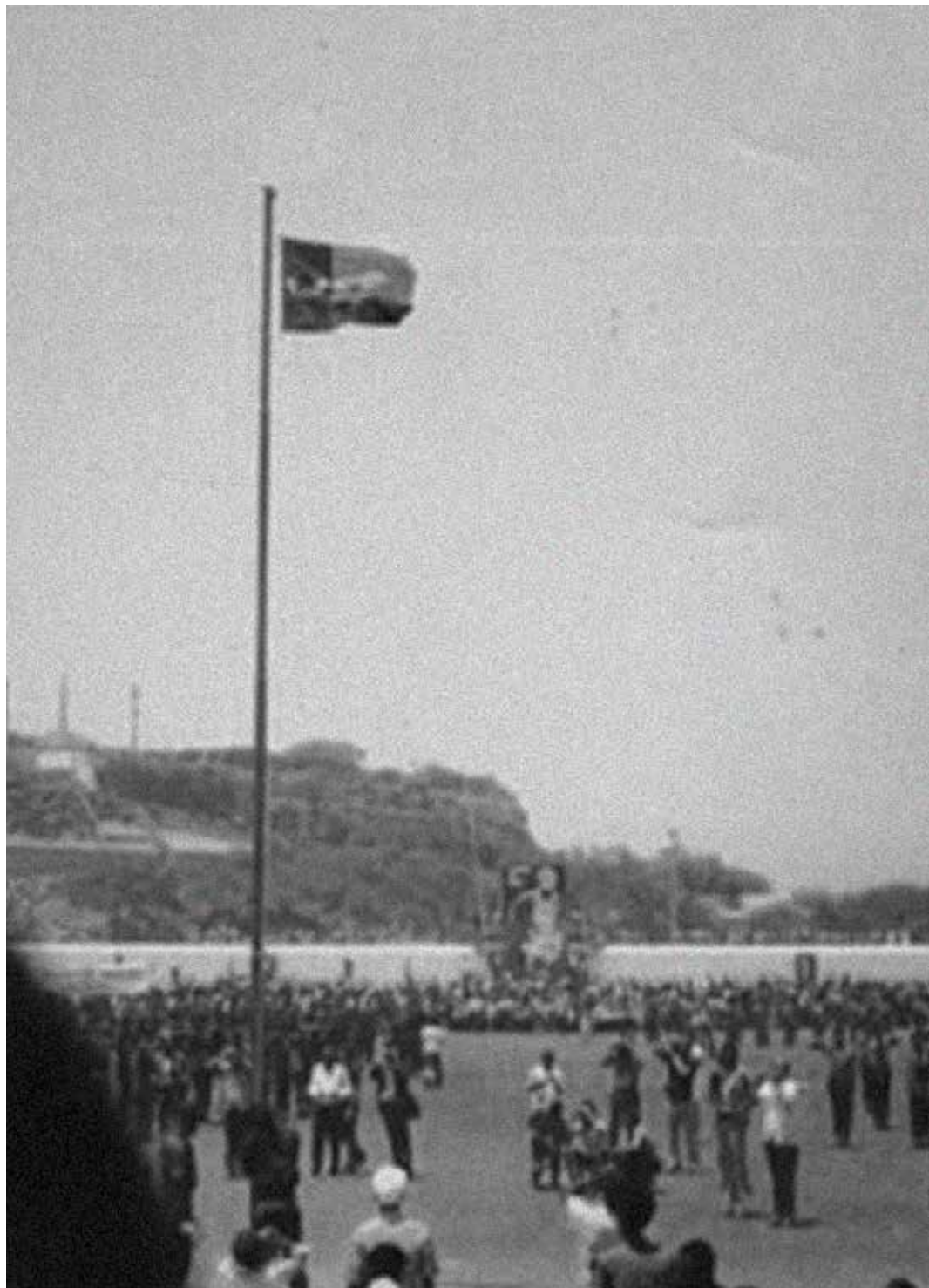
25 de Abril 1974
O 25 de Abril festejado
no Rossio. Lisboa.
<https://www.flickr.com/photos/biblarte/>



**I Assembleia Nacional Popular
da Guiné Bissau**
A região libertada de Madina
de Boé. 23.9.1973. AMS-
DAC.P.05360.000.276

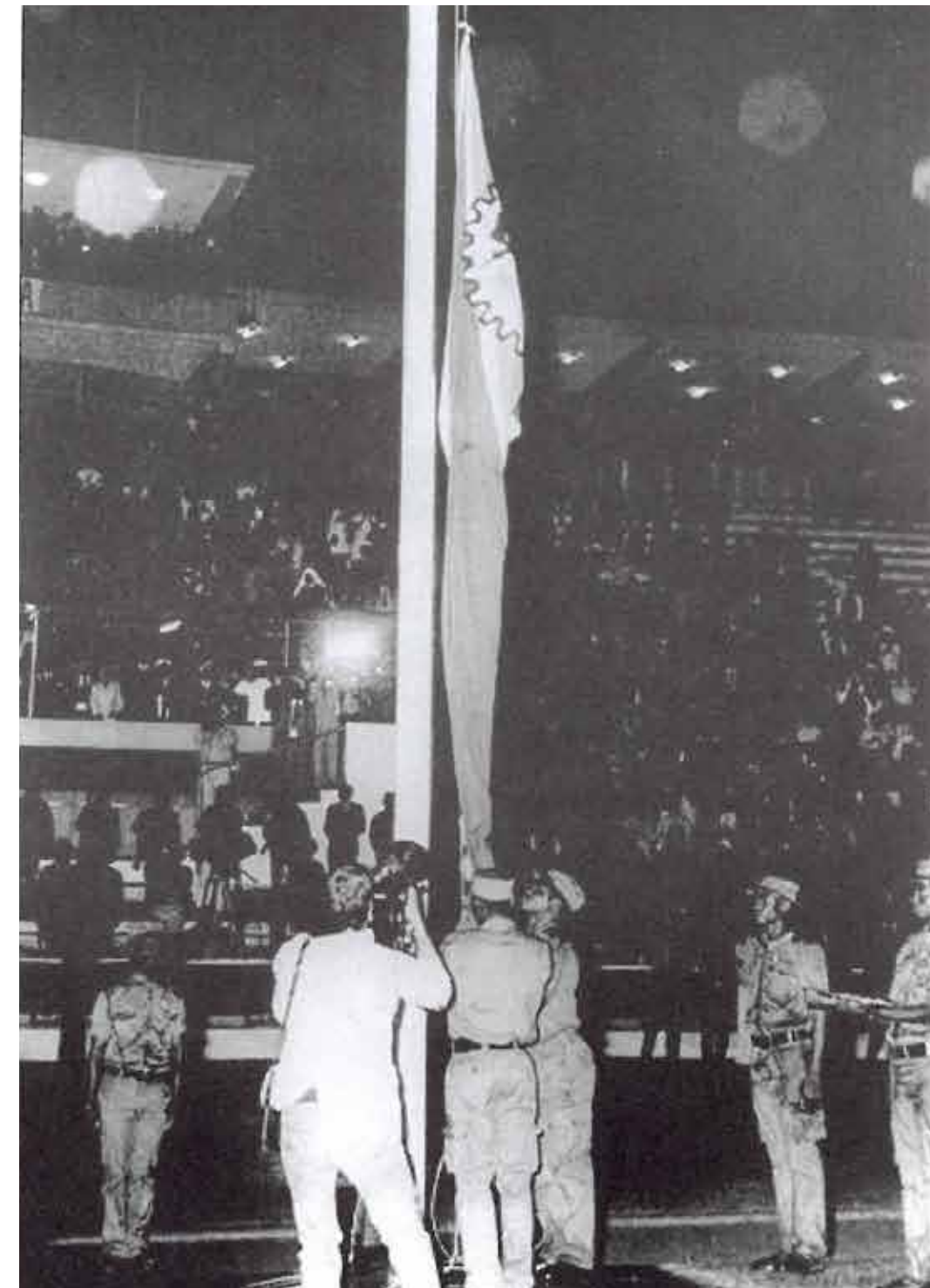


Tribuna presidencial na Proclamação da independência em Moçambique
25.6.1975. Fonte n.i



Bandeira da República de Cabo Verde
5.7.1975. Foto de Jorge Sousa Brito. <http://jorsoubrito.blogspot.pt/2008>

Içar da Bandeira da República de Moçambique
25.6.1975. V. Ferrão. *Embaixador nos EUA. 2007*





Içar da Bandeira da República de Angola

11.11.1975. Imagem cedida pela Associação Tchiweka de Documentação. ATD

Içar da Bandeira da República de São Tomé

12.7.1975. AMS-DAC. P06278.00602



**Chegada de Agostinho Neto
ao aeroporto de Luanda**
4.2.1975. PT/TT/ARQF-FLA. Cxtn-
1-n006



O IÇAR
~~DA~~ DA BANDEIRA
 (Agostinho Neto)
 1959

(POEMA DEDICADO AOS NEGROS DO POVO ANGOLO)

Quando eu voltei
 As cassuarinas tinham desaparecido da cidade
 E também tu
 Meu amigo (lelu
 Voz sofrida de quentes ritmos da terra
 Nas noites do sábado infalíveis
 Também tu
 Harmonia saftada e ancestral
 Ressurgida nos ritmos saftados do Ngola Rítmos

Também tu tinha desaparecido
 E contigo
 Os intelectuais
 A liza
 O farolim
 Os meetings da Infrubotas
 A consciência do que traíram seu amor

Eu chepei no momento exacto do cataclismo
 matinal
 Quando o embrião rompe a terra húmida e úida
 pela chuva
 Brotando jóvens plantas, replaudos centes de
 cor

Eu chepei para ver a ressurreição da semente
 A sinfonia dinâmica do crescimento e do
 fria nas peboas
 Na o sangue e a dor
 Eram uma corrente agorizante dividida
 a cidade

Quando eu chepei
 Era o dia recolhido
 E eu chepei à tempo

Até o sorriso tinha desaparecido da casa
 das crianças

E também os
 Meus bons amigos e irmãos
 Beijo, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
 E quem mais?
 — Centenas, milhares de todos os meus
 amigos

Alguns desapareceram para sempre
 Para sempre vitoriosos no mundo pelo vitor

Quando eu voltei
 Algumas ~~peboas~~ coisas fixadas se moviam
 baixo da terra

Os homens nos céus guardavam mais
 O sol brilhava mais
 Havia juventude calma no velho
 Mais de que esperança era certeza
 Mais de que bondade era amor

Os braços dos homens
 A coragem do soldado
 O suspiro do poeta
 Tudo, tudo, tentando levantar bem alto
 Acima da lembrança do herói
 Ngola Kiluanji
 Raimbo Simba
 Tudo, tentando levantar bem alto
 A bandeira da revolução.

O Içar da Bandeira

Poema autógrafo. 1959.
 Agostinho Neto. Col. Jorgelino
 Andrade

“Sobra com alegria de sabor a vinho novo de amor antigo, a saudade desse nosso tempo de afectos para unir, de ganhar a sorrir, compensando alguma e certa nostalgia do sem quase saudade do presente.

Manuel Rui, 28.10.2014

Porém, a Casa continua a vaguear como cazumbis ou espíritos que percorrem sonhos e corroem pesadelos. Por isso,

VIVA O SABOR DAS PALAVRAS!”

FONTES E BIBLIOGRAFIA

AAVV. *Mensagem. Circular da Casa dos Estudantes do Império*. Lisboa. 1ª série 1948-1952. 13 números

AAVV. *Mensagem. Boletim da Casa dos Estudantes do Império*. Lisboa. 2ª série 1957-1964. 23 números

AAVV. “Os filhos de África em Portugal.” *Antropologia, multiculturalidade e educação*. ICS Lisboa 2004

AAVV. *A Voz Igual. Ensaio sobre Agostinho Neto*. I Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana. Fundação António de Almeida. Porto, Angolê 1989

Accomero, Guya. “Efervescência Estudantil. Estudantes, acção contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)” Lisboa, doutoramento em Ciências Sociais, ICS 2009

Albuquerque, Orlando de – “O grupo moçambicano de Coimbra”. *A Provincia de Angola*, 18.10.1972, p. 8-9

Amorim, Maria Adelina. *Dicionário da Lusofonia*. Texto Editora Lisboa 2006

Andrade, Mário P. de – *Origens do nacionalismo africano*. Lisboa Dom Quixote 1997

Idem – *Uma entrevista dada a Michel Laban*. Edições João Sá da Costa, Lisboa 1997

Idem - *Amílcar Cabral. Uma biografia política*. Cabo Verde 2014

Idem – “Esquema do problema linguístico negro-africano”. *Vértice*. XIII, fevº 1953, nº 114:102-104

Andrade, Mário Pinto de & Christine Messiant – “Sur la première génération du MPLA: 1948-1960. Mário P. de Andrade, entretiens avec Christine Messiant. 1982”. *Lusotopie* 1999:185-221

Associação Tchiweka de Documentação – *Lúcio Lara. Tchiweka. Imagens de um percurso até à conquista da Independência*. 80 anos. Edição Tchiweka, Luanda 2010

Jaime, Drumond & Barber, Helder – *Angola: Depoimentos para a História Recente.1950-1976*. 1ºvol. Luanda 1999

Barradas, Acácio (ed) – *Agostinho Neto, uma vida sem tréguas 1922-1979*. Lisboa 2005

Bastos, Cristiana. “Um centro subalterno? A Escola Médica de Goa e o império”. *Trânsitos Coloniais. Diálogos Críticos Luso-brasileiros*. ICS, Lisboa 2007

Idem. Goa em 1942. A retórica do Império”. *Portugal não é um país pequeno: pensar o Império na pós-colonialidade*. Lisboa, Cotovia 2006

Bennici, Michela – “Memorie Coloniali: La Casa dos Estudantes do Império”. Centro Documentazione Memorie Coloniali, Modena 2012

Borges, P., A. Freudenthal, T. Medeiros e H. Pedro (coord) – *Mensagem. Número Especial do Cinquentenário da Fundação da CEI- 1944-1994*. ACEI, Lisboa 1997

Bragança, Sílvia – *Aquino de Bragança: batalhas ganhas, sonhos a continuar*. Maputo, Ndjira 2009

Campos, Fernando- “O ambiente coimbrão e a presença da produção literária entre os estudantes ultramarinos” in *A Voz Igual*. Ensaio sobre Agostinho Neto. Porto, Fundação António de Almeida 1989

Casimiro, Isabel – “O Movimento Associativo como foco do nacionalismo: o movimento estudantil – NESAM e AAM” [Maputo 1979] in *Os Outros da Colonização*. Lisboa ICS 2012

Castelo, Cláudia – “A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anti-colonial” in 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos, 9, Lisboa, 2010 - *50 anos das independências africanas: desafios para a modernidade* : Actas. Lisboa: CEA, 2010

Idem – “A Casa dos Estudantes contra o Império”. *Público Magazine*. 28.5.1995: 64-72

Idem – “Casa dos Estudantes do Império” in *Dicionário de História do Estado Novo*, dir. de Fernando Rosas e J.M. Brandão de Brito. Vol I. Círculo de Leitores 1996

Idem – “Prémio e Castigo”. *Expresso*.20.5.1995:98-103

Chissano, Joaquim Alberto – *Vidas, Lugares e Tempos* – Texto Editores. Maputo 2011

Cordeiro, Jorge Rabaça C. – *Crónicas de um antigo estudante de Coimbra*. Minerva, Coimbra 2012

Correia, Fernando – *Américo Boavida. Tempo e Memória (1923-1968)*. Luanda 2008

Cosme, Leonel – *Agostinho Neto e o seu Tempo*. Porto, Caminho das Letras 2004

Costa, Ana. B. & Margarida L. Faria (org) – *Formação Superior e Desenvolvimento. Estudantes Universitários Africanos em Portugal*. Coimbra, Almedina 2012

Costa, Orlando da – *Os Netos de Norton*. ASA, Lisboa 1994

Couto, Maria Aurora – *Goa, a daughter’s story*. Penguin Books, Goa/New Delhi 2004

Cruz, Viriato da – *Cartas de Pequim*. Coordenação de M. Laban. Editora Chá de Caxinde, Luanda 2004

Cruzeiro, Maria Manuela & Rui Bebiano – *Anos Inquietos. Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra [1961-1974]*. Edições Afrontamento, Porto 2006

Dáskalos, Sócrates – *Do Huambo ao Huambo. Um testemunho para a história de Angola*. Lisboa, Vega 2000

Idem. *Memórias. A Casa dos Estudantes do Império. Fundação e primeiros anos de vida*. Lisboa, CML, 1994.

Il Congrès des Écrivains et des Artistes Noirs. Rome 1959. Éditions Présence Africaine, Paris 1960

Djassi, Abel – *Factos sobre as colónias portuguesas*. Londres 1960.

Duarte, Manuel – *Caboverdianidade e africanidade e outros textos*. Praia/Cabo Verde, Spleen 1999

Duarte, Dulce Almada – “Os fundamentos culturais da unidade” in *Continuar Cabral*. Ed. Grafedito, Praia 1984

Ervedosa, Carlos – *Era no tempo das acácias floridas*. Editora ALAC, Linda-a-Velha 1990

Faria, António – *Linha estreita da liberdade*. A CEI. Lisboa, Colibri 1997

Ferreira, Manuel (org.) – *No Reino de Caliban. Antologia Panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa*. 3 vols. Seara Nova 1975

Idem & Orlanda Amarilis (ed) – *Mensagem. Boletim da Casa dos Estudantes do Império*. Linda-a-Velha, Edições ALAC, 2 vols. 1996

Ferreira, Pedro – “Casa dos Estudantes do Império: pelo regime e contra o regime.” in Maria Fernanda Rollo et al. (org.), *Atas I Congresso de História Contemporânea* [Em linha]. [s.l.]: Rede de História Contemporânea, 2013, p.468-478

Freudenthal, Aida. “Estudantes goeses na CEI entre Salazar e Nehru”. Comunicação ao Colóquio *A Casa dos Estudantes do Império. 1944-1965*. Fund. C. Gulbenkian, Lisboa, Maio de 2015

Idem. “Um Olhar sobre a CEI”. *Mensagem. Número Especial*. Lisboa ACEI 1997

Freudenthal, A., R. Magalhães, H. Pedro, C. Veiga Pereira (org). *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império. 1951-1963*. 2 vols. Edição ACEI, Lisboa 1994. Reedição em 2015

Gomes, Aldónio & Casacas, Fernanda. *Dicionário de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Caminho 1997

Harper, C. & Nottingham, D. - *The Escape. The Church in action: the secret flight of 60 african students to France*. Lucas Press Books, St. Louis, Missouri, USA. Abril 2015. E-book.

Ignatiev, Oleg. *Amílcar Cabral, filho de África*. Lisboa 1975

Jerónimo, Miguel Bandeira (org) – *O Império Colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições*. Lisboa, Ed. 70, 2012

Idem & A. Costa Pinto – *Portugal e o fim do Colonialismo*. Lisboa, Ed. 70, 2013

Lara, Lúcio - *Documentos e Comentários para a História do MPLA (até Fevereiro de 1961)*. Lisboa: Dom Quixote 2000

Laranjeira, Pires - “Uma casa de mensagens anti-imperiais” Introdução in Ferreira, Manuel e Amarilis, Orlanda (dir.) *Mensagem – Casa dos Estudantes do Império*. Linda-a-Velha. Edições ALAC 1996, 1º vol.: pp. XI-XXXI

Laranjeira, Pires & Ana T. Rocha (org) – *A Noção de Ser*. Luanda, FAAN 2014

Lima, Manuel dos Santos – *As sementes da Liberdade*. Lisboa 1965

Idem – *Anões e Mendigos*. Lisboa 1984

Lobo, Sandra M. Ataíde – “O Desassossego goês. Cultura e política em Goa do Liberalismo ao Acto Colonial”. Tese de doutoramento UNL-FCSH. Lisboa 2013

Lusophonies Asiatiques - Asiatiques en Lusophonies. Lusotopie (Paris) 2000

Margarido, Alfredo - *Estudos sobre Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa 1984

Martins, Hélder – *Porquê Sakrani? Memórias dum médico de uma guerrilha esquecida*. Maputo, Editorial 3º Milénio 2001

Idem. *Subsídios para a história do período mais decisivo da CEI (1953 a 1961)*. No prelo

Mata, Inocência – *A Casa dos Estudantes do Império e o lugar da literatura na consciencialização política*. UCCLA, Lisboa 2015

Mata, Inocência & Laura Padilha (org) – Mário Pinto de Andrade, um intelectual na política. Edições Colibri, Lisboa 2000

Mateus, Dalila C. – *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da Frelimo, MPLA e PAIGC*. Mem Martins, Inquérito 1999

Mateus, Dalila & Álvaro – *Nacionalistas de Moçambique. Da luta armada à independência*. Alfragide, Texto Editora 2010

Matos, Patrícia Ferraz de – *As cores do Império: representações raciais no Império Colonial Português*. Lisboa, ICS 2006

Medeiros, António Tomaz – “Prolegómenos a uma história verdadeira da CEI”. *Mensagem. Número Especial...* ACEI, Lisboa 1997

Menezes, Maria Paula – “Reconfigurações identitárias e a fractura colonial”. Colóquio *Memórias de África*. Portimão 2009

Miguel, Salim – *Cartas de África e alguma Poesia*. Rio de Janeiro, Topbooks 2005

Monteiro, Maria Rosa Valente Sil – *CEI, ceifeiro do sonho*. Centro de Estudos Humanísticos. Universidade do Minho 2001

Monteiro, Óscar – *De todos se faz um país*. Maputo, Associação de Escritores Moçambicanos. Maputo 2012.

Mourão, Fernando A. – *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial*. S. Paulo 2006

Idem – “O Contexto histórico-cultural da criação literária em Agostinho Neto” in *A Noção de Ser*, Luanda 2014:51-64

Navarro, Eduardo Almeida – *Os Órfãos de Portugal*. Rio de Janeiro, Livre Expressão 2013

Idem – “Goa: identidade diferente da indiana”. *Via Atlântica USP*, 17 (2011)

Nóvoa, A. Sampaio da, et alii (ed) – *Para uma história da Educação Colonial*. Porto. Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação. Educa 1996

Pimenta, F. Tavares – *Angola no Percurso de um nacionalista. Conversas com Adolfo Maria*. Porto, Edições Afrontamento 2006

Idem – *Branco de Angola: autonomismo e nacionalismo (1900-1961)*. Coimbra 2005

Idem – *Angola, os Brancos e a Independência*. Edições Afrontamento, Porto 2008

Pires, Daniel Sousa – *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX*. 3 vols. Grifo 1997 e 2000

Querido, Jorge F. – *Um demorado olhar sobre Cabo Verde – o país, sua génese, seu percurso, suas certezas e ambiguidades*. Chiado Editora, Lisboa 2011

Rocha, Edmundo – *Angola. Contributo ao estudo da génese do nacionalismo moderno angolano (1950-1964)*. 2 vols. Kilombelombe, Luanda 2002; 2ª ed. Dinalivro Lisboa 2009

Idem. *O Clube Marítimo Africano. 1955-1961*. Lisboa, BMRR-CML 1998

Rocha, Edmundo, Francisco Soares e Moisés Fernandes (coord) – *Angola. Viriato da Cruz. O Homem e o Mito*. Chá de Caxinde, Luanda 2008

Rosas, Fernando & J. Brandão de Brito (dir) – *Novo Dicionário de História do Estado Novo*. Círculo de Leitores, Lisboa 1996

Sanches, Manuela Ribeiro – “Lisboa, capital do Império. Trânsitos, afiliações, transnacionalismos”. In *Cidade e Império*, organização de Nuno Domingos e Elsa Peralta. Ed. 70, Lisboa 2013:279-318

Idem – (org) *Deslocalizar a “Europa”*. *Antropologia, Arte, Literatura e História na pós-colonialidade*. Lisboa, Livros Cotovia 2005:25-42

Idem – (org) *Malhas que os Impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa, Edições 70, 2011: 309-332

Santos, Mariana Lagarto - “A escola e a ideologia colonial. Contribuição para as nacionalidades africanas de expressão Portuguesa” in Torgal, Luís Reis; Pimenta, Fernando Tavares; Sousa, Julião Soares - *Comunidades Imaginadas - Nações e Nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008: pp. 49-58

Sousa, Julião Soares – *Amílcar Cabral (1924-1973). Vida e morte de um revolucionário africano*. Lisboa, Nova Vega 2011

Tenreiro, Francisco José – *Coração em África*. IN-CM, Lisboa 1982

Tenreiro, F. & Mário de Andrade (org) – *Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. s/l. 1953

Tomás, António – *O fazedor de utopias. Uma biografia de Amílcar Cabral*. Lisboa, Tinta da China 2007

Torgal, Luís Reis; Pimenta, Fernando Tavares; Sousa, Julião Soares - *Comunidades Imaginadas - Nações e Nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008

Veloso, Jacinto – *Memórias em voo rasante*. JVCJ, Maputo 2007

Vieira, Sérgio – *Participei, por isso testemunho*. Maputo, Ndjira 2010

Vilaça, Alberto – *O MUD juvenil em Coimbra – Histórias e estórias*. Porto, Campo das Letras 1998

Xavier, Ângela B. & Catarina Madeira Santos – “Cultura Intelectual das elites coloniais”. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. II Série. 2007, vol XXIV

Zau, Filipe – *Marítimos Africanos e um Clube com História*. Paralelo Editora. Luanda 2007

ORGANIZAÇÃO

CML – Câmara Municipal de Lisboa

Presidente – Fernando Medina

Vereadora da Cultura – Catarina Vaz Pinto

Diretor Municipal de Cultura – Manuel Veiga

UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

Secretário-Geral – Vítor Ramalho

COMISSÃO EXECUTIVA

Coordenação Geral e Curadoria – Jorge Mangorrinha

Consultoria Histórica – Aida Freudenthal | Cláudia Castelo

Textos e Seleção de Conteúdos – Aida Freudenthal | Cláudia Castelo | Carlos Veiga Pereira (colab.) | Rosário Rosinha (colab.) | Rute Magalhães (colab.)

Conceção Expositiva – André Maranha | Joana Cintra Gomes | Rute Figueira

Design Gráfico – Rute Figueira

Digitalização – João Carlos Oliveira | Joaquina Cunha

Execução e Montagem – J.C. Sampaio, Construção

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

Acácio Meireles | Amândio Cordeiro | Amândio Costa | Ana Mesquita e Carmo (espólio Dr. Arménio Ferreira) | António Noronha | António Segadães Tavares | Arsénio de Pina | Artur Costa Salgado | Astrid Carvalho | Celme C. Cruz (espólio Zé Ilídio Cruz) | Conceição Neto | Edmundo Rocha | Eduardo Medeiros | Fernanda Santos (espólio Zé Manel Santos) | Fernando Jorge Colaço | Fernando Pereira | Filomeno Vieira Lopes | Frederico Delgado Rosa | Gracinda Monteiro (espólio Manuel Monteiro) | Isabel Castro Henriques (espólio A. Margarido) | Jaime Menezes | João Oliveira | Jorge Querido | Jorgelino Andrade | José Sonnemberg Fernandes | Judite Cília | Júlia M. Jaleco | Júlio Almeida | Luís Cília | Manuel Rui Monteiro | Margarida Lima de Faria | Maria do Rosário F.V. Monteiro | Maria Ervedosa (espólio C. Ervedosa) | Óscar Monteiro (espólio Fernando Ganhão) | Paula Pena | Sara Boavida | Tomás Medeiros

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

PARCEIROS: FMS - Fundação Mário Soares – Alfredo Caldeira, Catarina Santos | RTP – Rádio e Televisão Portuguesa – António Luís Marinho, Filomena Fernandes, Hugo Alarcão | ATD – Associação Tchiveka de Documentação – Luanda (Angola) – Wanda Lara | CIDAC – Centro de Informação e Desenvolvimento Amílcar Cabral – Helena Teotónio Pereira

COLABORADORES

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo – Silvestre Lacerda, Anabela Ribeiro, Fernando Costa, Paulo Tremeceiro, Rui Manuel Pires | BNP – Biblioteca Nacional de Portugal – Luísa Vaz | IMAGOTECA – Biblioteca Municipal de Coimbra | Livraria Histórica e Ultramarina | Arquivo GES - PCP

Lisboa, 2015

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa | União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

TEXTOS

Fernando Medina | Vítor Ramalho

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Mangorrinha

PESQUISA HISTÓRICA E SELEÇÃO DE CONTEÚDOS

Aida Freudenthal | Cláudia Castelo

SELECÇÃO DE IMAGENS

Aida Freudenthal

CAPA

Composição de Rute Figueira sobre serigrafia de António Domingues, s/título. 1962. Centro Português de Serigrafia, 1ª edição 2002. Col. de C. Veiga Pereira

DESIGN E PAGINAÇÃO

Rute Figueira

REVISÃO DE TEXTO

Sara Simões

IMPRESSÃO

Imprensa Municipal

TIRAGEM

exemplares

ISBN

Rute Figueira com imagem original de António Domingues

DEPÓSITO LEGAL

Lisboa, 2016



